UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

1UNA-HORA-DE-JORNALK

YEAR VOL. COPY PARTIAL TITLE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PN5324
.H64

a 00001 81493 2

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
AUG 30 1996.			
	AUG 01 '96		

Form No. 513

UMA HORA DE JORNALISMO

ASPECTOS ANECDOTAS E INCONFIDÊNCIAS DA VIDA PROFISSIONAL

EDIÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA DE LISBOA

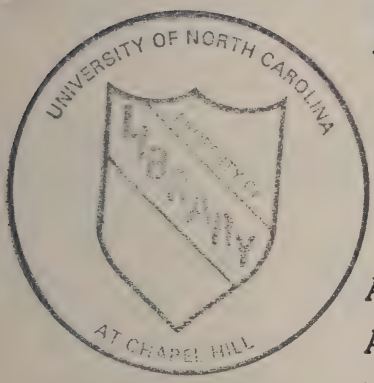
MCMXXVIII

Dr.
[illegible]
[illegible]
[illegible]

RC
C

PN5324
.H64

UMA HORA DE JORNALISMO



ASPECTOS
ANECDOTAS
E INCONFIDÊNCIAS
DA VIDA PROFISSIONAL

EDIÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA DE LISBOA

M C M X X V I I I

Êste livro é propriedade da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa (Associação de Socorros Mutuos) com sede na Casa da Imprensa, à Rua do Loreto, 13 — Lisboa.

Ficam proibidas a tradução ou reprodução, no todo ou em parte, dos artigos contidos no presente volume.

EXPLICAÇAO NECESSÁRIA

STE livro é apenas uma humaníssima obra de solidariedade. Vejam-no assim os que o lerem e criticarem.

Nestas páginas, onde alguns jornalistas deixaram, com o seu carinho, uma parcela do seu talento —há de tudo. Nelas se encontram emoção e irreverência, desabafos sinceros e críticas mordazes, a saüdade enternecida dos que já viveram esta vida e a abnegação galharda dos que ainda se debatem nela. Não pretende ser esta uma obra representativa da mentalidade jornalística. É, simplesmente, uma boa acção, e essas não dimanam do cérebro. São impulsos dos corações generosos, onde moram os sentimentos nobres. Poderiam desejar uns que êste livro fôsse o mais alto índice da cultura dos nossos jornalistas contemporâneos. Contariam outros ver nêle só o repositório dos factos inéditos da vida profissional, aquilo que nunca se escreve nos jornais. Alguns esperariam ainda

encontrar, nestas páginas, apenas as anécdotas das redacções, com seus grotescos e tragédias. Desenganemo-los, já. Não é, exclusivamente, nada disso o livro; e, contudo, é-o, até certo ponto...

Aqui, encontrará o leitor curioso aspectos da vida das gazetas, episódios inéditos de *reportagens*, confidências e, sobretudo, recordações, que emprestarão a esta obra o carácter dum volume de «memórias», sem a monotonia dêsses trabalhos.

Poucos serão os conceitos substanciosos, sôbre os problemas graves, que somos chamados a analisar. Êsses ficaram reservados para os artigos-de-fundo, que, felizmente, ninguem lê.

Raras serão também as notas de alegria, os comentários de ironia sorridente e amável. A profissão torna-nos tristes e, por vezes, amargos.

Não exibirão também os colaboradores dêste livro o drama inenarrável dos que nos jornais labutam. O

nosso orgulho faz-nos calar a tortura desta vida febril dos jornais, em que o trabalho, mal remunerado, é quási sempre feito nas horas em que tôda a gente repousa, na incerteza de as censuras o deixarem publicar, na dúvida de que o público — ávido de emoções mais do que de verdade — o compreenda e sinta. Essa face dolorosa da vida profissional ocultaram-na os que escreveram êste livro, num tácito acôrdo. Respeitemos essa decisão. Não calemos, porém, que a vida do jornalista é dura, nos tempos incertos que correm.

Foi, precisamente, do presente recrescer de angústias que êste livro surgiu. Confessemo-lo. É a dor que gera tôdas as manifestações de beleza. Esta obra, pelo seu significado, enfileira entre elas.
Um espírito gentil, alma compassiva de mulher, a escritora senhora D. Maria de Carvalho, recordou um

dia, nas colunas do *Diário de Lisboa*, que os jornalistas portugueses poderiam, à semelhança dos seus confrades da França, publicar um livro, com colaboração variada e inédita, cujo produto contribuísse para acudir aos que uma violenta crise de desemprêgo expulsara das redacções dos jornais. Logo a mocidade generosa de Norberto Lopes, camarada dos mais distintos e experientes, aplaudiu, com calor, a idea. Ela andava, havia muito, no espírito de todos nós. Bastou encontrar ambiente favorável, para imediatamente pujar vigorosa.

Convidámos os profissionais da Imprensa, desde os mais modestos aos de nomes mais gloriosos, a colaborar nesta obra de solidariedade. Dirigimo-nos a alguns antigos e ilustres jornalistas, hoje afastados da actividade profissional. E foram êsses que, com extremada gentileza, mais larga e brilhante contribuïção deram a êste livro.

Quási todos aqueles a quem convidámos acudiram ao nosso apêlo, enviando-nos, dentro do prazo fixado, os seus trabalhos. A quantidade excedeu, porém, a nossa espectativa. Reconhecemos ser impossível reünir num único volume todos os originais enviados. Cumpriu-se, mais uma vez, o preceito bíblico: Foram muitos os chamados e poucos os escolhidos... Deliberou-se então, seleccionar, para um primeiro volume, alguns trabalhos, reservando, para outro — ou outros — os restantes, se o êxito do primeiro o permitisse. Para essa selecção atendeu-se, em parte, à ordem cronológica dos recebimentos, ao mérito dos trabalhos enviados, e ainda à circunstância de se destinarem a um livro, que só interessaria o público, se nêle pudesse encontrar produções de alguns autores seus conhecidos. O regime do anonimato em que vive a Imprensa portuguesa obrigou a seguir êsse critério, que, se não é o mais justo, é, neste caso e no interêsse

comum — o mais útil. Certo, não se magoarão aqueles cujos trabalhos ficam reservados para futuros volumes, pois a sua colaboração visava apenas a uma obra de solidariedade, e não à exibição dos seus talentos, que têm outros ensejos para se expandir.

Ditas estas palavras de explicação, queremos deixar aqui registada a nossa gratidão enternecida e sinceríssima para todos os colaboradores desta obra, especialmente para os que nenhuns benefícios podem esperar da entidade que a edita. Vai também o nosso profundo reconhecimento para aqueles dos nossos colegas que nos enviaram os seus trabalhos e não os vêem publicados agora, ou por não se conterem na índole do livro, ou por ficarem reservados para outra oportunidade.

A dois dos nossos colaboradores levou a morte, antes que êste livro aparecesse — Câmara Lima e Luís Derouet. Ainda que os seus trabalhos não estivessem

dentro do plano estabelecido, entendemos dever dá-los à estampa, como homenagem à sua memória, e por não ter sido possível pedir-lhes que os substituíssem, como a outros fizemos.

Estreitamos ainda as mãos amigas que para nós se estenderam, generosas, cooperando materialmente nesta obra.

Dezembro, 1927.

A DIRECÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA
DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS
DA IMPRENSA DE LISBOA

ACÚRSIO PEREIRA

LADRÕES DE CRIANÇAS

ós, os homens dos jornais, só sabemos escrever sôbre factos de observação mais ou menos directa. Ainda quando fazemos romance ou quando escrevemos teatro, as nossas personagens são talhadas dentro da maneira de ser de A. ou de B. que encontrámos no caminho. A imaginação — porque não somos relatores secos de um exame como os executores de autópsias — intervém apenas para dar colorido e vida a um acontecimento, para transmitir uma emoção ao leitor. O *reporter* é hoje a primeira figura do jornalismo em qualquer parte do mundo.

Isto passou-se aí por 13 ou 14 de Dezembro de 1919. Então, era eu chefe de redacção no *Diário de Notícias*, que tinha como direc-

tor Augusto de Castro. O nosso trabalho, que algum efeito teve na opinião pública do tempo, surgia de uma íntima camaradagem, de uma coincidência perfeita de objectivos e de aspirações e de um nervosismo de realização absolutamente comum. Eu tinha vinte e oito anos, com muitas mais ilusões do que tenho hoje, infelizmente; e Augusto de Castro tinha o capricho de provar que era um jornalista moderno completo.

Na noite de um dêsses dias, êste mostrou-me, com grande reserva, uma carta do professor D. Luís de Castro, conde de Nova Goa, antigo colaborador do jornal e homem da maior respeitabilidade. O Sr. D. Luís de Castro tinha filhos — que hoje são excelentes e espigados moços — e a sua carta, cheia de generosidade e alarmada de receios, reflectia o seu nobre sentimento paternal. Li o que êle escrevera. Eu também tinha cinco filhos. (O Estado português não costuma premiar as famílias numerosas, de maneira que isto não deve ser tomado à conta de requerimento). O ilustre professor comunicava que, em Lisboa, havia *troupes* de malandrins que se dedicavam a roubar crianças, transportando-as para sítios desconhecidos, para o estrangeiro até, aviltando-as no crime, mergulhando-as em podridão. E apontava um facto concreto: José António Luís Bispo, de 13 anos, aluno de 1.ª classe do Liceu de Gil Vicente, à Graça, morador na Rua do Passadiço, 148, 3.º, dir.to, que conseguira salvar-se das garras dos bandidos.

A idoneidade do signatário, a sua ponderação, a sua inteligência, tudo nos indicava que o *Diário de Notícias* estava à beira de um grande triunfo jornalístico, varrendo da capital, metendo a ferros uma quadrilha de malvados. Nada mais simpático à opinião pública, nada que mais directamente pudesse atingir o sentimento colectivo.

Eu e Augusto de Castro concertámos o que havia a fazer.

Adriano Costa, um espírito de autêntico *reporter* que supria com um notável instinto a sua falta de cultura, honesto, brioso, apaixonado pela profissão, tão discreto para guardar uma *caixa* quanto palrador quando nisso não havia inconveniente, iria ouvir o menino Bispo.

O caso emocionára-nos profundamente. Em minha casa guardando as reservas necessárias para que o alarme não transpirasse, recomendei a maior vigilância sôbre os pequenos, e, não mentirei, se confessar que vivi um estado de permanente desassossêgo.

Ao outro dia, à tarde, Adriano Costa voltava com o resultado das suas pesquisas. Ouvira o rapazito na presença de um tio padre e de umas tias. O Bispo era um garoto inteligente, desembaraçado, vivo, com uma loquacidade que começava a ser eloqüência. Fôra preciso nas indicações e ri, goroso nos pormenores. Á cautela, porém, o Costa tirara informações noutros sítios, e elas só confirmaram a narrativa do pequeno. Não havia dúvida: estávamos na presença de um inaudito crime, de uma tenebrosa quadrilha organizada para roubar crianças. As notícias de desaparecidos que a Polícia transmitira ùltimamente, segundo as queixas que recebera, ainda mais o abonavam.

E foi com a minha melhor sinceridade de jornalista e de pai que escrevi o título que se lê nas últimas três colunas da primeira página do *Diário de Notícias*, de 17 de Dezembro de 1919:

«Um perigo público — Ladrões de crianças — O *Diário de Notícias* descobre a existência de uma temível quadrilha de bandidos — O depoïmento de uma das vítimas — Nas garras dos malvados estão ainda duas crianças — É necessário que a polícia tome providências.»

No segrêdo do gabinete de Augusto de Castro, para que nem mesmo os colegas suspeitassem do que eu escrevia, tracei os primeiros períodos, apaixonados, ingénuos e nervosos:

«A novela de Ponson du Terrail, a novela de Decourcelle, agitada, fortemente dramática, em que a imaginação é a determinante máxima da excitação do sentimento, transforma-se hoje numa cruciante realidade.»

.....

«Não fazemos romance. Não pensamos em sacudir os nervos dos leitores.»

A seguir, em poucas linhas, atirava a escaldante revelação: «Sabemos que, em Lisboa, há uma *troupe* de facínoras que, com seduções de qualquer ordem ou com ameaças, exerce o rapto de menores. É indispensável que a polícia averigúe sem detença quem são os criminosos, lhes lance a mão, e que a justiça faça cair sôbre êles o mais pesado, o mais enérgico dos castigos.»

Depois, com o retrato do menino Bispo, vinha o relato escrupuloso do que o Adriano Costa lhe ouvira.

O pequeno, filho do Sr. João António Luís Bispo, com farmácia na rua Alves Correia, 150, saíra de casa, despreocupadamente, para as aulas, na manhã de 8 de Dezembro. Quando se encontrava sentado num banco, em frente do liceu, surgiram-lhe os malandrins, e um dêles, de revólver em punho, intimou-o a acompanhá-los. Cheia de mêdo, a criança obedeceu. Atravessaram muitas ruas, entraram no Bairro Alto, desceram para o Tejo, e, no recinto da doca de Alcântara, junto a uma barraca de madeira, quartel-general da *quadrilha*, o grupo parou Entretanto o Bispo fôra interrogado sôbre a sua família, os haveres do pai, onde os guardava, etc.

Alimentado a pão com chouriço durante uns dias, o pequeno assistiu às reüniões do bando. Um dos malvados tinha a alcunha do *Mata-Piolhos*. Na sua presença, à noite, faziam o relato das proezas que, durante o dia, haviam praticado. E os seus olhos inocentes viam relógios, pedaços de corrente, jóias diversas.

Submetido a uma vigilância rigorosíssima, não lhe era possível criar quaisquer veleidades de fuga ou esperar socorro. Até que uma manhã dois dêles o levaram ao consultório de um dentista cujos nome e morada indicou. Era preciso, ali, um empregado, e o menino Bispo foi aceito, consistindo a sua obrigação em atender os clientes, dar copos com água aos que lhos pedissem e levar cartas. Os dois homens, que ficaram vigiando, um na escada e outro na rua, queriam saber onde se guardava o dinheiro.

O primeiro dia não trouxe nenhum facto particular. No segundo, o dentista encarregou o pequeno de levar uma carta ao manicómio Bombarda. Acompanhou-o um dos bandidos. Ao passarem numa rua, o caixeiro de uma loja, amigo da família Bispo e sabedor do desaparecimento da criança, viu-a. Saltou do balcão e precipitou-se para ela. O malandrim fugiu. José Bispo estava salvo!

E José Bispo, com o transporte inocente dos seus 13 anos, exclamou perante o *reporter* comovido:

— Eu não cabia em mim de contente!... Ia tornar a ver o meu papá, a minha mamã, os meus manos!... Como eu estava contente!... Daí a pouco apareceram as minhas tias, que, loucas de alegria, me levaram para casa!

Adriano Costa, a espumar revolta, interrogou:

— E seria capaz de reconhecer os malvados?

— Muito bem! — respondeu o pequeno, com vivacidade — Olhe, um dêles é marreco, e, de dia, quando tinha de ir ao centro da cidade, punha, para se disfarçar, umas barbas postiças, farto bigode e grande cabeleira!

Terminado e composto o artigo, aguardei impacientemente a hora de fechar o jornal. De madrugada, pus os colegas que se encontravam na redacção ao corrente do que se passava. D. José Paulo da Câmara e Abel Moitinho devoraram, febris e indignados, o relato das scenas de rocambolesco banditismo. E todos nós, cheios de sagrada re-

volta, capazes de devorar a quadrilha sem dela deixar vestígios, resolvemos levar a notícia, em provas, ao oficial da polícia que estivesse de serviço no govêrno civil e, em nome de todos os pais ameaçados de ficarem sem os filhos, reclamar providências imediatas. Assim fizemos, levando a reboque o Anselmo Franco, *reporter*-fotógrafo, derreado ao pêso da máquina. O oficial, Sr. major Sampaio, repousava. Pedimos que o acordassem. A gravidade do acontecimento não admitia demoras. A vantagem estava em surpreender os ladrões de crianças antes que o jornal, começando a circular, os pusesse de sobreaviso, levando-os, cautamente, a dispersarem-se.

O Sr. major Sampaio recebeu-nos logo, num gabinete contíguo ao seu quarto. Em meia dúzia de palavras expus-lhe o caso e apresentei-lhe as provas tipográficas da notícia. Os cinco — eu, José Paulo, Moitinho, Adriano Costa e Franco — silenciosos como se assistíssemos à auscultação de um doente grave, seguiamos-lhe no rosto o efeito do que lia. Alarmou-se, comoveu-se. ¿Quem não se alarmaria e comoveria, se nós, jornalistas, acostumados a tratar os acontecimentos sensacionais, quási embotada por êles a sensibilidade, nos alarmámos e comovemos?

O major Sampaio esboçou o plano e comecou a executá-lo imediatamente. A esquadra de Alcântara foi posta de prevenção pelo telefone. Chamaram-se agentes de investigação, entre os quais José Francisco Xavier. Aprontaram-se dois automóveis e uma *side-car*.

Rompia a manhã quando largámos a tôda a velocidade em direcção ao covil dos bandidos. A certa distância da esquadra de Alcântara mandámos parar. Era útil não dar nas vistas em demasia, não fôsse o caso terem os meliantes um bem montado serviço de informação. Minutos depois, uns quinze ou vinte guardas, providos de *casse-têtes* e revólveres, em linha de atiradores, atravessavam a passagem

de nivel e embrenhavam-se nos terrenos da doca. Nós, os jornalistas, iamos à frente, em grupo, com ar despreocupado, mas espiando ansiosamente cada rosto que encontrávamos, e onde se espelhava admiração por aquele aparato de fôrça.

Estava frio. As golas dos sobretudos, levantadas, mal nos defendiam do vento cortante da barra.

Enfim, a doca. Começava a faina junto dos navios atracados.

Apressadamente, percorremos o recinto. Barracas, cabanas, nada ficou por inspeccionar. Interrogámos, vagamente, o proprietário de uma taberna, vazia de freguêses. Fizemos parar modestos trabalhadores que seguiam a marcha da sua vida. Três ou quatro vezes demos a volta aos cais. Nada que estabelecesse um indício sôbre a quadrilha.

O agente Xavier alvitrou que se fôsse buscar o José Bispo, que indicaria o local do seu tenebroso cativeiro. Saltou numa *side-car* e partiu.

Entretanto, inùtilmente, fazíamos novas pesquisas.

O *Diário de Notícias* iniciava a sua volta pela cidade, levando a cada casa, em negros caracteres, o pavoroso sinal de alarme.

Esperámos longos minutos. O frio, a humidade, regelavam-nos. Impacientemente, batíamos com os pés no chão, levantávamos as golas dos sobretudos. O nervoso fazia-nos acender cigarros sôbre cigarros. Uma vendedeira ambulante forneceu-nos o suficiente para tapar a fome que aparecera. Nos molhes, a vida corria indiferente. Ah! se todos êsses homens adivinhassem o perigo de que iamos libertar seus filhos!

Nisto, apareceu a *side-car*, acompanhando um automóvel donde se apearam um rapazinho insinuante, desenvolto, de olhar inteligente, e um padre. Eram o menino José Bispo e seu tio. O pequeno, com um desembaraço que só

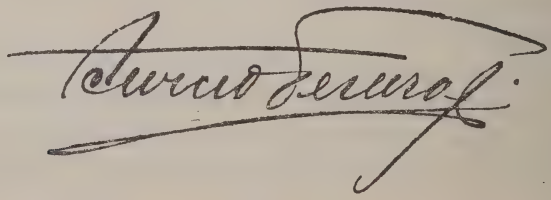
nos inspirava confiança, tomou a cabeça do grupo. Agora, sim; se não pilhássemos os malvados, saberiamos onde era o seu poiso. A polícia faria o resto.

José Bispo, como se conhecesse o local a palmos, avançava com rapidez. Onde seria? Onde seria? Nisto, êle suspende-se e, perante a nossa surprêsa e o nosso desapontamento, indica uma barraquita, que já tínhamos visto e a que não ligáramos importância, medindo, o máximo, dois metros quadrados, construida com tábuas velhas que um pontapé desmancharia, e que não tinha uma altura superior a metro e meio. A porta não chegava a tapar o orifício de saída.

Com o amargor das desilusões na bôca, considerámos que fôramos enganados por um imaginativo garoto de 13 anos! E, em silêncio, curvados, vencidos, abandonámos a doca de Alcântara.

No Govêrno Civil, o menino Bispo, vermelho como um pimentão, confessava ao agente Xavier que resolvera experimentar aventuras, mas, como vira falhar o seu plano, inventara o entrecho do romance em que eu e alguns colegas figurámos sem êle querer, destruindo a mentira laboriosamente arquitectada para o pacato e crédulo seio da família. Ah valente puxão de orelhas!

E o *Diário de Notícias*, berrado pelos vendedores, nesse dia parece que com mais fôrça e mais entusiasmo, continuava a circular, espalhando o terror entre pais e mães, através da notícia mais sincera que em dezassete anos de jornalismo tenho escrito.



ALFREDO DA CUNHA

AUTO-ENTREVISTA DE UM ANTIGO DIRECTOR DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

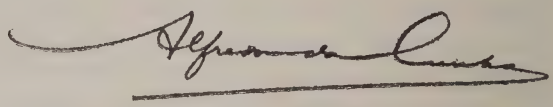
VELHO ou novo, em activo serviço ou na disponibilidade, o jornalista tem de ser da época em que escreve e exercer a sua profissão de conformidade com os processos correntes no seu tempo. Em jornalismo, escola antiga é escola morta! Cônscio desta elementar verdade, e obediente ao honroso chamamento de quem veio, com o seu convite, sacudir a ferrugem da minha pêna voluntàriamente aposentada, recorrerei, para me desempenhar do encargo, ao sistema, agora cada vez mais em voga, de fazer reportagem — a entrevista — secção obrigada de tôda a gazeta que se preza. E já que ninguém me procurou para, de viva voz, colhêr as minhas impressões, de memória, que diligenciarei tornar tão fiéis

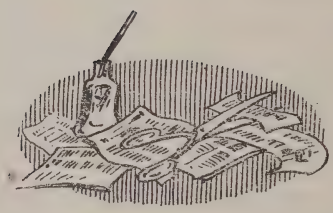
quanto dizem que são as dos dedos, quando colhidas para outros fins, entrevistar-me-ei a mim próprio.
Interrogar-me-ei, pois, com aquele ar, simultâneamente grave e perscrutador, ponderado e coscuvilheiro, com que eu o faria, se fôsse reporter, a alguém que, durante 25 anos, houvesse exercido as funções de director de um grande jornal, como aquele cuja orientação e destinos me foram confiados.
— Qual foi o dia mais feliz do quarto de século durante o qual esteve à frente do *Diário de Notícias?*—inquiro-me, numa intuspecção rigorosa, exteriorizada por uma espécie de ventriloquia, em que o que dá a resposta pretende passar por não ser o mesmo que faz a pregunta.
— Aquele em que os representantes da imprensa e das chamadas fôrças vivas da capital, juntando na mesma homenagem a minha pessoa, então presidente da Direcção da Associação dos Jornalistas de Lisboa, e a do meu velho e bondoso companheiro de trabalho Brito Aranha, que presidia à assemblea geral daquela falecida sociedade, ofereceram aos dois um banquete solene. Entre outros predicados e méritos, que nunca em mim descortinei, mas que a generosidade dos manifestantes exaltou, um apenas eu reconheço que efectivamente possuí sempre—o da paixão, tão desinteressada como ferverosa, tão isenta de parcialidade e de facciosismo, como animada de devoção e de respeito, pela minha profissão de jornalista — paixão que ainda hoje conservo, posto-que sob a forma estéril de amor platónico... Periodistas dos mais variados matizes partidários e oradores dos mais diversos credos políticos, fizeram essa justiça ao director do jornal sem côr política ao qual todos se mostraram gratos por alguma atenção amigável, ou por alguma prova espontânea de solidariedade e de leal camaradagem.
— Qual foi o dia em que se sentiu, como director do *Diá-*

rio de Notícias, e, em tal qualidade, como continuador de uma honrosa tradição e herdeiro de uma pesada, mas ennobrecedora, tarefa, mais a bem com a sua consciência?
— Aquele em que pude prestar, na comemoração do cinqüentenário da fundação daquela fôlha, e junto do monumento que lhes enaltece as memórias, aos dois honestos e beneméritos homens que tão corajosamente a criaram — Eduardo Coelho e Tomás Quintino Antunes — o preito da minha gratidão e da minha saüdade.
E, ao fazê-lo, com a convicção íntima de nunca haver falseado o programa por êles imposto ao seu periódico, testemunhei a minha admiração pela sua grande obra, que rasgou horizontes mais amplos à imprensa portuguesa, por meio de innovações hoje de difícil aprêço e valorização para os que já nasceram na vigência de um jornalismo actualizado e senhor de tôdas as conquistas modernas de aperfeiçoamento e divulgação.
— Quais foram as campanhas em que mais apaixonadamente fêz intervir o *Diário de Notícias* e cujo triunfo maior satisfação lhe deu?
— As de beneficência, das quais citarei a do chamado *Concurso de pobreza.* Mas outra veio mais tarde, na qual, por assim dizer, culminou a influência do *Diário de Notícias* no espírito público, poucos meses antes de eu abandonar a sua direcção: a campanha porfiada que levou a bom têrmo a subscrição a favor dos prisioneiros portugueses da grande guerra, caídos em poder dos alemães. Essa subscrição, em algumas semanas, elevava-se à cifra, nunca antes nem depois atingida e da qual nenhuma outra me consta que se houvesse aproximado em Portugal, de mais de 100 contos daquele tempo — fins de 1918 — ou seja o equivalente a cêrca de 2000 contos do dinheiro de hoje!
E termino, por aqui, esta amostra de auto-entrevista, sem mesmo, como aliás é da praxe em casos tais, me alongar quanto às

condições de tempo, lugar e modo em que ela se realizou; sem descrever, como é obrigatório para um reporter digno dêste nome, móvel por móvel, o recheio da casa, e, peça por peça, a *toillete* do entrevistado; e sem me referir sequer ao número de cigarros que êste, para ardilosamente captar as boas graças do entrevistador arguto, lhe ofereceu durante o colóquio, decorrido no mais cordial dos entendimentos...

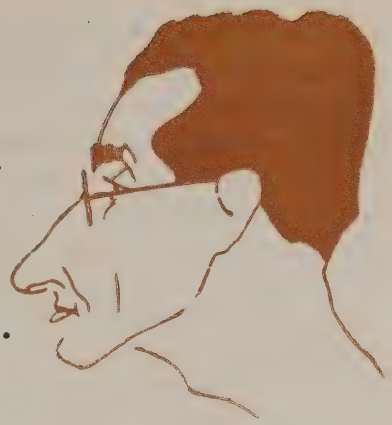
Assim se ganhará, em vantagens de concisão, o que lamentàvelmente se perderia em minúcias de bisbilhotice!





ÁLVARO MAIA

LIBERDADE DE IMPRENSA...



NINGUÉM se entrega, ninguém se entrega, senhor oficial! Estamos aqui para defender a nossa casa: daqui não sai ninguém!... Fomos atacados a tiro por tôda aquela malandragem que só quere entrar aqui para destruir o jornal e roubar, roubar, deitar as unhas a tudo, corja de ladrões e de assassinos!... ¿É crime, senhor oficial, é crime a gente defender-se dos gatunos com duas agulhetas de incêndio? ¿Então é crime a gente defender-se, com água, dos penitenciários que nos querem assaltar a casa? A gente não sai daqui, senhor oficial: escusa de insistir; daqui não sai ninguém e V. Ex.ª não nos pode prender. Se cá entrou mesmo foi porque nós deixámos e o senhor disse que nos vinha defender! Rica protecção, senhor oficial: prender-nos a todos, que é para a malandragem entrar aqui e destruir tudo!... Ó rapazes, até dá vontade de gritar: Viva a Monarquia!.. Não nos entregamos! não nos entregamos! aqui não entra ninguém!

... É uma onda escachoante e gaguejada que nos sobe do coração garganta, sêca e enrouquecida... Há três horas

que esta redacção é um inferno: grita-se, berra-se, fazem-se barricadas, retruca-se violentamente à vaga de insultos, de tiros e pedradas que uma rua acogulada de assaltantes atira sobre nós quando a fazemos recuar à mangueirada!... Lá em baixo o portão é seguro, mastodonte de pau preto que se ri dos empurrões desesperados da malta açulada: ninguém o bota dentro!.. A porta da escada é de ferro e, sendo preciso, ligamos para lá a electricidade; pelas traseiras não entra ninguém .. O oficial sente-se perplexo: vê que temos razão e, ao mesmo tempo, não quere desagradar à populaça que ulula um clamor imenso na vasta calçada que as agulhetas de incêndio transformaram numa lagariça...

— Está resolvido, ó rapazes, hein? a gente não se entrega! O senhor oficial pode-se ir embora, se quiser: já repelimos dois ataques daquela corja — feitos com a cumplicidade dos seus homens, senhor oficial!—e repeliremos também todos os outros! Ó rapazes: vamos a isto! vamos a isto! Viva a Monarquia! Abaixo a canalha!...

... A sala da redacção, com os candieiros todos partidos e alumiada apenas pelo luar que do alto se entorna sôbre a rua, é um imenso inferno de destroços... Todos os vidros das janelas, atacados a tiro e por uma saraivada de pedras, voaram em estilhaços, espalhando-se pelo soalho... Calcamos vidros, esparrinhamos água... Os móveis foram derrubados, as cadeiras feitas em cacos: há gente que vai e que vem, ordens que se dão, nomes que se gritam... Duas enormes mangueiras, caídas no chão da sala, vomitam cachões de água espadanando nas paredes, embebendo os tapetes, escoando-se tumultuosamente pelas varandas e indo cair lá em baixo, com estrépito, em grandes toalhas líquidas sôbre as pedras da calçada... Na rua, a vozearia é espantosa: estão quási todos encharcados os assaltantes; há milhares e milhares de energúmenos que vociferam imprecações, insultam, atiram pedras, disparam pistolas — um

bru-ha-ha retumbante de gentiaga que, de vez em quando, se esgueira por entre a cavalaria, se aproxima da porta e foge depois a unhas de cavalo, encharcada até aos ossos, dando urros de desespêro quando lhe assestamos as agulhetas cá das janelas despedaçadas... As ordens são rigorosas: quem se aproximar apanha uma trombada de água impetuosa e rebola pela calçada esfocinhando nos charcos: o ímpeto do jôrro é de tal fôrça que, ainda há pouco, um guarda republicano — atrás do qual a grande malta vinha surrateiramente para atacar o portão — foi atirado, por mim, do cavalo abaixo como uma formidável chapoirada de água... — Ó rapaziada: vamos ao resto! Aqui dentro ninguém se entrega nem entra ninguém!... Ó Falcão: abre a água!... Ó Romano: você quando quiser diga que se despeja logo esta pistola para cima da canalha! Ninguém se entrega! ninguém se entrega! Viva a Monarquia!

... Mas as minhas palavras—sinto-o bem!—já não encontram eco forte entre os companheiros! Só eu, o Vítor Falcão e o Romano — que havia organizado a defesa — só nós, a bem dizer, somos pela resistência furiosa até de manhã .. O Sr. oficial já deu a sua palavra de honra de que, se nos entregarmos, deixará ali guarda suficiente para defesa do prédio e dos haveres do jornal, ganha-pão de muitas dezenas de indivíduos e sagrado pelas extenuantes vigílias de alguns meses, à espera dos ataques da vilanagem... Mais tarde, venho a saber que o comandante da fôrça só lá deixara dois polícias... desarmados e com ordem de não intervirem se a populaça quisesse entrar. É quási uma hora da noite: desde as nove e picos não há descanso, estamos todos extenuados e a grande maioria é pela entrega... Há já mesmo quem berre que estamos ali a agravar a nossa situação com a resistência às autoridades. O Sr. oficial prometeu! o Sr. oficial deu a sua palavra

de honra! Alguns dos companheiros nossos, entre êles o Fausto Vilar e o Mimoso Ruiz, esgueiram-se pelas traseiras, saltando um alto muro, a que se encosta do lado de lá uma grande palmeira, e vão refugiar-se num palacete vizinho; entre os que querem ficar ali connosco até ao fim, destaca-se a figura hercúlea do Teles, da tipografia, membrudo, acarvoado, a camisa em tiras, vozeirão tonitruante... O Falcão precipita-se de novo para a grande roda da água: eu e o Elói marchámos outra vez para as janelas, de agulheta em punho. A multidão recua espavorida: até a própria cavalaria se afasta ferindo lume das patas, por tal forma o jôrro atemoriza a cáfila dos assaltantes e os seus cúmplices da Guarda... Mas, debalde nos arrepelamos, debalde discursamos inflamadamente: a maioria quere-se entregar... O Sr. oficial deu a sua palavra de honra, que diabo! Não sejamos mais papistas que o papa, senhor doutor! O Sr. oficial prometeu!...

Lá fora a vozearia é espantosa... Adivinha-se o anseio da pitança: a porta da rua leva embates tremendos; ouve-se o bater das coronhas no passeio, o jôrro de água que se escoa nas varandas e vai diminuindo gradualmente o tropear dos cavalos...

— Ó rapazes: ninguém se entrega! ninguém se entrega! Olhem que isto vai ficar tudo destruído! É um suícídio, rapazes!...

Inútil... Abre-se a porta da escada, escancara-se o portão da rua... A infantaria formou: de roda está um esquadrão...

... Deveríamos ser ao princípio umas cem pessoas; agora somos quarenta e oito presos, entre redactores, tipógrafos, pessoal da administração e alguns amigos que quiseram ficar até ao fim... Enfileirámos dois a dois, entre uma companhia da Guarda, de carabinas aperradas, e um esquadrão de

cavalaria... A rua, de-lés-a-lés, vai cheia de balbúrdia, de escumalha réles que vocifera, grita, barafusta, agita sarrafos e cacetes, puxa de pistolas e se mete por entre os captores, agredindo, socando, esmurrando, distribuindo paulada a torto e a direito... Maré cheia de ciganagem que trescala vinhaça e aguardente, ulula imprecações contra os presos, dá vivas à República e se prepara já para o assalto ao jornal, safando-se com o que puder levar, precipitando pelas janelas o que fôr pesado de mais! O Correia Marques apanha lenha de cair e, pela rua abaixo, entre a indiferença paquidérmica da Guarda, é tamanha a enchente de gentalha, cercando-nos, agredindo-nos e vaiando-nos que, a bem dizer, já nenhum dos partidários da entrega pensa como há bocado... Já ninguém tem ilusões: não escapa ninguém a, pelo menos, uma tareia colossal!... O Romano tem a cabeça a jorrar sangue: deram-lhe com um ferro que lhe furou o côco e lhe esmocou o crânio; a mim deram-me com um sarrafo tremendo: o chapéu de palha voou em estilhas, ficou-me a cabeça num lázaro, a testa escoriada, o cabelo empastado de sangüeira... A Guarda, essa finge intervir, aperra as carabinas, esboça corrimaças frustres contra a canalha... Comédia, tudo comédia!... Nenhum de nós espera sair vivo dêste inferno!... Amparado a um dos meus colegas, sob o chuveiro de pancadaria, oiço, ao voltar a esquina da Rua do Ataíde, o tripudiar, a algazarra dos que já assaltaram o jornal e botam pelas janelas fora o mobiliário riquíssimo que vem escaqueirar-se na rua, entre uma balbúrdia de aplausos e de vivas à República... Um soluço de crudelíssima, de inarrável amargura vara-me o coração, vem expirar nos meus lábios... Sob o dilúvio de insultos e de pancadas, tenho a percepção nítida de que vou morrer... E nunca a perspectiva da morte me afligiu tão pouco!... Mentalmente, ergo o pensamento a Deus e rezo com a devoção esperançada de quem sabe que vai prestar

contas de uma vida inteira Áquele que tudo premeia e sabe castigar com infinita misericórdia... Rezo com a devoção de quando era novinho e minha pobre mãe me levava à igreja!... Não tornarei mais a ver a minha pobre velhota... Um soluço de saüdade e desespêro — o desespêro dos vencidos! — aperta-me a garganta, sêca e enrouquecida... Mais bordoada: sôbre os desgraçados presos chovem os murros, despenham-se os sôcos, atiram-se pontapés como catapultas, chovem cacetadas... Desde que estamos em liberdade de imprensa há também liberdade de pôr os jornalistas num bôlo...

Neste momento porém não é a pancadaria formidável o que mais me atanaza o espírito... Só dois sentimentos me dominam exclusivamente: a saüdade por alguém que não verei mais — assim o julgo — e o desejo feroz de meter debaixo dos pés esta alimária de carabina que, a meu lado, enquanto eu apanho um dilúvio de bordoada, me afirma, categórico e solene:

— O cavalheiro esteja descansado! Enquanto eu fôr a seu lado ninguém lhe toca!...

E ala para o Govêrno Civil!... Batem com fôrça no empedrado as sapatorras da Guarda; brilham as baionetas, chispam fogo do macadam as patas dos cavalos; ulula a matulagem... De tôdas as travessas vêm bocadas de gentiaga, um mar de assaltantes. Da calçada, que as agulhetas transformaram num charco, escorrem as águas para a Rua do Ataíde; na redacção, as janelas escancaradas, a escorrer, e cheias de destroços sombrios, parecem bocas desdentadas... A esta hora, pela certa, já não há em Lisboa um só jornal monárquico que esteja inteiro: tudo foi destruído, roubado, empastelado... Desembocámos na Rua do Alecrim, endireitámos para a do Ferregial... Vem gente às janelas, àquela hora da noite, presenciar a trágica procissão,

atraída pelo vozear imenso e pelo tropear da cavalaria que nos ladeia. E a pancadaria não cessa: vamos num feixe, moídos a sôco e à cacetada. Temos fôlego de gato para resistir a êste bodo extraordinário!... Alguns já levam o fato em tiras e a cabeça num pastel de nata; por mim, a quem os assaltantes viram à janela de agulheta em punho, apanho bordoada de cego: o meu heróico protector da Guarda quási me leva de rastos sob o dilúvio de cachações... ... Um luar álgido e resplandecente entorna-se lá do alto, vencendo alguns batalhões de núvens que se encastelavam no céu; faz correr scintilações frias sôbre as baionetas, põe arrepios de prata líquida no lombo dos corcéis, na mole imensa dos manifestantes, nas vidraças da casaria... Desembocámos na Rua Vítor Cordon, entre grandes palácios, fechados como túmulos. A vozearia é cada vez mais forte. Aqui o cortejo, devido a uma hábil manobra, desmancha-se um pouco e recrudesce portanto a bordoada sôbre os presos... Até que, formados de novo, subimos para o Largo da Biblioteca, seguimos pela Rua Ivens e tornejámos laboriosamente a primeira travessa à esquerda... Estamos defronte do Govêrno Civil: sôbre nós fecha-se um cordão de polícia que impede o ingresso aos manifestantes...

... Santo nome de Deus! nunca imaginei que a liberdade de pensamento fôsse portadora de tamanha coça nos lombos de um jornalista! No pátio grande, — sinistros paredões esfuracados por janelas, — apalpámos os ossos, fazemos pensos provisórios, constatámos o mau estado geral do arcaboiço... A maioria dos presos está sem chapéu, o fato em tiras, a cara numa posta, o crânio num lázaro. O Vítor Falcão, com aquele corpanzil de frade bernardo, apanhou tareia por dois; o Romano tem a cabeça a escorrer... Mal nos podemos ter em pé, tamanha foi a dose de pancadaria: estamos todos moídos por uma resistência furiosa a

milhares de assaltantes, todos nós temos mazelas, estamos feridos, desesperados... Viva a liberdade de pensamento!... Um Sr. polícia vem buscar cada um de nós por sua vez. O interrogatório é rápido e, quem foi, volta daí a poucochinho para, lá ao fundo, à esquerda, se sumir com o polícia, tragado por uma porta que é um boqueirão de sombra. Chega a minha vez e sou levado a um cubículo sorna, porquíssimo, cheirando a lôdo, semeado de pontas de cigarro e de cuspinheira de fumista: está lá um Sr. cabo que inquire da minha identidade e o que diabo estava eu a fazer no jornal. Furiosamente, os ossos amolgados, a cabeça ourada e cheia de pastas de sangue, as palavras precipitando-se de roldão pela bôca ressequida, protesto indignadamente, colèricamente, contra a forma como se permite a destruïção dos periódicos e se trata os jornalistas!... — Ó seu guarda!... Leve lá também êste gajo p'r'ós calabouços! E venha outro!...

...Sigo por ali fora, desesperado... O Sr. oficial da palavra de honra sorri... Mergulho pelo boqueirão de sombra, lá ao fundo, à esquerda do pátio, meto por um corredor mais engraxado do que a consciência de um político, e acho-me de repente sôbre um passadiço; umas escadarias de ferro bambaleantes conduzem-me lá abaixo, ao porão do Govêrno Civil aonde o govêrno da República armazena os vadios, os gatunos, as prostitutas e os jornalistas também. O polícia mete a chave a um portão de grade e atira-me lá para dentro, aonde os braços dos outros jornalistas me recebem... É o calabouço 2...

...Ah meu Deus! meu Deus!... Cem anos que eu viva nunca poderei esquecer aquele calabouço para onde nos atiraram como cadastrados... A princípio, o que me faz recuar apavorado é o insuportável fedor: sinto um nó dilacerante nas tripas, dilata-se-me a garganta num vómito

horrível, levo as mãos à cabeça entontecida... Aquilo é de tombar, é de arrasar... Os pés afogam-se em imundície, há ventres que se esvaziam, arrotos avinhados, um imenso fartum de bodes acumulados... O calabouço é uma quadra acanhada, escuríssima, trescalando porcarias por todos os lados, ensopada em urina, paredes acarvoadas, teias de aranha monstruosas. Á direita de quem entra está a pia dos despejos, sôbre a qual se amontoam as dejecções de dezenas de pessoas, sem que, até agora, tenha havido uma alma caridosa que deite ali um cântaro de água... Para nos livrarmos da papada ignóbil em que se nos atolam os pés, trepámos para um ressalto do chão e ali nos deixamos ficar, procurando receber no rosto o ar que penetra às lufadas pelas grades da porta... Mas o tormento daquele fedor insuportável, santo Deus!... Cheira a azêdo, a montureira, a suor de galego, a pés, a roupa suja... Cada um de nós fuma desabaladamente para purificar aquela atmosfera infernal... Ao fundo e a tôda a largura, uma tarimba côr de chocolate sôbre a qual se empilham gatunos, desordeiros, faquistas e fadistas, todos êles ferrados no sono sob o dilúvio de vérmina que lhes faz atirar coices furiosos sem os acordar... Das paredes húmidas e achocolatadas descem, em filas compactas, aguerridos batalhões de percevejos, dos que usam revólver e navalha de ponta-e-mola e que se precipitam sôbre as carnes miseráveis daqueles desgraçados presos, sanguessugando-os furiosamente. Olho para um dos dorminhocos e recuo, espavorido: os percevejos correm-lhe pela cara, mergulham pela pescoceira, desfilam-lhe pelas mãos cabeludas; de vez em quando volta-se e esborracha-se uma legião. Horroroso, horroroso suplício!... Á luz duma vela, eu e o Vítor Falcão, distribuímos esfuriadamente sapatadas na parede e realizámos uma chacina imensa. O fedor é de tombar e a gente prossegue encarniçadamente na tarefa da matança, até que um

dos malandrões nos avisa, estremunhado, de que também há pulgas à cabazada e piolho a granel... Desanimámos!... Lá fora chove: sente-se a chuva cair desabaladamente no pátio, tombar das goteiras, chapinhar na soleira da porta. Pelas grades o vento salpica-nos de lama, anavalha-nos os ossos!... A fadiga é tamanha que resolvemos resignadamente tentar dormir. Pômo-nos todos em círculo sôbre a porquíssima tarimba, a um canto: cada qual pousa a cabeça sôbre as nádegas do companheiro que lhe fica adiante. Mas o pobre colega a quem tocou ficar atrás de mim queixa-sea margamente:

— Raio! só tens ossos, estafermo!

Numa das paredes há uma reintrância com uma pia de pedra e um púcaro de fôlha, contemporâneo da criação do mundo. Já de manhãzinha, um dos presos comuns espreguiça-se, dá um pulo para fora da tarimba e vejo-o ir para as grades enrolar um cigarrinho. Dói-me o corpo todo, arde-me a cabeça, tenho o coração num farrapo. Não houve maneira de dormir: o fedor não deixava, não o consentiam os percevejos... Sacudi das mãos os retardatários — é já dia claro, a bem dizer — e decidi-me a fumar também um cigarrito, para espairecer. Dirijo-me para a porta e encaro o companheiro do calabouço. É um marujo, cara de pândego e rapioqueiro. Peço-lhe lume, meto conversa:

— Oh camarada! aqui é que há percevejo!...

E êle, todo gingão, a enrolar o cigarrinho:

— Ainda há bocado estava ali um, a beber pelo púcaro!...

Alvaro Maia

"REDACTOR HABILITADO, PRECISA-SE„

Por êsse tempo, alguns jornais publicavam artigos meus. Literatura, crítica. Tinha suspendido o *Universal*, onde eu dava à estampa artigos de política internacional, de camaradagem com Raúl Brandão, José Sarmento, Domingos Guimarães, Alfredo Gális, Santos Tavares, Mário Alves, também colaboradores da gazeta. O Alfredo Gális, bocaciano e filósofo, escritor espontâneo e fecundo, já morreu. O Mário Alves, que fazia versos, retrocedeu há muito ano para o Brasil, e creio que calmamente envelhece numa *fazenda* do interior, de que é dono, já com netos. Os artigos do *Universal* criaram em mim uma certa vaidade. Aos vinte e tal anos, a vaidade é legítima, e, na circunstância, muito justificável. Eu digo porquê. O meu orçamento era de uma tenuidade vaporosa, quási etérea, de modo que, durante

certo período, fui também revisor do jornal. Escrevia na gazeta e revia as *provas* dos outros. Uma noite, quási madrugada, aparece na tipografia o Dr. Júlio de Vilhena, — o Sr. Conselheiro, como lhe chamávamos. O Dr. Júlio de Vilhena escrevia de vez em quando artigos financeiros e gostava de os ver nas *provas*. Cumprimentou, e, sem tirar o chapéu nem o charuto, de pé, emendou o seu artigo. Mas ao sair, e depois de ter dado as boas-noites fêz esta pregunta ao chefe da tipografia:

— Olhe lá: quem é êsse Amadeu de Freitas que escreve cá artigos?

O chefe da tipografia e os camaradas da oficina, olharam-me de soslaio. E o chefe respondeu:

— É um rapaz...

Mas o Dr. Júlio de Vilhena não o deixou continuar:

— Para rapaz, tem muita sabedoria. O diabo escreve bem.

— É aquele senhor que está ali...—explicou o chefe.

O Dr. Júlio de Vilhena apertou-me vivamente as mãos e abraçou-me. Disse-me o que não é preciso recordar... O Dr. Júlio de Vilhena era, — e é ainda, a-pesar da sua idade avançada — um notabilíssimo talento, espírito de alta inteligência e cultura.

Mas o *Universal* suspendera, e eu, com outros, literatava e málinguarava pelas mesas do velho *Martinho,* tão velho, que o novo só se parece com êle por ter as portas abertas no mesmo largo. Uma tarde, leio casualmente no *Século* uma notícia pedindo... *redactores habilitados.* O meu orçamento continuava extremamente etéreo, e decidi ir ao *Século* oferecer-me como *redactor habilitado.* Fui, e lá mandaram-me falar com o Sr. Silva Graça, o director. Recebeu-me e passou-se isto, tal qual:

— Então, que deseja?

— Vi uma notícia no jornal de V. Ex.ª pedindo redactores...

— Mas o senhor é jornalista?

— Creio que sim.
— É o que todos dizem. Como se chama?
E, brusco, quási que vociferou, ao ouvir o meu nome:
— Ah! sim, sim, bem sei. O senhor é literato. Tenho lido... Não me serve. Não quero cá literatos. Em geral, não servem para nada. Tenho muita pena...
— Perdão, mas um literato também pode ser jornalista. E se o fôr, melhor.
— Isso é raro. Tenho pena. Adeus!
E o Sr. Silva Graça estendeu-me a mão, a despedir-me. Mas eu insisti:
— Desculpe, senhor Silva Graça, mas V. Ex.ª pode experimentar... Se eu não servir, mande embora o literato. Não fico zangado...
Silva Graça ficou mudo por alguns segundos. De repente ergue-se da cadeira, dá um murro na sua secretária, e diz-me, quási num berro:
— Sim, senhor, gosto disso. Pois vamos lá a ver!
E fiquei a ganhar quinze mil réis por mês. Mas no fim do mês, ao receber o ordenado, o Luís de Judícibus, que era o administrador do jornal, em vez de quinze, entregou-me vinte e cinco mil réis, com esta explicação:
— Foi o Sr. Graça que mandou. É quanto fica a ganhar. Agora, veja se tem juízo.
E foi assim que eu, em fins de 1900, entrei para o *Século* pela primeira vez, — visto que, depois da *revolta* jornalística que fêz nascer o *Diário*, àquele jornal pertenci por mais duas vezes ainda, tendo sido, da última, seu director.

Amadeu de Freitas

ARMANDO BOAVENTURA

ATRAVÈS DO INTERIOR DE ANGOLA

Á PROCURA DO PRÍNCIPE DO EGIPTO

De Camacupa—além, no distrito de Bié, pertinho do Cuanza—eu vinha em busca do Príncipe do Egipto, misterioso personagem êste, rico e aventureiro, que, partindo das margens do Nilo, das terras lendárias dos Faraós, chegara, semanas antes, a Angola, depois de pelo Govêrno Geral desta Província lhe ter sido dada autorização para caçar a palanca negra—elegante e raro antílope, o famoso *sable* dos inglêses... E dizia-se: — «O Príncipe é um caçador emérito. O seu museu zoológico é dos melhores do mundo. Traz consigo um vistoso estado civil: secretários, ajudantes, criadagem... Automóveis e *camions* são às dezenas... E as *esterlinas*, aos milhares... Mas, o Príncipe quando naquela tarde amena de Maio o fui procurar, percor-

rendo, a 70 à hora, num *Chevrolet* novinho, acabado de estrear, a distância que separa Belmonte de Camacupa, havia seguido para o Moxico—além Cuanza... Perdêra eu um encontro agradável que me proporcionaria, por certo, uma entrevista á *sensation.* Pois que? ¿Não era interessante um jornalista da Metrópole ver e ouvir, em pleno interior de África, um Príncipe de raça, vivendo no mato, acampado em barracas de lona rodeadas do fogo crepitante das queimadas indígenas, sofrendo as inclemências do sol incandescente ou os rigores do *cacimbo* triste e sombrio das noites — enquanto, ao longe, as feras bravias da *selva escura* uivavam e latiam, em gritos ululantes, que fariam estremecer a terra?... ¿E não seria curioso acompanhar um descendente dos velhos *kedivas* através das florestas ou dos desertos, em suas caçadas, vê-lo apontar a carabina de boa marca ao animal que surgisse na sua frente, especado de admiração ou fugindo, lesto, veloz, tímido e receoso, em saltos rápidos e bruscos?... ¿E ouvir, depois, finda a caçada, do Príncipe suas aventuras através da Europa, suas memórias, suas tradições?... Mas o Moxico ficava longe — a três ou quatro dias de viagem incómoda. E... eu tive de desistir. Seguindo meu caminho, neste jornadear pelo interior de Angola, fui assentar arraiais no planalto de Huila, que eu pude ainda percorrer numa extensão enorme — até para além das margens do Cunene, um pé em terras portuguesas, outro pé nas do antigo sudoeste alemão, hoje União Sul-Africana. E um belo dia, manhã cedo, ao chegar ao pôsto civil do Cuamato, o Governador do distrito, Sr. Artur Ernesto de Castro Soromenho, que gentilmente me acompanhou na visita às regiões do Cuamato e do Cuanhama, no Baixo Cunene, teve a notícia oficial de que S. A. Real o Príncipe do Egipto acampara no Lubango, devendo partir no dia seguinte para o quilómetro 71 da linha de Mossámedes. Estávamos em sábado, e do Cuamato à linda

e pitoresca cidade de Sá-da-Bandeira iam cêrca de 400 quilómetros! A fatalidade perseguia-me, pois chegara ao Lubango duas horas depois do famoso Príncipe haver partido em combóio especial para o seu novo acampamento — êste agora no deserto...
Desisti outra vez... Tomei rumo de Mossámedes. E agora, leitores, vos direi como desta cidadezinha encantadora, europeia, do litoral, eu consegui descobrir o misterioso Príncipe.

Ao cair da tarde — tarde esplêndida de luz. A cidade, mancha alegre, bizarra, policroma, a destacar do azul glauco do mar... Dois caçadores afamados — Srs. Eduardo Tôrres e Bernardo Figueiredo — estão em ablativos de viagem para o deserto. Convidam-me a acompanhá-los. Há quem pretenda dissuadir-me: — que o meu estado de saúde não permite tão longa e incómoda vilegiatura, e que terei de passar uma noite ao relento, dormindo sôbre a areia húmida, e de suportar no dia ou nos dias seguintes as ardências do sol, à hora da caçada... Mas eu vou — e vou, porque, indo, encontrarei desta vez, e não terei outra, o Príncipe que venho buscando, desde Camacupa — além no distrito do Bié, pertinho do Cuanza...

Já anoiteceu. O *Ford* deixa a cidade de Mossámedes e corta, galga, célere, arfante o areal — grande, imensa eira, onde há estranhas miragens de estranhos lagos. Sopra das bandas do mar um frio glacial. E as horas passam, monótonas, na travessia do deserto. Nem viv'alma. Nem outro ruído que não seja o do motor. Céu plúmbeo, triste. Caminho árido, onde apenas se distingue, iluminado pelos faróis do *Ford*, um trilho ziguezagueante de rodas de carros. Tudo é sombrio, nu, desolador. Os olhos perscrutantes vagueiam na imensidade sem descortinarem outra formas, outros vultos, que aqueles que as miragens deses

nham e corporizam, vagamente, indefinidamente — formas confusas e difusas, que surgem, aqui, para, ali, desaparecerem sempre vagas, sempre imprecisas, iludindo os viandantes em seu caminho sonâmbulo... Ás vezes escuta-se o mar — muito ao longe. Marulho dolente a ecoar em soluços doloridos... E o *cacimbo*, em neblina espêssa, cai — reposteiro de gase cinzenta, dum *gris* escuro...

Meia noite. O *Ford* estaca junto de uns penedos esguios. São as pedras do *Pico do Azevedo*. Há luzes acesas pirilampeando na imensidade das trevas. Dois pretos, iluminados por um candeeiro de acetilene, descarnam a cabeça de um antílope — e, perto, outros negros esfolam uma gazela. Abrigados por um rochedo alto, disforme, aquecidos ao lume do fogo, ha árabes que dormem. Ao longe, barracas de lona. É o acampamento do Príncipe do Egipto.

Procuro um sítio para pernoitar, aqui, além, onde haja menos frio e o *cacimbo* menos se faça sentir. E lá vou, as mantas ao ombro, em busca de chão fôfo. Nisto, surgem dois rapazes de Mossámedes, que estão no acampamento servindo de *cicerones* ao Príncipe. Oferecem-me a sua barraca, que eu aceito. Vai mais longe a sua gentileza: — cedem-me a sua cama de campanha, que êles ficarão sôbre esteiras, habituados como estão às noites do deserto. Deito-me vestido, bem enroupado, as mantas grossas e os *couvre-pieds* sôbre mim — que a barraca é aberta e o *cacimbo* cai como chuva miudinha, impertinente. A quebrar o silêncio álgido da noite, uns gemidos distantes, em toada plangente, e, a seguir, uns latidos compassados, arrastados... São as hienas e os chacais, que de longe se apercebem de carne morta — a carne da caçada do Príncipe, carne em sangue, esquartejada e atirada a êsmo para detrás das pedras. Faz-se, de novo, silêncio, e um dos

meus companheiros, que não conseguiu ainda conciliar o sono, avisa-me:
— São as hienas que se aproximam!...
Pela madrugada — quatro horas — ouvem-se passos vagarosos junto da barraca. E uma hiena de pêlo arripiado focinho no ar, fareja...

Mal o dia dealba, nebuloso e triste, levanto-me.
Pouco depois, acorda todo o acampamento, e duma barraca sai um sujeito alto, entroncado, a quem me dirijo. É Mr. Hussein by Ibish, secretário de Sua Alteza Real. Declino a minha identidade e peço-lhe me apresente ao Príncipe. O Príncipe Joussouf Kamal — é esta a sua graça —, parente muito próximo do Rei Fuat, do Egipto, é um homem de 50 anos, espadaúdo, robusto, que eu vejo, vestido de *kaki*, calças de malha ajustando-se às pernas como grevas, largo chapéu duplo de copa em bico, luvas de camurça amarelentas, comprido cachimbo na bôca de lábios finos — à entrada da sua barraca, bem perto daquela em que eu pernoitei. Oiço-o chamar em voz cavernosa e rouca, autoritário, o seu pessoal; e o pessoal, pressuroso, solícito, obediente, acorre, exclamando:
— «Effendi»! «Effendi»!... — Senhor! meu Senhor!... (expressão usada pelos egípcios no tratamento às pessoas reais).
Vou-me aproximando e, junto do secretário by Ibish, insisto pela apresentação. A resposta é esta:
— Sua Alteza Real não concede entrevistas.
Rogo que, ao menos, S. A. se deixe fotografar junto da caça morta, como recordação da sua passagem e do nosso encontro em Angola. O Príncipe recusa-se e Mr. Hussein declara:
— S. A. não quere seu nome, nem retrato, nos jornais.
E... o Príncipe começa a fugir de mim, a bom fugir, es-

condendo-se por detrás das pedras, chegando a mandar retirar a mesa do seu *petit déjeuner* para local que eu, por cerimónia, não possa devassar. Mas... insisto sempre. Por último, faço-me arrogante e, quebrando as regras do protocolo, dirijo-me ao secretário nos seguintes termos: — Parece, Mr. Hussein by Ibish, que eu pretendo invadir o palácio dos *Kedivas*, e o certo é que *isto* aqui é meu, é bem português, e tanto assim que aqui vim, fiquei e estou, sem que para tal tivesse de pedir autorização a Sua Alteza...

E o caso é que o Príncipe, a quem foram comunicadas as minhas palavras, condescendeu e... dignou-se passar por mim, cumprimentando-me sorridente e dando ordens expressas a um outro seu secretário — Mr. Aly Chérif — para responder às preguntas que eu entendesse formular. Momentos depois, o Príncipe subia para o automóvel e partia para a caça. Nós, os meus companheiros e eu, seguimo-lo no *Ford*, à caça também. Eu *à caça* do Príncipe Joussouf Kamal...

Caçar no deserto de Mossamedes tem seu quê de imprevisto, de curioso. A terra, arenosa, é plana, despida de arvoredo. Apenas, espaçadas, as *Welvitschias mirabilis* — planta do deserto, de caule subterrâneo, fôlhas largas, rastejantes, torcidas, dolorosamente torcidas, sequiosas — e, nas pequenas depressões de terreno, o espinheiro, raquítico arbusto, e uma ou outra pedra sôlta, isolada. Além, volumosos penedos — o morro da Trindade, de rochas cónicas, ponteagudas; mais adiante, os montes Canauia — contrafortes da serra da Chela, que, azulada, barra o horizonte.

Uma raposa surge, saltitando veloz. Pára, a cabeça erguida, os olhos muito vivos. O carro desvia-se do trilho e segue-a. O caçador apeia-se, deita-se ao comprido no chão, e, arma

à cara, aponta. Depois vêm as cabras de leque — linda, e elegantes gazelas, esbeltas e ariscas. E, pouco depois, um guelengue — *oryx* — estaca à distância de trezentos ou quatrocentos metros. Vertiginosamente, louco, o carro sai novamente do trilho e persegue o animal, sem olhar caminho, por cima de tudo, pedras e arbustos, torcendo o volante, desengonçando-se, deixando aqui um *pneu*, acolá uma câmara-de-ar — e até às vezes, os próprios aros das rodas, que o que preocupa o caçador é a caça, e a esta há que perseguí la, custe o que custar... E não se mede — ninguém mede — o perigo de um desastre, a própria morte.

Soa, desfechada a carabina a meu lado, o primeiro tiro. O guelengue erido pára e prossegue depois mais vertiginosamente. Outro tiro certeiro. O animal, muito ao longe, estremece. Volta a cabeça elegante e mira-nos, os olhos grandes e tristes. E cai. O caçador segue agora a pé — a arma pronta a desfechar. O último tiro. O guelengue contorce-se, sacode o corpo, estrebucha. Dos olhos brotam-lhe, cristalinas, as lágrimas, e, chorando, morre. Os caçadores abrem-no.

O principe Joussouf-Kamal

O Príncipe, mais adiante, caça também. Os seus tiros são certeiros. Já matou dois *oryx*, e, impassível, fleumático, assiste à operação do decepamento da cabeça dos animais. E prossegue, saindo do areal, embrenhando-se na mata da serra, onde uma onça o espreita. Friamente, Sua Alteza mete a arma à cara e desfecha.

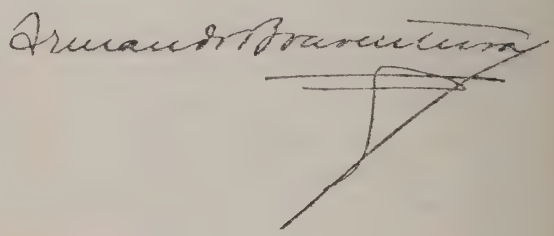
O felino, sentindo-se ferido, ameaça arremeter. Novo tiro, e a fera cai prostrada, inane—a bôca semi-aberta, mostrando os dentes afiados, os olhos verdes chispando sanguinários ódios...

É finda a caçada. O Príncipe ordena aos *chauffeurs* que o conduzam ao acampamento. Eu precedo Sua Alteza, para o surpreender à chegada. Preparo o *Kodak*. E... aqui começa a odisseia de um *reporter* fotográfico...

.....

.....

Sul de Angola, Junho de 1926.

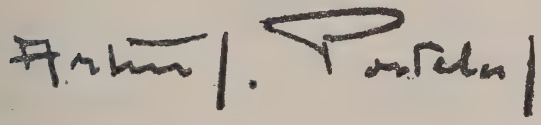


COMO SE PERDE UMA «REPORTAGEM»

ESTAVA no Funchal havia quinze dias. Levara um encargo fácil. Entrevistar Norton de Matos, que vinha pela primeira vez à metrópole depois de ter exercido o cargo de Alto Comissário de Angola. O antigo ministro da União Sagrada era, nesse tempo, uma figura discutidíssima. A política dos partidos dilacerava a sua obra de colonial. Vinha defender-se a Lisboa e, como depois se verificou, renunciar ao seu cargo. Estes factos tornavam interessante uma entrevista em primeira mão. Da sua oportunidade julgou o *Diário de Lisboa* pagando-me uma 1.ª classe, na *Insulana*, até ao Funchal. ▪ No dia em que devia fundear no pôrto o navio onde viajava Norton de Matos, encontrei Rocha Júnior. Contive a minha surprêsa. Era um competidor. Bebemos os cálices de Madeira do encontro. Falou-se de Lisboa, sem saüdade, e, do assunto que nos reünia, com cautela. Éramos

dois concorrentes, batendo o mesmo terreno. Íamos travar um *match* de *reportagem*, nada pessoal, mas jornalístico. O primeiro que entrevistasse Norton de Matos podia cantar vitória. Pela minha parte tinha que a obter pondo em jôgo todos os recursos, todos os processos. Se o *Diário de Lisboa*, na mesma tarde em que Norton de Matos passava na Madeira, não publicasse o telegrama súmula da entrevista, no outro dia, o *Diário de Notícias*, por intermédio de Rocha Júnior, publica-lo-ia como *caixa*, abalando assim — julgava eu nesse sarampo ingénuo do jornalismo — os meus créditos de *reporter*. Era necessário ganhar tempo, iludir o *terrível* inimigo de ocasião. Preparei as coisas de tal modo que o gasolina de saúde onde ia, e que Rocha Júnior quis aproveitar, não partiu do molhe, como de costume, mas de um local afastado, a *Pontinha*, e sem o emblema sanitário. O gasolina voava nas águas do pôrto. Como sempre, foi o primeiro barco a atracar. O meu contentamento não teve limites. Vencera a regata. Era metade da vitória. Subi a escada do portaló do *África*, furei por entre os curiosos de ver terra, até encontrar Norton de Matos que, em cima, no *deck* superior, falava com o comandante do navio. Fiz a entrevista, rápida, concisa, e, valha a verdade que se diga, bem pouco sensacional. Cifras astronómicas, oleaginosas escorregadias, questões de trabalho indígena, em perpétuo descanso colonizador... Á despedida, no apêrto de mão que troquei com Norton de Matos, o meu olhar, por acaso, resvalou na amurada do navio. ¿Quem havia de ver? Rocha Júnior, fleumático, superior, que, para marcar bem o seu desagrado e, talvez, o seu ressentimento, não quisera interromper com a sua a minha entrevista. Quando passei por êle, não trocámos uma palavra. Ràpidamente, contando minutos, segundos, noutro gasolina que cortava ansioso as águas, abalroando com as embarcações que formigavam à roda do navio, alcan-

cei terra. Subi a pulso a escada de ferro do molhe — vertical perigosa e escorregadia de trinta e tantos degraus. Célere, redigi o telegrama. Pensei ainda em utilizar a T. S. F. Mas para quê? Em poucas horas, pelo telégrafo, a entrevista chegaria ao seu destino com tempo suficiente para ser publicada no *Diário de Lisboa*. Esta certeza embriagou-me. — Que «*caixa*»! Que grande «*caixa*»! — dizia eu para o Miguel Martins, meu secretário de amizade, sorveteando um gelado, prazer que êle consentia depois de ter verificado o estado de degêlo das finanças da *reportagem*. Pobre caixa! Era de papelão! Calculara tudo, menos a diferença da hora meridiana. O meu telegrama chegou a Lisboa já depois do jornal fechado. O *Diário de Notícias*, no outro dia, revelava a almejada entrevista com Norton de Matos, tornando 12 horas mais velha a que o *Diário de Lisboa* publicava nessa mesma tarde. E Rocha Júnior?... Não guardou ressentimento. Elegantemente soube escondê-lo e atenuar, sem ironia, a sua fulminante vitória.



AUGUSTO DE CASTRO

A MINHA ESTREIA NO JORNALISMO

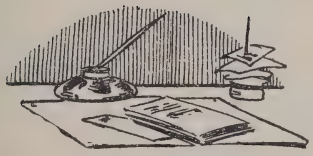
VERDADEIRAMENTE a minha estreia no jornalismo, áparte alguns artigos infantis publicados em jornais de estudantes, foi como folhetinista n'*A Província*, do Pôrto — jornal que alguns anos mais tarde dirigi. Eu tinha nesse tempo doze ou treze anos. A-pesar disso, o director do jornal tomou-me a sério e a minha novela começou a sair regularmente... durante duas semanas. Ao fim de quinze dias, a minha provisão literária estava esgotada e ao décimo-sexto dia faltei com o original. Alarme na redacção. Cartas, telegramas, portadores. Eu saíra do Pôrto e estava numa praia a banhos com meus Pais. Entretido pelas distracções de férias, mais fortes para os meus verdíssimos anos do que o precoce dever literário, consternado entre a tentação de um projectado e alegre passeio e o folhetim dramático que me reclamava, resolvi escrever a

um amigo, pouco mais velho do que eu, que ficara no Pôrto, pedindo-lhe que me valesse naquela aflição — escrevendo três ou quatro folhetins, enquanto eu regressava da passeata e preparava os restantes. Obsequioso, o meu amigo pôs a sua pêna ao serviçc da minha cabulice. Escreveu durante os três ou quatro dias que eu lhe pedira. Mas não escreveu mais — e, inexoràvelmente, eu tinha agora de continuar. Não havia outro remédio! Dispus-me (seja isso dito, em desconto do meu pecado) ao sacrifício. Peguei no papel, na pêna, no jornal — e tratei de curiosamente ver como, no interregno que lhe solicitara, o meu amigo desenvencilhara, sòzinho, a meada da minha intriga novelesca que eu deixara na empolgante situação do reconhecimento pela mulher amada do cadáver do noivo encontrado à beira de um precipício. Oh! Céus! O meu amigo, que não tivera certamente, e com muita razão, o trabalho de me ler até ao fim, não tinha dado pela morte do herói, nem pelo precipício, que no entanto lá estavam, bem visíveis os dois, no fim do meu capítulo interrompido. E, sem mais preâmbulos, o meu substituto, recordando-se talvez, sem qualquer espécie de aproximação de nomes, mas apenas analogia de situações, do que Eça de Queirós contava que lhe fizera Ramalho em certa altura do *Mistério da Estrada de Sintra* — o meu substituto de três dias pusera-me o morto, muito bem ressuscitado, a passear na Cordoaria — local em que nesse tempo os literatos portuenses passeavam tôdas as tardes. ¿Que havia eu de fazer ao meu morto — que estava agora a ouvir música no jardim predilecto das costureiras da Rua de Cedofeita? Dei tratos à fantasia, que nesse tempo era viva, e confesso que não encontrei. Suei, arrepelei-me, escrevi, risquei — nada! Optei então pela melhor das saídas. Desisti. O folhetim ficou sem continuação. Os «assíduos leitores», que parece que estavam interessados, indignaram-se. O director

do jornal descompôs-me. Mas eu, ainda hoje — ¡ já lá vão tantos anos! — não encontrei solução para êste caso nefando e intrincado que aqui deixo à imaginação do sr. Maurício Dekobra, especialista nestas coisas macabras. ¿Que diabo pode fazer um morto a passear na Cordoaria, do Pôrto — que continua sendo, embora menos freqüentado, um jardim amável e burguês? Tive depois, na minha vida de jornalista, outras horas de maior evidência — e de maiores percalços. Nenhuma, porém, tão complicada.

Roma, 1927.

Augusto de Castro



COMO SUGERI, SEM QUERER, UMA ATITUDE DE SILVA GRAÇA

QUANDO, há vinte e cinco anos, que se completam em princípios de Março próximo, entrei para a redacção do *Século*, a convite do falecido e saüdoso António Maria de Freitas, que então a dirigia, já havia trabalhado em três fôlhas diárias da capital.

Na Rua Formosa percorri tôdas as secções, ou quási tôdas, algumas delas por várias vezes. Comecei pela do estrangeiro, a certa altura chefiada por mim cumulativamente com a de províncias. Fiz *reportagens* de crimes, desastres, cortejos, funerais, festas religiosas e cívicas, congressos nacionais e internacionais, conferências, etc. Redigi o boletim parlamentar, a notícia bibliográfica, a crítica teatral. Fui à província, à Espanha e ao Brasil em missão jornalística. Traduzi, em caso de urgên-

cia, o folhetim. Ocupei-me de apreciações de arte plástica. Exerci, na edição da manhã, as funções de redactor principal; tive a chefia da redacção do *Século* da noite. Inúmeros artigos de fundo foram por mim redigidos, logo desde o início da minha entrada para o grande jornal de Silva Graça.

Ora é a êste aspecto da minha actividade, para melhor dizer, a um episódio guardado na memória quando redigia artigos editoriais, que vou referir-me.

O assunto do «fundo» era-nos indicado, aos que tínhamos a cargo tarefa semelhante, pelo chefe da redacção, quási sempre, e apenas excepcionalmente, de maneira directa, por Silva Graça, se acaso se demorava alguma temporada em Lisboa. Ocioso se torna frisar que aludo a tempos idos. Hoje, sucede coisa parecida. O director, verbalmente ou por escrito, fornece as notas e os argumentos dos artigos de fundo, conquanto, às vezes, se limite a gizar as linhas gerais.

No tempo de Silva Graça, estando êle de passagem em Lisboa, encarregou-me, em certa ocasião, de aparecer, tôdas as tardes, no seu palacete da Avenida António Augusto de Aguiar, depois do almôço, para me comunicar o assunto do artigo. Lá ia pontualmente. E Silva Graça, ao ver-me, preguntava a si próprio, em voz alta, como um estribilho:

— O que há de ser?

E a seguir, sem dar tempo a qualquer alvitre:

— Oiça lá...

Com uma fluência notável de rigor de elocução, poder de lógica, vivacidade de linguagem, o director do *Século* expunha, desenvolvia o tema. Não gostava de ver tomar longos apontamentos. O seu desejo era que fixassem, de cor, as ideas e até algumas das mais incisivas frases, sem que o prendessem muito tempo e lhe pedissem esclareci-

mentos ou repetições. Havia tardes em que estava lucidíssimo quanto à essência e lapidar quanto à forma. Perfeito! Certo dia, quando concluiu, com um daqueles enigmáticos sorrisos peculiares que lhe iluminavam tôda a fisionomia, tão cheia de mobilidade, os olhos azuis fulgurando, ao mesmo tempo que gesticulava e, a largas passadas, fazia a volta do seu escritório, exclamei:

— Se fôsse taquígrafo, levava o artigo pronto no bôlso!

Olhou para mim, com um ar penetrante, curioso e ingénuo, que nos metia no seu coração, e preguntou:

— Porquê?

Respondi-lhe sinceramente:

— Porque V. Ex.ª disse tudo, sem uma palavra a mais nem uma palavra a menos. Foi impecável!

Não era lisonja.

Nova pregunta:

— E na redacção há quem saiba taquigrafia?

Elucidei:

— Há, sim, senhor. O Jorge Saavedra, que pertence ao quadro das Côrtes e também é redactor do *Século*.

— Mande-mo cá!

Vim pelo Rossio, no regresso, e estive na Sucursal, onde me apresentaram um senhor da província, muito bem falante, que me disse ser pai de um advogado e poeta que então despontava em Lisboa. Elogiou o talento do filho e quis saber se eu vinha lendo os artigos editoriais que o *Século* publicava. Á minha resposta afirmativa, segredou-me:

— São do meu rapaz. O Silva Graça está muito satisfeito com a colaboração dêle...

Felicitei-o. ¿Para que havia de desfazer as ilusões de um pai embevecido na imaginária glória do filho que já se inculcava como orientador da opinião pública, do alto da primeira tribuna da Imprensa?

Jorge Saavedra foi avisado de que Silva Graça lhe queria falar. Dentro em pouco o director do *Século* regressava a Paris, levando na sua companhia o nosso camarada, possuidor de uma especialidade que devia ser mais acessível aos homens dos jornais.

Secretariando o seu director, assim viveu Jorge Saavedra, pela primeira vez, se não estou em êrro, algumas semanas na Cidade-luz. Mais exuberante do que nunca, Silva Graça, com um entusiasmo de colegial ou de criança a quem dessem um brinquedo novo, falava e êle taquigrafava. No *Século* surgiu uma série de artigos originalíssimos, em que as preocupações higiénicas e profilácticas do director eram expostas de maneira tão pitoresca que não faltava quem se deliciasse com a sua leitura. Jorge Saavedra, respeitador, como nós todos, da vontade e do pensamento de Silva Graça, não ousava modificar-lhe a prosa e muito menos o sentido.

A breve trecho, porém, o célebre jornalista, que estabeleceu os seus penates em Paris, dava por finda a missão do redactor-taquígrafo, que voltou para a Rua Formosa, desistindo êle de congeminar e «discursar» artigos e voltando a consagrar-se à sua obra inédita, em muitos volumes, destinada à revelação de uma filosofia prática e salvadora... Jorge Saavedra não perdera tudo. Nenhum outro redactor do *Século*, antes ou depois dêle, se pode gabar da sorte de ter vivido em Paris, em tais condições, trabalhando para a sua gazeta sem um esfôrço de maior.

O jornalista que, dentro de um poderoso órgão como o *Século*, fôsse anotando, dia a dia, algumas impressões, algumas anedotas, alguns lances da sua vida profissional em contacto com políticos, literatos, artistas, colegas, gente do povo e gente da sociedade, reüniria um punhado de páginas de memórias que haviam de ler-se com curiosidade,

interêsse e proveito. Por mim, que não anotei nada, aconselho os novos a que o façam. É uma fácil maneira de contribuir para o estudo da história contemporânea.

Vinte e cinco anos decorrem em breve sôbre a minha entrada no *Século!* ¿ Imaginam os senhores o que seria, a despeito da ausência de notas e apontamentos, a evocação dêsse vasto período de vida jornalística nas suas relações com o mundo político, religioso, social, literário e artístico português, a-pesar da modéstia e da insignificância do meu nome?

É que ser velho também possui o seu valor!...

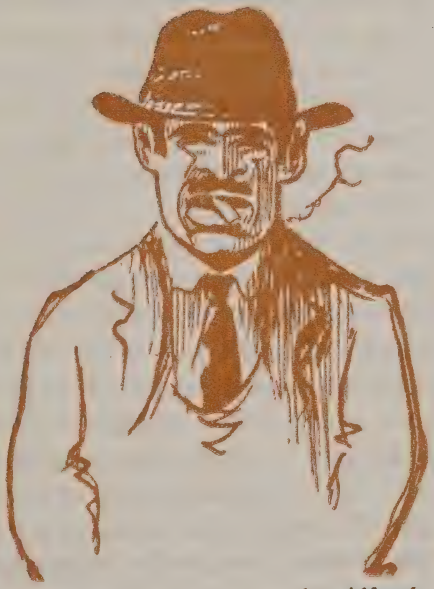
Novembro de 1926.

Avelino de Almeida

BELO REDONDO

A MORTE DO REI

os maiores episódios da minha vida intensa de jornalista, nas *reportagens* mais emocionantes e sentidas, sempre existiram figuras apagadas, sombras que se diluiam e esfumavam no scenário dos grandes acontecimentos e que por sua condição ou pelo papel mínimo que representavam, não tinham categoria para figurar nas colunas dos grandes jornais. A essas quero mais do que às outras, talvez porque não houvesse podido pagar-lhes os momentos de febre e de emoção que me deram. Ou são as mães que choram, à margem das grandes tragédias, a desdita dos filhos, ou os filhos que lamentam a degradação dos pais... De tôdas essas figuras modestas da minha singular galeria de *repórter*, a de Alfredo da Silva Rei é das que não esquecem. Vejo o rapazola ainda no tabuleiro do Necrotério, nu e sujo, bamboleando-

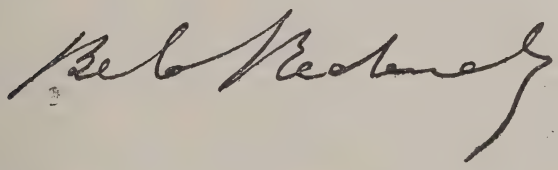


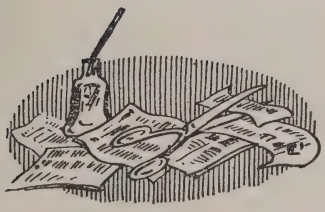
-se na água pútrida e oleosa. Os primeiros vestígios de decomposição assinalam-se no esverdeamento dos braços e da cara; o corpo, hediondo e grotesco, dança sôbre a corcunda, à acção das águas; um braço sai-lhe do tabuleiro com a etiqueta no punho, onde leio que êle é o cadáver 6.347. O seu aspecto comove e apavora, enoja e repugna. Sôbre o ventre rotundo abre-se o orifício da bala que o matou. A face do lado esquerdo foi-lhe completamente arrancada por uma cutilada brutal e, pela brecha assim aberta na cara, vêem-se-lhe as maxilas com os dentes podres e amarelos. A bôca, contorcida e aberta, diz ainda a sua inculpabilidade, parece gritar um protesto contra a violência que o atirou para o anonimato cruel da sala das autópsias — daquela sala enorme e escura... Nunca mais — ah! nunca mais! — o perfil ridículo do marreco surgirá nas vielas tortuosas do Casal Ventoso, à procura da mãe, para dar-lhe a notícia de que foi lucrativa a vadiagem, por ter havido dois ou três fretes que renderam o bastante para a mantença da casa. A frandulagem que o escarnecia — forte pela fraqueza dêle, descobrindo razões de motejo na miséria que o degradava e no aleijão que o fazia hediondo — deixou de ter um concorrente no assalto aos passageiros dos combóios, um companheiro nas noitadas agrestes da Ribeira Nova e um irmão na vida incerta dos *bas-fonds*. Pobre Rei, sem trono e sem vassalos, que, depois de haver atravessado uma existência de penúria e de opróbrio, veio para a exposição macabra do Necrotério, à espera de alguém que o reconhecesse e quisesse dar-lhe uma sepultura!... Não apareceu ainda a vê-lo a mãe — talvez por imaginar que êle anda pelas estações a agenciar a vida, a procurar uns cobres; mas o Sr. Inácio Rodrigues Moreira, curioso que apareceu comigo a examinar os quatro cadáveres expostos, reconhece-o: chamava-se Alfredo da Silva Rei, solteiro, natural de Lisboa, de 22 anos, filho de...

Na noite de 14 de Dezembro de 1918, o Rei apareceu na estação do Rossio, para a vida habitual. Era um sábado, e tudo lhe indicava que iam ser rendosas aquelas horas. O *rápido* do Pôrto e o combóio das Caldas haviam de trazer-lhe, certamente, gente que quisesse alguns fretes ou alguns despachos de bagagens. E a fiscalização devia ser nula, facto essencial para êle, que não tinha a licença policial. Os jornais anunciavam que o presidente da República seguiria para o Pôrto às 23,30 e a Polícia, preocupada em defender a vida de Sidónio Pais e manter a ordem na estação, daria tréguas, sem dúvida, aos moços que enxameavam a ante-*gare*. O corcunda exultava de contentamento, enquanto os guardas, de luvas e cordões brancos, iam organizando as alas de povo, por entre as quais havia de passar o chefe do Estado. ▪ Ás 23 horas eram já muitos os homens de tôdas as classes que se aglomeravam desde as escadinhas do Duque até à *gare*. A imprensa preparara o ambiente a favor de Sidónio Pais e o recente atentado de Belém quási que fizera esquecer os erros e os crimes da *entourage* do presidente. A Polícia não confiava, porém, muito na atmosfera de simpatia que rodeava o ditador, e estabelecera uma rigorosa vigilância desde o palácio de Belém à estação. Os agentes à paisana vigiavam tudo e todos, enquanto a multidão, impaciente, ameaçava a todo o momento romper os cordões de guardas que a continham. Alfredo Rei, o corcunda, não percebia dessas coisas da Política, mas tinha um desejo enorme de ver aquele viajante tão ansiosamente aguardado e foi, com outros, postar-se num dos frisos da janela da ante-*gare*, junto da porta principal. Dali, à luz dos grandes lampeões eléctricos, via tudo: a mancha extensa e negra da multidão, o aspecto marcial das fôrças da Polícia e da Guarda Republicana, os automóveis cheios de passageiros em trajo de cerimónia. ▪ De repente toques de clarim retiniram no es-

paço, as fôrças militares apresentaram armas e, ao mesmo tempo que a banda da Guarda Republicana tocava a *Portuguesa*, milhares de vozes romperam em aclamações. Era o presidente que chegava, sumido no fundo escuro duma *limousine*, entre os seus ajudantes. Alfredo Rei viu-o apear-se, cumprimentar, fazendo a continência, para a direita e para a esquerda, sorridentemente. Pareceu-lhe simpático aquele homem e, contagiado pelo entusiasmo da multidão, aplaudiu também, pôs-se às palmas e aos vivas, com infantil alegria, enquanto o *Môsca* observava, chasqueando: — «Olhem! Olhem! Um rei a dar palmas ao presidente...» Sidónio Pais atravessou a ante-*gare*, por entre as filas compactas de gente, e ia a entrar na quinta porta que dá para a estação quando, do seu lado direito, acotovelando todos, surgiu um homem de capote à alentejana, alto, magro, de bigode farto e negro, mordido nas pontas, e de pistola em punho. Era José Júlio da Costa. Dois tiros, rápidos e secos, soaram e, antes que fôsse possível impedir a tragédia, Sidónio Pais levou a mão ao peito e, sem uma palavra, mortalmente ferido, caíu no chão. Enquanto o conduziam ao hospital de S. José, estabelecia-se enorme alvorôço. Os agentes da Investigação Custódio das Dores e Cunha seguravam um homem e, em meio da confusão, da gente que fugia em tropel, gritando e praguejando, a Polícia começava aos tiros e à cutilada, na ânsia de não deixar escapar o assassino e os seus cúmplices. Três homens caíram mortos e vários ficaram feridos. O corcunda saltara do friso da janela onde estava, mas, menos lesto do que os seus companheiros, não pudera alcançar a porta e acocorara-se sob o balcão dos despachos de bagagem. Foi aí descobrí-lo um polícia e, tão suspeita era a atitude do pobre diabo rôto e aleijado, tão profundo o seu pasmo e tão grande o seu terror, que a autoridade desde logo viu nêle o assassino. Perturbado, fora de si, possesso de fúria, o guarda

começou a acutilá-lo. Outros vieram para aquela obra de injustiça e de crueldade, e, dentro em pouco, por entre o tiroteio, Alfredo Rei — a cara e a cabeça ensangüentadas, os olhos esgazeados, os braços erguidos numa súplica — saíu correndo da estação: — «Não me batam, que não fui eu! Não me batam!...» Antes que alcançasse a rua, uma bala prostrou-o para sempre. Pesadamente tombou sôbre a valeta da *passarelle*. Da sua inocência não ficara mais do que êsse grito que a morte lhe afogou na garganta, êsse grito que eu julguei ouvir quando, dias depois, vi o desgraçado no tabuleiro do Necrotério, com a bôca contorcida e aberta. Para a História não resta do seu sacrifício mais do que a pungentíssima ironia dêste regicídio dum Rei... que não reinou. Os miseráveis como êle não têm lugar na História; a sua miséria e a sua desgraça afrontariam o esplendor dos Grandes que iluminam a vida dos povos...





CAMARA LIMA

MARIANO DE CARVALHO

Em quarenta e dois anos de jornalismo, conheci, melhor dizendo, privei, com três jornalistas eminentes: Pinheiro Chagas, Mariano de Carvalho e António Enes. Mas só do segundo me considero discípulo. Seria longo em demasia, talvez fastidioso, dizer por quê. Mariano pertence há muito à História e eu sou já uma presa da morte. Dentro de pouco interessará tanto aos portugueses o obscuro jornalista que subscreve estas linhas como o formidável jornalista, egrégio professor e extraordinário parlamentar que foi Mariano de Carvalho. Nisto, e só nisto, é que a morte nos nivela... em Portugal. Muito pouco se escreveu a quando da morte dêste homem, que foi um dos mais notáveis portugueses da segunda metade do século XIX e uma das pessoas a quem a vida pública reservou mais amarguras, que êle suportou com um altivo desdêm. E pouquíssimo se escreverá agora. Não é êste o lugar próprio. E que fôsse. Não vale a pêna. Apenas uma anecdóta entre os muitos milhares delas que êle deixou. Na Câmara-dos-Deputados. Fala o director geral do Ministério da Fazenda,

conselheiro António Maria Pereira Carrilho, conhecido do vulgo pelo *Carrilho do Orçamento*, porque era êle quem confeccionava êsse calhamaço a gregos e troianos. Homem grave, muito sério, muito sabedor e muito honesto. Carrilho, que replicava a Mariano, tendo sido atacado violentamente, falava com a máxima gravidade: — O Sr. Mariano de Carvalho, cuja vida pública se iniciou em 1878... (Interrupção de Mariano:) — V. Ex.ª engana-se, e muito, na data. — Perdão, foi nesse ano que V. Ex.ª entrou nesta câmara. — Embora. A minha entrada na vida pública foi num domingo de Maio de 50 e tantos, tomando parte numa procissão do Senhor aos Enfermos, na qualidade de anjinho. Saiba-o V. Ex.ª e a História. Mariano de Carvalho! Que saüdade!

Carneiro Lima

CARLOS FARO

UM MINUTO DE HESITAÇÃO

ANUEL GUIMARÃES, êsse belo temperamento de jornalista, chefiava a redacção de *O Século*, e, nessa qualidade, insistia comigo para que fôsse entrevistar uma alta individualidade brasileira que devia chegar nessa noite a Lisboa pelo *sud-express*. Manuel Guimarães punha o maior interêsse nesse serviço, chegando a dizer-me que se tratava de um amigo pessoal do nosso director cujas relações se teriam feito e robustecido em Paris. Ao despedir-mo-nos, acrescentou ainda:

— Apresente-lhe os cumprimentos da parte do Sr. Silva Graça e... não deixe de lhe dar «tôda a corda»...

Esta observação final queria dizer que eu podia adjectivar à vontade o entrevistado e dar tôda a extensão ao escrito.

Tão expressiva recomendação não a fazia com freqüência Manuel Guimarães, pois o experimentado jornalista, habituado a pesar devidamente o sentido das palavras, só de longe em longe tinha oportunidade para a salientar. Bem sabia o chefe da redacção de *O Século* que uma simples indicação sua bastava para que nenhum de nós falhasse com o serviço, mas entendeu, como excelente camarada que era simultâneamente, demonstrar-me por aquela forma a delicadeza da incumbência de que me investira naquela tarde. Mas a minha comoção não pára aqui: ao deixar o edifício do *Século* encontro no átrio da escadaria, onde entrava apressado, segundo o seu costume, o Sr. Silva Graça que, inteirado, por curiosidade sua, do serviço que me fôra atribuído, acudiu com o seu habitual desembaraço:

— Olhe que se trata de um amigo meu, e sobretudo de um homem de grande acção e de alto valor. Dê-lhe as minhas boas-vindas e diga-lhe que àmanhã irei visitá-lo.

O *expresso* de Paris, que então não era diário, chegava à estação do Rossio cêrca da meia-noite. Quer dizer que eu tinha tempo para aproveitar ainda uma parte do serão político que se anunciava ultra-interessante para essa noite, na Rua do Passadiço, em casa do ilustre estadista José de Alpoim. E para lá me dirigi, após o jantar, na companhia do saüdoso camarada Mariano Algéos.

A roda dos freqüentadores dêsses serões, segundo ouvi, estava quási completa. Lá encontrei políticos das duas facções: republicanos e monárquicos, e também jornalistas de um e de outro credo. O antigo chefe da dissidência progressista vai falando com o seu habitual interêsse. Uma ou outra vez intervém um dos seus amigos políticos, e, por

fim, a conversação aquece, generaliza-se, até que se entra na segunda parte do serão ou seja a que era oficialmente destinada às notícias novas, em calão jornalístico conhecidas pela designação de *caixa*. Para nós, profissionais da imprensa, era esta a parte mais sensacional. A-pesar disso, achei prudente, nesta altura, consultar vários relógios, não fôsse, às vezes, falhar o meu. ¡ Faltava um quarto para a meia-noite! A surprêsa e a decepção não podiam ser maiores. Ante os meus olhos passou a perspectiva de um deplorável estenderete, de um fiasco estrondoso que poria em sério risco a minha situação no *Século*.

Sem fazer despedidas, peguei no chapéu e, a correr, a correr sempre, alcancei a estação do Rossio em alguns minutos. Mas o esfôrço fôra inútil: o *sud-express*, nessa noite, viera à tabela, o que raramente sucedia, e da sua chegada já mal havia vestígios... O drama desenhava-se com a maior intensidade. Pude, então, saber que no combóio viera, inesperadamente, o marquês de Soveral, a quem se facilitara a passagem para o Avenida Palace, abrindo a porta que comunica com o *hangar* da estação. Era já alguma coisa, mas muito pouco para o meu caso... E agora?!... Estava naturalmente indicada uma rápida peregrinação pelos principais hotéis—Avenida Palace, Bragança, Central... Não havia outro recurso. E, enquanto eu planeava êste ataque, que talvez me conduzisse à vitória, esbarro com o Chico Santos Tavares, ao tempo redactor do *Mundo*, e actualmente ministro de Portugal em Estocolmo, que estava ali para se desempenhar de uma missão igual à minha, por determinação de França Borges. Queixava-se do atraso do combóio!... Quando o informei do sucedido, observou-me, muito serena e risonhamente:

— Então sômos dois jornalistas encravados...

Mas, como não havia tempo a perder, pusemo-nos logo em campo. No Avenida Palace soubemos que efectivamente

«o nosso homem» se instalara ali, mas que se recolhera...
— Já nem a luz tem acesa—obtemperou um dos *chasseurs.*
A fatalidade não nos largava. O marquês de Soveral, êsse sim, mantinha ainda conversa com dois amigos. E foi tudo quanto se pôde apurar... Viemos para a rua. No relógio do Carmo soou uma badalada. Era o aviso de que não podia haver mais delongas—uma hora da noite! Impunha-se uma resolução. Qual? Uma única, de resto, acudia ao nosso espírito: combinarmos certos detalhes cuja referência num e noutro jornal seria indispensável e pôr audaciosamente essas informações na bôca do recêm-chegado. Não havia outro recurso...
Sobreveio um minuto de hesitação, um minuto cruel, interminável, que se traduziu, já Chiado acima, num profundo silêncio. Estávamos no Largo das Duas Igrejas. Era o momento de nos separarmos, era o momento de tomarmos uma decisão. E, então, sem mais preâmbulos, acordámos nas linhas gerais da «entrevista», comprometendo-me eu, às primeiras horas da manhã, a comparecer perante «o nosso homem», para lhe dar conta do sucedido. Cada um de nós seguiu o seu caminho. Presentiei Manuel Guimarães com a *caixa* do marquês, e, cumprindo as instruções recebidas, dei no jornal «tôda a corda» ao ilustre brasileiro.
Como o susto subia de intensidade à medida que se aproximava a saída do jornal, desisti de dormir. Cêrca das oito horas, tomei o meu banho, vesti-me, adquiri um exemplar do *Século* e outro do *Mundo*, e pus-me a caminho do Avenida Palace. Os títulos das «entrevistas», a duas colunas, davam-lhes destaque e solenidade... Que diria o «entrevistado»?!... Uns instantes de espera e ei-lo diante de mim. Não lêra ainda os jornais. Dei-lhos, transmitindo ao mesmo tempo os cumprimentos do Sr. Silva Graça. De-

pois, vagarosamente, leu o *Século* e o *Mundo*, interrompendo a leitura, a cada passo, com um sorriso, e por vezes com uma exclamação de aplauso...

Eu limitava-me a seguir com curiosidade o seu jôgo fisionómico, não proferindo sequer uma palavra, embora as suas atitudes me fôssem encorajando... Mal êle deu a leitura por concluída, manifestando, e agora francamente, o seu inteiro acôrdo, narrei-lhe o percalço que nos havia sucedido, pedindo a maior reserva. O meu interlocutor riu, riu com vontade. E, talvez por amabilidade, acabou por me declarar que nos seus tempos de jornalista tivera um contratempo semelhante no Rio de Janeiro que o forçara a recorrer a um expediente muito parecido.

E ria, ria com vontade...

Carlos Faro

EDUARDO FERNANDES (ESCULÁPIO)

A VIDA ANECDÓTICA DOS JORNAIS

Niza era um velho informador do *Século*, antigo soldado da guarda municipal e antigo polícia, com tôda a manha da caserna. Não era homem de grandes letras, antes escrevia pèssimamente, mas era criatura para resolver um caso difícil, dêstes que surgem a cada momento na vida de um *repórter*.

Dera-se um crime de morte na calçada da Graça, um tal Pio que anavalhara a mulher, e precisava-se do seu retrato, que a família negava. O Niza foi chamado a capítulo para cortar o nó-górdio, com a promessa de que, se fôsse um novo Alexandre Magno, iria de madrugada cear connosco ao restaurante onde fazíamos as nossas bacanais.

O Niza encaminhou-se para o govêrno civil, onde o assassino estava preso, e, chegando à fala com êle, intitulou-se escrivão do juiz-de-paz da área, intimando-o a declarar-lhe onde tinha metido o seu retrato, para instrução do processo. O Pio respondeu à medida dos seus desejos, indicando-lhe a habitação e o móvel onde êle se encontrava, e encaminhou-se logo o nosso homem para a casa onde fôra perpetrado o crime.

— Venho aqui de mandado do *seu* Pio, que está no govêrno civil, para que lhe mandem o retrato. Diz êle que está na gavêta tal da cómoda tal, ao canto do quarto tal.

A família caíu no lôgro, o retrato saíu no jornal e Niza foi, às tantas, connosco, para o *Mealhada*, onde nos esperava, companheiro dilecto de fartas ceias e largas pândegas, o saüdoso actor Marcelino Franco, o mais engraçado cómico que temos conhecido fora de scena, porque em geral os cómicos, tirando-os do tablado, costumam ser soturnos e sorumbáticos.

O Niza, quando o viu, tomou-o por um velhinho bonacheirão e tôda a noite se esteve divertindo com êle, até que, à despedida, em ar de graça, exclamou:

— Bem, senhor Marcelino, estimei conhecê-lo. Vou agora para casa dar muitos beijinhos na minha mulher...

— Também eu, respondeu-lhe, sorridente, o impagável actor, apertando-lhe efusivamente a mão.

Naquela manhã, chegara ao gabinete dos *repórteres* a sensacional notícia de que entrara no Tejo um *Aquidaban* qualquer brasileiro, o qual conduzia a seu bordo um *indesejável*, como se diz agora, indivíduo de tal categoria que o comissário geral, o velho e simpático Morais Sarmento, fôra propositalmente e em pessoa recebê-lo ao portaló do navio, trazendo-o para o govêrno civil, onde se conservava

na maior incomunicabilidade, guardado à vista pelo cabo Morgado, hoje chefe e secretário do comando.
Logo a mestrança dos *repórteres* e informadores se pôs em campo para descobrir o segrêdo. Tinha sido proclamada, havia pouco, a república no Brasil, o nosso país fôra o primeiro a reconhecer tal regímen na nação irmã e supunha-se que o preso era pessoa adversa a êsse mesmo regímen. Mas sabia-se apenas que o homem embarcaria às 8 horas da noite no combóio de Espanha, a-fim-de ser pôsto na fronteira, e que o almôço e o jantar para o preso vinham de um restaurante do Chiado.
Os jornalistas abalaram do gabinete em cata dos meios para descobrirem o mistério, indo uns a bordo, onde os oficiais e marinheiros se mantiveram no mais absoluto mutismo, e indo outros à legação brasileira, onde não tiveram melhor sucesso. Eu, por minha parte, dirigi-me ao restaurante do Chiado, que freqüentava e onde era íntimo do dono da casa.
Num pedacito de papel, confeccionei um bilhete, onde, descrevendo tôda a minha figura e indumentária, comunicava ao preso a minha qualidade de jornalista e que pretendia saber quem êle era e por que o prendiam. Ao mesmo tempo, que me escrevesse nas costas do bilhete qualquer resposta e que ma deixasse cair aos pés, na estação do Rossio, onde iria assistir à sua partida.
Mostrei o bilhete ao dono do restaurante e pedi-lhe para mo deixar meter dentro do pão que havia de ir no almôço do preso. O homem não aquiesceu, mas autorizou-me a ir à cozinha conseguir isso do *bicho*, que estava indigitado para levar as latas ao govêrno civil, um galego pequeno, de testa curta, estúpido como umas casas.
Passei-lhe para as mãos uma *coroa*, que era nesse tempo uma fortuna, e, agarrando em pessoa no pão, dei-lhe um golpe com o meu canivete e introduzi-lhe na racha o pa-

pelinho. Disse ao galego qual o fito da minha operação e vim atrás dêle, Rua de Serpa Pinto fora, cônscio de que vencera os colegas e de que o meu jornal seria o único a desvendar a nova.

O galego entrou, sorridente, no govêrno civil, a piscar-me o ôlho, e, assim que se defrontou com o cabo Morgado, exclamou, entregando-lhe as latas:

— *Bae* o almôço do preso!

E acrescentou, devagarinho:

— Diga-lhe a êle que *beja* o bilhetinho que *bae* dentro do *pan*...

O leitor está a ver o que sucedeu. Daí a nada, sentia eu o Morgado atrás de mim, a repetir-me o conteúdo do bilhete e a rir como um desesperado. Mas não desisti. Acompanhei, à noite, o homem ao combóio e, ao dar-se o sinal de partida, saltei para a carruagem onde o tinham metido com o agente Cotanejo e um outro.

Fui falando francês com êle até Santarém e soube que se tratava de um jornalista de apelido Carneiro, do *Jornal do Comércio*, do Rio. Regressei de madrugada a Lisboa e foi ainda o meu jornal o único que desvendou aos seus leitores o misterioso e embrulhado caso.

Quando eu chegava, ligeiro,
Á volta das três-e-pico,
Ao diurno picadeiro:
— Boas tardes, senhor Chico!
Dizia-me o sapateiro,

Um sapateiro jovial,
De cara muito encarnada,
Figura de Carnaval,
Que trabalhava na escada
Mesmo pegada ao jornal.

Um dia em que eu me dispunha
A dizer-lhe, sem reclamo,
Sem mesmo meter a unha:
— Não é Chico que eu me chamo,
Sou *Esculápio* de alcunha,

O mestre, ao ver-me passar,
Repetindo o cumprimento,
Mostra-me, em gesto sem par,
A um amigo quizilento
Com quem estava a conversar.

E diz-lhe, sem que eu me integre,
Como quem mostra um larápio,
Dando veloz ao bisegre:
— Êste é que é o Chico Lápio
Que faz a *Secção Alegre*.

Eduardo Fernandes
(Esculapio)

EDUARDO FRIAS

A MUSA INDIANA

ESTAVA eu então em plena efervescência combativa, no jornal *A Batalha.*

Naquela época, quando nos meus artigos me dirigia aos meus irmãos operários, o meu coração não ditava uma simples metáfora. Nessa época feliz do início da minha carreira jornalística, eu recordava de facto os meus irmãos operários que, como meu pai, passavam todo o dia juntos de uma forja, procurando, através de uma rude tarefa, o sustento de seus filhos pequeninos. Pensando nêles, a minha sensibilidade de *repórter* conheceu a sua mais enternecida compensação, revelando aos próprios trabalhadores o martírio obscuro da trágica epopeia do trabalho.

Nessas crónicas em que partilhei do calvário das tristes larvas humanas que rastejam sôbre a lama nauseabunda dos canos-de-esgôto, se enterram nos pântanos dos arrozais ou mergulham, semi-nus, junto das fornalhas dos na-

vios, foi-me grato realizar, mais uma obra de simpatia humana, do que uma colecção de *reportagens* ou uma série de artigos revolucionários.

Recordo êsse passado da minha carreira, tão pleno de emoção, com uma viva saüdade. Foi a época feliz, em que me senti verdadeiramente jornalista. O jornalismo, nesse tempo, não participava tão fortemente do carácter industrial em que redundou a imprensa, que fêz do jornalista um assalariado de mesquinhos interêsses financeiros.

No jornal *A Batalha* o trabalhador da imprensa revolvia ideas, comunicava directamente com a opinião, orientando-a, fazendo da pêna um instrumento de justiça, educando e modelando a consciência do povo que trabalha.

Nesta nobre missão, nesta obra indeclinável do verdadeiro jornalista, um escol intelectual trabalhava nesse tempo na *Batalha*. Ali escreviam assìduamente: o escritor Manuel Ribeiro, o actual lente da Universidade de Coimbra Dr. Aurélio Quintanilha, o notável economista Ezequiel de Campos, o professor Emílio Costa, os conhecidos advogados Campos Lima e Sobral de Campos, o distinto jornalista Pinto Quartim e o operário Perfeito de Carvalho, elegante prosador vernáculo, honra dos homens cultos e da classe gráfica. Faltava, a completar êste ambiente de tribuna e barricada, um perfume discreto de romântica ternura, um pequenino mistério em que o jornalista, depois de um rude combate, conhecesse o momento de arte que enche uma vida, como a eternidade de um símbolo. E êsse momento veio, e eu o recordo com uma emoção bem mais superior do que a minha entrada na jaula dos tigres, ou o duelo, friamente dramático, do arrombamento de duas portas: uma, a dos assaltantes do jornal onde trabalhava; outra, a porta que me deu passagem para os telhados, avançando sob um zunir de balas, tropeçando em caixotins e cavaletes mergulhados na treva.

Uma tarde, uma carta do Dr. S. de C. chamava-me a sua casa, de um modo que me era impossível deixar de comparecer. «Venha. Esperam-no Beethoven, uma chávena de café e um pequeno drama, para cujo bom desenlace Você vai contribuir como jornalista...» Fui. A espôsa do Dr. S. de C., com as suas finas mãos de raça, apresentou-me a Beethoven.

Ao café, ela contou. As mulheres contam melhor.

—Somos casados em segundas núpcias. Meu primeiro marido ficou na Índia. É um oficial do exército, de origem indiana. Êle ficou, eu regressei à metrópole com dois filhos: um rapaz e uma rapariga. Quando voltei a casar, o pai dos pequenos, mesmo de longe, cuidava da sua educação. O dinheiro era enviado a uns tios, que estavam encarregados de educar os pequenos e informar o pai. Mas como êles cumpriam a sua missão!... É a maneira como êles a cumprem que me faz estar aqui a contar estas coisas tristes.

Uma lágrima marcou um pequeno silêncio. Depois, numa transição: — Para o senhor sentir bem êste caso vá no próximo domingo, depois de ámanhã, à Tutoria da Infância. O senhor vai, e repara no rosto, no olhar, nos modos daquelas crianças. São tudo fisionomias irregulares, gestos mal ajeitados. Pois sem que ninguém o aponte, há de reparar num garoto, de olhar sonhador, expressão tão distinta, que... se distingue de todos os outros...

—Moreno, tipo indiano...

—Adivinhou! É êle... É meu filho! Olhe: aí vem a irmã...

Todo o encantamento do espiritualismo indiano, tôda a magia que pode envolver a encarnação da idea da princesinha longínqua, revelava-se-me no mistério preso às suas leves mãos e às tranças dos seus cabelos negros. Avançava como em pequenos vôos de ave, num ritmo de

fada medrosa, surpreendida, comunicando a tudo uma graça esquiva.
Fui-lhe apresentado. «Um jornalista amigo de seu pai. Vinha para tratar de libertar o irmão.» Senti como uma asa a sua mão na minha; depois, como uma sombra, a sua figura esvaíu-se da sala.
— Pois foram os tios — cortou a voz do Dr. S. de C. — foram os tios que meteram o pequeno na Tutoria, para não terem maçadas e não gastarem nada com a sua educação. E o pai a pagar.
— E eu com o meu filho entre vagabundos...

Não me foi difícil encontrar o pequenito indiano. As suas feições, o seu olhar melancólico, a sua distinção de maneiras, sobressaíam imperativamente, impondo-se sôbre aquele museu de crianças degeneradas, que a Tutoria da Infância vai buscar à rua. Depois nenhum milagre me surpreenderia. Acompanhou-me nessa visita o espírito da princesinha esquiva... Falei ao irmão. Era na Tutoria o n.º 5.
Á noite, em casa do Dr. S. de C., delineava o plano do artigo, que deveria impressionar sem escândalo, sem a revelação de um drama familiar, mas que conseguiria a liberdade do pequenito. De um recanto penumbrado, a voz da princesinha ciciou:
— E quando escreve êsse artigo?
— Agora mesmo.
Voltou a desaparecer. O seu sorriso vibrou durante muito tempo, no ambiente.
Levantámo-nos. O doutor, sorrindo, pregunta:
— Sempre queres escrever o artigo agora? Nesse caso fica aqui... Ficas, mas só. Quando quiseres, chama.
Encontrei-me só, numa pequena salita. Chegaram até mim os acordes indolentes do «Chant Hindou», dêsse extraor-

dinário russo. Súbito, o piano emmudeceu e uma voz dulcíssima, como que esvoaçando:

—Já escreveu alguma coisa?

Era ela; a expressão era mais luminosa. Ondulou o busto delgado, fêz deslizar as mãos sôbre a mesa, até ao papel, fez-se um silêncio, em que tôdas as muitas, tôdas as grandes lendas do amor tomaram forma. Depois, tìmidamente, disse:

—Queria que me lêsse a mim primeiro o que escrever sôbre o meu irmão. Êle é tão bom! Tenho tantas saüdades! Êle está como preso, não está?... Eu sou mais má do que êle... Gosta de Beethoven? Vou inspirá-lo... Parece-me que senti os passos do papá. Também está impaciente... Desapareceu. Todo o artigo foi escrito assim, entre fugitivas aparições e a sugestão dêsse luar enfeitiçado, cujos segredos Beethoven e a princesinha tão bem me revelaram. Da última vez que a princesinha voltou seus olhos anuviaram-se de lágrimas. Demorei o artigo o mais que me foi possível. Êsse momento foi curto, mas êle encheu tôda uma vida.

O pequeno n.º 5 voltou para junto de sua mãe.

Os olhos da princesinha ainda hoje me agradecem, e em tôda a minha carreira de jornalista, êles me aparecem como uma compensação, como uma estrêla, guiando o meu pensamento para as misteriosas alturas onde tudo é justo, onde a vida é superiormente bela, como é bela a certeza de atingir um fim, tão raro na nossa profissão tão cheia de desenganos...

Eduardo Frias

EDUARDO DE NORONHA

UM APÊRTO... JORNALÍSTICO

RGANIZAR o número de um jornal não é dirigí-lo nem redigí-lo. O director consagra algumas horas à gazêta e deambula; o redactor, o colaborador, o *repórter*, o informador escreve, entrega o que escreve e segue. O chamado hoje chefe de redacção de um dos denominados órgãos de grande circulação pode comparar-se ao comandante de um grande paquete. Faz todos os dias uma viagem, em calma podre ou em procela desatinada, como sucede no mar. A direcção e os accionistas da companhia ficam em terra dormindo tranqüilos a noite na cama; no dia imediato, ao aportar o navio, com o serviço feito —isto é, com a fôlha pronta —se se lembram de alguma coisa é de notar as faltas e raras vezes de sublinhar e elogiar a tarefa realizada.

Pois é de respeito.

Dito isto à guisa de exórdio, narrarei em linguagem sin-

gela—a que mais convém ao jornalista,—um caso sucedido há uns vinte anos, entre uma infinidade dêles, da minha vida decorrida a conversar com o público.

O serviço redactorial do *Diário de Notícias* dividia-se por *piquetes*. Eram quatro os redactores incumbidos de os desempenhar: Albino Pimentel, que vinha da fundação; Eduardo Coelho, filho do fundador; Fraga Pery de Linde, estenógrafo de distinção; e o signatário.

Não havia então subdirector. O director, Dr. Alfredo da Cunha — que possuia a excelente qualidade de ouvir, mas só proceder pelo que via e ponderava — entendia-se directamente com o *piquete*, durante as vinte e quatro horas, tal qual as divisões a bordo e as inspecções nos quartéis.

O formato do *Diário de Notícias* — que tinha quatro páginas, era função mais do anúncio que do noticiário. O número de segunda-feira, feito ao domingo, fraquejava sempre no importante contingente comercial e amiúde nas ocorrências. Nessa quadra os criminosos timbravam em guardar o dia destinado ao descanso, os desordeiros recriavam-se mais do que rixavam, a polícia fechava os olhos e cruzava os braços, as velocidades não tinham atingido o delírio de agora, os descarrilamentos e catástrofes sensacionais preferiam a semana, as agências telegráficas expediam menos patranhas, numa palavra, a gazêta da segunda-feira, preparada no período dedicado ao repouso, recomendava-se por pacata, sem causar abalos nos lares nem agravar as lesões dos cardíacos. Permitia mesmo, com freqüência, o seu organizador recolher a penates, das três para as quatro da madrugada, em vez de, como nas outras madrugadas, não encontrar já o guarda-nocturno para lhe abrir a porta, visto o sol ir já muito acima do horizonte.

No domingo a que me refiro, ocorrera não sei que acontecimento de importância em Santarém. Partira para ali, de manhã, o *repórter* Adriano Costa que, apenas chegou, te-

legrafara prevenindo que lhe reservasse para o seu relato, pelo menos, quatro colunas. O original viria no combóio das onze da noite.

Em presença de eventualidade tão considerável o director, avisado pelo telefone, marcou um formato maior que o usual em tal dia da semana.

Na redacção, à meia-noite, ninguém, a não ser o *piquete* e o Eduardo Franco, que fôra lá para deixar um vale na administração. Nem mais vivâlma, nenhuma das visitas tão vulgares nas redacções, das que aparecem para saber novidades, para impingir carapetões, para cear com o redactor, para apanhar uma *borla*, para dar um *encôsto*, mais raro para levar uma *caixinha*, e algumas ocasiões, seja dito em boa verdade, para ajudar, principalmente, a traduzir os telegramas da última hora.

Nessa noite nem uma alma penada das tantas que vaganeiam pelo Bairro Alto.

Perto da uma da madrugada, feita a medição dos anúncios e do noticiário, o António Maurício, chefe da tipografia, entra por ali dentro e, com o seu tom pausado, quási cantante, declara:

— Senhor Noronha: faltam sete colunas.

— Com todo o original que sobrou de ontem?

— Com todo êsse.

— E as quatro colunas de Santarém?

— Não vieram; o combóio já chegou.

Sete colunas no *Diário de Notícias*, daquele tempo, correspondiam a um folheto de muitas dezenas de páginas.

Embora cada redactor guardasse na gavêta um masso importante de *original*, uma espécie de reserva para ser chamada a combate, as *buxas*, o que raríssimas vezes se tornava necessário, não existia lá nada que pudesse encher tão fundo e largo abismo. Nem sequer havia o recurso de apelar para o director, que possuia bastantes artigos-de-

-fundo feitos com antecipação. Não estava lá, não se incomodaria a vir de S. Vicente à Rua dos Calafates por tal motivo, nem o redactor apelaria nunca, em caso nenhum, para tal expediente. A realidade dos factos consistia no seguinte: o original existente não passava de um grão-de-areia para aterrar um barranco enorme, e o jornal tinha de sair por fôrça na manhã seguinte.

Antes de prosseguir, convém delinear em quatro traços o perfil de António Maurício, da mesma forma que já uma vez o desenhei.

Era musculoso e rude. Sem pecar por demasias, a sua corpulência dava logo que pensar a quem o procurasse com intenções hostis. O seu olhar franco, observador, pregava-se com desassombrada investigação no do interlocutor. As suas feições, bem vincadas, denotavam resolução pronta e inabalável. Ninguém se podia enganar com a sua expressão. O sobr'ôlho carregado, quando franzia a testa, anunciava borrasca grossa, nem sempre fácil de conjurar; quando se ria, todo o semblante patenteava o generoso fundo da sua alma, a singeleza jovialíssima da sua compleição moral.

Quando, da uma para as duas da madrugada, e no momento em que o trabalho redobra de intensidade, em que a oficina se assemelha a uma vasta colmeia de numerosas abelhas activas e silenciosas ou a um estranho e sobrenatural laboratório povoado de gnomos, trasgos, duendes e figuras cabalísticas, ornamento indispensável à literatura das baladas e ainda outros auxiliares lendários dos alquimistas em busca da pedra filosofal, a figura de António Maurício destacava-se quási majestosa por entre as fileiras de *caixas* e *caixotins*, junto das quais labutam centenas de formigas nocturnas—os compositores—soldados incansáveis de uma nova cruzada, indefessos trabalhadores de

uma noite inteira, no intuito de proporcionar no dia imediato novas de acontecimentos graves e leitura instrutiva a uma população ávida de informações e curiosa como uma criança.
António Maurício, conhecedor profundo da sua arte, cruzava vagaroso e atento por meio daquele pequeno mundo. Nunca perdia a serenidade. Inalterável, respondia a preguntas, resolvia dificuldades, fazia indicações, multiplicava-se em conselhos. Dir-se-ia o capitão de um navio, de pé no catavento, comandando a manobra em emergência de responsabilidade, a alma que insuflava vida a corpo tão complexo e tão heterogéneo nos seus elementos constitutivos.

Rendida esta homenagem a um dos melhores elementos que houve no *Diário de Notícias*, volto a ocupar-me da situação quási angustiosa em que me encontrava.
Eu, o Eduardo Franco e o António Maurício reünimo-nos num rápido conselho, do qual saíu a ainda mais rápida resolução de cada um recorrer à *D. Guiomar*, ou seja a tesoura, ferramenta tão indispensável ao jornalista como a pêna e a caneta. Os jornais da província e da capital pendiam das paredes, espetados em ganchos presos a uma fasquia de madeira. Cortou-se com a cautela que o tempo permitia, o que quer dizer que foi quási a êsmo. Vieram para cima da mesa pedaços de jornal quási como peças de carne retalhadas pelo cutelo do cortador no cepo do talho. Foram artigos descritivos, em geral, prosa em que abundam as gazetas provincianas, a maioria transcrita, por idêntico processo, das fôlhas alfacinhas. Enfim completou-se o jornal... Mas a que custo?
No dia imediato o redactor de serviço, que não dormira a pensar no incidente, nem queria lançar a vista para o jornal. Quando, cêrca do meio-dia, entrou na redacção, ia convencido de que a direcção lhe faria vários reparos. Espe-

rava-o à entrada da sala o António Maurício com aquele seu sorriso incomparável e sincera bonomia, que lhe abria a fisionomia quando estava bem disposto.

— Então? preguntei-lhe eu.

— Correu tudo bem; pelo menos até agora — respondeu êle, e logo aduziu: — Sôbre o artigo das *Novas chocadeiras* (era um dos cortados), vieram já cá duas pessoas pedir mais amplas explicações...

— E dos outros?

— De um dêles, não me lembro agora qual, esteve aqui um sujeito a conversar e a dizer-me que de assuntos daquela espécie é que nós devíamos tratar todos os dias.

— E o nosso director?

— Está bem disposto. Contei-lhe o ocorrido e não fêz nenhuma observação.

E António Maurício quedou-se entre sério e risonho a scismar em qualquer coisa lá muito do íntimo.

O que seria?

O jornal circulou. Não foi um jornal modêlo, mas o público e o leitor, mesmo o profissional, talvez não desse pela dificuldade superada. Hoje o óbice não transitaria tão fàcilmente em julgado. Daquelas algumas horas amarguradas só resta a recordação e a saüdade inerente ao passado, mesmo quando rememora um apêrto como aquele.

Eduardo de Noronha

FELICIANO SANTOS

O CONTÍNUO DO JORNAL

Não sei se algum dos colegas, colaboradores dêste livro, ocupando-se de episódios da faina das redacções, evocou já essa figura, quási sempre pitoresca, que é o contínuo do jornal. É evidente que os contínuos dos grandes jornais, com seu aspecto superior de funcionários públicos à beira de promoção por antiguidade, não interessam. O contínuo-tipo é o da gazeta pequena, que não tem para o serviço externo outro empregado. É êle quem vai comprar os cigarros e buscar a resenha da Câmara-dos-Deputados. É êle quem atende os visitantes importunos e quem se encarrega de negar, ao telefone, os pedidos de bilhetes de teatro com que os jornalistas são constantemente alvejados, como se fôssem empresários, tendo à disposição dos *borlistas* todos os teatros da capital. Desenvolvendo tôda essa actividade, o contínuo do jornal pequeno ainda tem tempo para passar pelo sono, encostado à clássica mesa da entrada,

onde um velho mata-borrão simula uma carta geográfica com tôdas as ilhas, ilhotas e ilhéus do Oceano Pacífico. Eu conheci, numa dessas gazetas políticas, que têm a duração da permanência no Poder dos respectivos partidos, um excelente homem, que pela primeira vez abraçava a espinhosa carreira de contínuo de jornal. Se bem me lembro, chamava-se vulgarmente Joaquim e nutria pela instituïção da imprensa uma simpatia que só tinha igual no carinho que votava a um certo *falerno* do Cartaxo, de que era depositário o carvoeiro da esquina. Joaquim não era mal mandado, mas como contínuo tinha as suas intermitências. Por vezes acontecia-lhe adormecer, carregado de Cartaxo, com a veneranda e avermelhada face de sexagenário pingueiro sôbre o mata-borrão da mesa e quando nós o despertávamos, aos berros e safanões, para algum recado urgente, Joaquim erguia um rosto estremunhado e mais tatuado, a tinta preta e vermelha, do que o de um pele-vermelha de cinema.

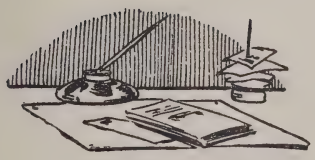
Recordo que certa tarde, em que o calor o forçara a freqüentes visitas ao carvoeiro da esquina, para refrescar, tendo necessidade de comunicar algo a um camarada, despachei Joaquim com uma carta e explicações claras e definitivas:

— Você vai à *Luta* e entrega esta carta. Não tem resposta. Percebeu?

Joaquim repetiu, estropeadas, as instruções: que sim senhor, que ia à carta entregar aquela resposta e que não tinha luta. Reeditei, com resignada paciência, o recado. Joaquim sossegou-me com um sorriso superior de quem mata uma charada ou surpreende um segrêdo de Estado e abalou com a carta.

Decorrida uma grande hora, Joaquim abeirou-se-me da secretária com a carta na mão. Olhei-o, surprêso e repreensivo:

— Então?
— Não estava lá ninguém!—explicou.
— Ora essa?! Na *Luta* não estava ninguém?
— Não, senhor! Até os portões estavam fechados... Diz que só abre à noite!...
— Os portões!?... Só abre à noite?!... Mas onde foi você levar a carta, Joaquim?
— Fui ao Coliseu... Que se «me conste», hoje em dia, a luta é no Coliseu.



FERREIRA DE CASTRO

O SEGRÊDO DAS NOSSAS DERROTAS

COMO EU FUI PRESO... NO LIMOEIRO

SEMPRE que eu regressava da escola, davam-me em minha casa *O Comércio do Pôrto* e diziam-me:

— Vê lá! Vê lá se já sabes ler!

Pequenito, seis a sete anos, já com o vírus precoce do sonho, eu ia soletrando, primeiro; depois, com a passagem dos meses, lendo, e, por fim, admirando...

Uma admiração extraordinária, constante e densa para os homens que escreviam *O Comércio do Pôrto*. Julgava-os como deuses, sêres excepcionais a cuja altura eu não considerava ninguém, entre as pessoas conhecidas, digno de ascender.

Como seriam êles? ¿E de que estranhos materiais se serviam para fazer o jornal? Isto era importantíssimo: ignorando os processos gráficos, eu ficava horas e horas a pensar no mistério que para mim representava a confecção de um jornal. ¿Como se conseguiriam aquelas letras tão

perfeitas, tão certinhas, tão iguais às dos livros que eu decorava na escola? Á mão? Mas, por mais que eu tentasse desenhá-las, nunca obtinha tão completo e harmonioso resultado.

Muitas vezes, quando vinha à vila, quedava-me ante a taboleta do semanário local, a olhar lá para dentro, na esperança de ver como se fazia um periódico. Mas eram baldados êsses esforços. Voltava sempre a casa carregado e sufocado pela mesma ignorância com que saíra.

Um dia, enchendo-me de coragem, pedi ao meu professor que me elucidasse sôbre tão mágico assunto. Mas êle, a-pesar-de considerado por mim como a pessoa mais culta da terra, não soube dar-me explicação capaz. De tudo que me disse, não pude extrair uma idea nítida.

Se me preguntassem nesse tempo o que eu desejava ser na vida, teria respondido sem hesitar:

— Jornalista!

Mas em verdade êsse desejo parecia-me tão absurdo como se um homem gritasse:

— Eu quero ser Deus!

Aos nove anos fiz o meu segundo exame—provas brilhantes que constituem para mim péssima recomendação, se me cingir à regra de que todos os homens de talento foram maus estudantes... Entendi que, por tal motivo, o meu nome era digno de vir no semanário da vila e fiquei a aguardar impacientemente que saísse o novo número. Desilusão! Outros, que haviam sido muito menos brilhantes do que eu, tiveram lá elogiosas referências, nas quais não eram olvidados os progenitores—gente rica da terra, comerciantes e funcionários... Eu, era como se não tivesse ido à escola, como se não tivesse feito exame, como se não existisse!

Mas êsse olvido, em vez de me revoltar, fez-me ver o jornalismo ainda mais difícil de atingir do que eu havia pensado, prestigiou-o ainda mais ante os meus olhos...

E a minha única consolação era pensar que, mais cedo ou mais tarde, podia ter o meu nome impresso num cartão-de-visita... Sempre que me ofereciam alguma coisa, pelo natal ou pelo aniversário de nascimento, só a timidez me impedia de gritar esta sinceridade:

— Em vez disso dê-me uns cartões-de-visita!

Depois, aos doze, parti para o outro lado do Atlântico e da selva amazonense comecei a expedir contos, «pensamentos», crónicas e «impressões» para todos os jornalecos, revistas e almanaques cuja existência eu conhecia. E a hora mais feliz da minha vida foi aquela em que vi prosa minha impressa numa dessas publicações. Passei dois dias ébrio, vendo tudo por um prisma de felicidade tão intenso, que nem que eu fôsse proclamado, de um momento para o outro, génio universal, a emoção seria maior...

Mais tarde cortei relações com o meu tio, porque êle queria que eu me dedicasse ao comércio e eu queria dedicar-me ao jornalismo.

Depois de desfolhar tôdas as vicissitudes, integrei-me, enfim, na profissão.

Fiz tôdas as secções do jornal, desde o *fundo* ao *movimento marítimo*, viajei para fazer *reportagens* distantes e um dia, conhecendo já todos os segredos do jornalismo, regressei à casa onde nasci.

O semanário local, que doze anos antes cortara o meu nome humilde entre os examinados escolares, publicava agora o meu retrato e a notícia da minha chegada no lugar reservado ao artigo-de-*fundo!*

Não foi de triunfo a sensação que tive; foi de tristeza — a tristeza de quem fecha o ciclo das suas primeiras e mais fundas e mais ingénuas ilusões!

Mas não é uma confissão de scepticismo que êste livro, pelo seu carácter, requere. Tampouco uma biografia. E ain-

da menos páginas de memórias íntimas, dramas psicológicos que se desenrolam para lá das colunas dos jornais, onde a vista do leitor já não alcança.

O necessário é que escolhamos, entre o baralho de peripécias que a profissão nos fêz coleccionar, a carta mais emocionante, mais sugestiva, aquela que dê ao leitor o *frisson* de uma *reportagem* sôbre um crime misterioso ou sôbre uma aventura empolgante... Uma novela em duas meias colunas de prosa...

A minha carta, porém, não é um trunfo; é uma carta branca, uma carta sem valor. Alguns dos meus colegas contarão vitórias; eu vou contar uma derrota.

Avelino de Almeida, amigo prezado e jornalista ilustre, dirigia nesse tempo a edição da noite de *O Século*.

Um dia combinei com êle ir dormir ao Limoeiro, para descrever a vida dos presos durante a noite, para focar nas trevas o sinistro casarão.

Além do jornalista havia em mim o curioso; eu amo tanto a liberdade, que desejava averiguar como podiam viver aqueles que a não tinham.

Uma visita prévia e legalmente consentida ao grupo B, onde se encontravam os presos sociais e entre os quais eu tinha amigos, permitiu-me avaliar das possibilidades de passar uma noite ali, clandestinamente.

Combinei tudo e uma tarde, à hora das visitas, entrei no Limoeiro com os bôlsos cheios de tabaco.

Instalei-me no grupo B, protegido pelos amigos, escondi-me quando o guarda passou no corredor—e esperei... Passaram-se vinte, trinta, quarenta minutos— uma hora... Lá em baixo chamaram, por fim, as visitas.

— Se você escapar agora—disseram-me alguns dos presos sociais — já não há perigo. E àmanhã, a esta mesma hora, sairá com as visitas do dia.

Mas lá em baixo gritava-se já:
— Falta um! Falta um!
Voltei a esconder-me. Era tempo, como se diz nos romances policiais, porque momentos depois aquele sector, bem como todos os outros do Limoeiro, era invadido por um guarda, que preguntava a todos os presos:
— Não ficou aqui nenhuma visita?
Ante a resposta negativa, desceu e de novo eu ouvi lá em baixo um murmúrio estranho, algo que me fêz recordar, que me faz recordar ainda, o ambiente em que Dumas fazia passar a descoberta, em vetustas masmorras, da evasão das suas personagens.
Mas pouco depois eu ouvi a porta ranger e compreendi que as visitas saíam.
Respirei!
A tranqüilidade não volveu, porém, ao velho casarão. As visitas, verificado que entre elas não se encontrava nenhum dos detidos, foram mandadas em paz, mas os guardas não se resignavam à idea de terem contado mal as pessoas que entraram. E novas pesquisas faziam.
¡Como eu aprendi então a admirar os indivíduos que, a-pesar-de tôda a vigilância que se exerce nos cárceres, de todo o rigor a que estão sujeitos, conseguem evadir-se!
Os presos sociais garantiram-me que eu não seria descoberto e, de facto, mais uma vez o guarda passou no corredor e meteu a cabeça em todos os compartimentos, sem dar comigo.
Quando se retirou, desiludido, compreendi que até o dia seguinte não haveria qualquer novo incidente.
Mas logo compreendi também que, vinte e quatro horas depois, dado o alarme que na véspera havia causado a falta de uma visita, o aumento de mais uma nas que nesse dia fôssem contadas, não havia de provocar alarme menor.
E com êste tôda uma série de investigações, que aca-

bariam, fatalmente, por incidir sôbre os presos do grupo B, pois era impossível eu ocultar-me ali, passar ali tôda uma noite, sem a cumplicidade dêles. E se eu não podia sequer imaginar o castigo que disso lhes adviria, muito menos podia admitir que eu concorresse, de qualquer maneira, para lhes tornar ainda mais agre a vida no cárcere.

No meu espírito estabeleceu-se então um triste dilema: ou ficava ali, beneficiando a minha profissão, a minha carreira, mas prejudicando aqueles homens, ou saía imediatamente, libertando-os das conseqüências da cumplicidade que me haviam dado e renunciando ao êxito que de-certo constituiria a *reportagem* levada até ao fim.

Vão chamar-me parvo, mas confesso que optei pela segunda atitude.

Os presos, bravos rapazes que jamais esquecerei, alguns vítimas apenas da nobreza das suas ideas, cá fora por uns mal compreendidas e por outros propositadamente caluniadas, quiseram opor-se à minha decisão, oferecendo-se para arrostarem com tôdas as conseqüências da minha estadia ali.

Não aceitei, porém, o sacrifício e desci ràpidamente, fingindo que não tinha dado pela chamada das visitas.

Eu sou, porém, mau actor e os guardas, a princípio, o pessoal superior, depois, não acreditaram na minha distracção...

Para mostrar que a demora não podia corresponder a nenhum plano sinistro, declinei a minha profissão, tão inofensiva, tão pouco dada a evasões que não sejam de palavras...

Mas o bilhete de identidade não teve poder de talisman. O coronel França, então director do Limoeiro, não só não me permitiu telefonar para *O Século*, como me disse, de sobrecenho carregado:

—Tenha paciência, mas vou mandá-lo para o govêrno civil...

E mandou. Saí entre dois guardas e fui entregue, pouco depois, à polícia de informações, que me meteu nos quartos particulares, «até averiguar...»
E as averiguações, tão simples, tão fáceis, que se podiam fazer até por um golpe de telefone, demoraram perto de vinte e quatro horas...
Quando, enfim, me restituiram a liberdade e depois de eu ter verificado que o sol nesse dia era mais formoso do que nos outros e a cidade mais bela do que até ali, dirigi-me ao *Século*.
Escrevi a história da minha fracassada *reportagem*. Porque uma *reportagem* fracassada nem sempre significa o fracasso do assunto que se procurava. E até muitas das melhores páginas do jornalismo se devem ao que se observou, ao que se coligiu durante estas derrotas profissionais. Além disso, no meu caso eu havia criado um outro assunto sôbre o assunto que buscava.
Avelino de Almeida achou bom o artigo e publicou-o. O mesmo, porém, não entendeu a administração. No fim do mês, como eu trabalhasse à colaboração, recebi por aquela prosa tão difìcilmente conquistada, por aquelas palavras que me custaram um dia de prisão, muitas horas de desassossêgo e muita angústia entre os meus, o mesmo que me pagariam se eu tivesse escrito uma notícia, fàcilmente obtida, sôbre um homem que se zangou com a amante e lhe deu uma navalhada... Pagaram-me menos do que eu tinha gasto com o tabaco que levei para o Limoeiro...
Não me revoltei; mas — ai! — não pude deixar de recordar aquele tempo de meninice, já tão distante, em que o jornalismo me parecia uma profissão ideal, a melhor, a mais invejável — uma profissão de deuses!
Não me revoltei... Para quê? Eu, na realidade, não havia sido bom jornalista: sacrificara os interêsses da minha profissão à tranqüilidade da minha consciência. A

administração do jornal não tinha nada com isso; o que lhe devia importar era o trabalho feito e não o meu caso de consciência, que ela nem precisava mesmo de saber.

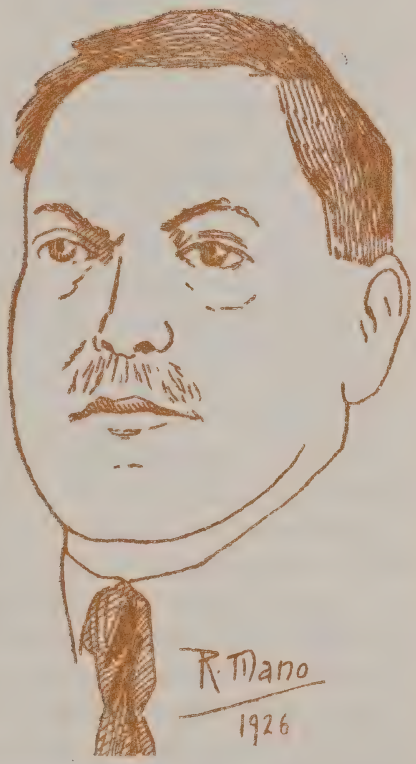
Mas estas derrotas que sofremos como jornalistas, constituem, muitas vezes, o nosso triunfo como homens. O maior dos nossos triunfos! Aquele precisamente que os inimigos dos jornalistas não conhecem, porque é o único triunfo de que fazemos segrêdo, a única *caixinha* que não damos à publicidade... E, contudo, aqueles que nos acusam de tudo sacrificarmos ao jornal, não nos perdoam quando o trabalho desmerece de interêsse, porque sacrificamos o jornal ao coração.

Ferreira de Castro

HERMANO NEVES

O QUARTO DE HORA DO «REPÓRTER»

Fiz *reportagem* como os heróis de Murger faziam boémia: quási sem dar por isso. Mas guardo da minha vida de *repórter*, como velhas pétalas resequidas entre as fôlhas de um livro, algumas recordações emocionantes. Que querem? Ao cabo de mais de vinte anos de jornalismo não se logra fortuna, mas é justo ao menos possuirem-se recordações. Ás vezes repasso-as, *in mente*, e comprazo-me em seguir, com tôdas as minúcias, a longa série de *raids* que resume afinal a minha existência de profissional das gazetas. Revejo tudo: explorações no subsolo de Lisboa, viagens no país e no estrangeiro, entrevistas sensacionais, ascensões de aeroplano e balão livre, descidas em submersível, peregrinações de além-mar, travessias no sertão africano — tudo. E penso o que nunca pensei



então: ¿Se tivesse sucedido isto? ¿Se tivesse acontecido aquilo? Tive, como todos os *repórteres*, momentos de angústia. Para que negá-lo? Tive mêdo, algumas vezes. Todos têm o seu quarto de hora funesto. O meu, que foi um pouco lento demais, pareceu-me uma eternidade, pois durou exactamente cinqüenta e cinco minutos, contados pelo relógio. Em 1911, na zona fronteiriça do Alto-Minho, com o meu colega Bruno Büchenbacher (que há poucos anos se finou em Paris, terminando com o suicídio certo romance de amor) aventurei-me através da serrania brava na intenção de auscultar o sentimento das populações raianas perante a ameaça iminente de uma incursão realista. Tínhamos deixado as eminências abruptas de Castro Laboreiro e, embrenhados nas solidões inóspitas do vale da Peneda, encontrámo-nos de súbito bloqueados por algumas centenas de montanheses armados e decididos, ao que parecia, a darem cabo de nós. Uma perfeita montaria. Assim nos apresentámos, como lobos acossados, no Baloeiral, à porta do Sr. Avelino Lourenço, de quem esperávamos socorro mas que infelizmente se não encontrava em casa nessa ocasião. Entrámos sem cerimónia, declarando que esperaríamos ali o seu regresso, e, instalados junto de uma janela, começámos a ver cingir-se em tôrno de nós o formidável cêrco... Büchenbacher, de relógio em punho, impacientava-se à medida que se aproximava a noite. — Se escurece antes do homem chegar, dizia-me êle, aqui morremos estùpidamente, sem se saber porquê... Chegou o Sr. Avelino quási uma hora decorrida, cavalgando a sua mulinha brava. Olhou-nos com desconfiança. — Quem são os senhores? preguntou desabridamente. Dei-lhe uma carta de recomendação que trazia. Parece que a leitura lhe não desvaneceu as prevenções que certamente tinha contra nós. Estranho mistério aquele! Pintei-lhe, o mais expressivamente que pude, o caso de dois jornalistas per-

seguidos como feras e ameaçados de morte sem nada terem feito que o justificasse. O que decidiu porém a sorte a nosso favor foi o imprevisto, êsse adorável imprevisto que a providência dos *repórteres* tem sempre de reserva. O Sr. Avelino Lourenço estendeu-me a dextra, de olhos fitos nos meus, solene e digno, intimando: — Aperte esta mão! Apertei-lhe a mão e compreendi logo. Senti nos metacarpos, a pressão suave do sinal maçónico de reconhecimento. Devo declarar que nunca fui *maçon*, o que não impediu que não conhecesse o sinal — e o retribuísse descaradamente, com a decisão do náufrago a quem se depara uma tábua salvadora. Perdõe-me o Sr. Avelino Lourenço e tôda a maçonaria do mundo, mas com homem perdido ninguém se meta! Claro que a situação se modificou logo inteiramente. Tudo se esclareceu então: os povos da Peneda tinham-nos tomado por espiões e como tal estavam resolvidos a não nos deixarem sair vivos da sua terra. Avelino Lourenço tratou-nos melhor do que a príncipes, porque nos tratou — como irmãos. Foi êle quem aquietou os povos e lhes garantiu a nossa idoneidade. No dia seguinte, mal o sol começou a doirar os altos cumes, metemos à serra, caminho do Suajo. Com voz de estentor, Büchenbacher atroava os ecos das quebradas com as notas estridentes do *Wacht am Rhein*.

Hermano Neves

JOÃO RODRIGUES CONSOLADO

UMA FRUSTRADA REÜNIÃO DO PARLAMENTO EM COIMBRA

FERTILISSIMA em episódios, curiosos e interessantes muitos dêles, é a vida profissional dos jornalistas que têm a seu cargo anotar, dia a dia, os factos mais palpitantes que na scena política portuguesa vão ocorrendo, a maior parte dos quais ficam inéditos porque conveniências várias assim o determinam.

Arremessado, há uns bons nove anos, quando fazia parte da redacção do jornal *A Manhã*, para essa *reportagem*, é a ela que tenho de recorrer para o relato de qualquer dêsses episódios. A escolha é, no entanto, difícil, quer por virtude da situação excepcional em que a política portuguesa decorre, quer porque não desejo suscitar o mais leve melindre pessoal com a minha despretenciosa narrativa.

Estávamos em princípios de 1922.

Fazia eu então parte da redacção do jornal *O Século* para

onde entrara com Carlos Ferrão e o falecido Graça e Cruz, ainda todos do antigo corpo redactorial de *A Manhã*. Tinha ali a meu cargo, como neste jornal, a secção política.

Atravessava-se nesse momento um dos períodos mais agitados da vida política portuguesa. Ao govêrno presidia o Sr. Cunha Leal, sendo ainda de recente data os trágicos acontecimentos de 19 de Outubro.

Os partidos republicanos, por quaisquer razões que não importam agora, discordavam da política governamental.

E, por isso, começou a germinar no espírito de alguns dos seus marechais a idea de fazer reünir extraordinàriamente, fora de Lisboa, as Câmaras Legislativas que funcionavam antes daqueles acontecimentos.

O chefe do govêrno não concordava com a reünião e opunha-se a que ela se realizasse. Por seu turno, os partidos pretendiam levar por diante o seu propósito.

Nos meios políticos começou a circular o boato de que o Congresso da República reüniria, por direito próprio, quer assim o quisesse, quer não, o govêrno.

O boato subia à redacção dos jornais, adquirindo dia a dia maior consistência.

Mantinha-se, porém, a maior reserva acêrca do local e dia escolhidos, sabendo-se apenas, único pormenor que transpirava, que a reünião se realizaria a bastante distância de Lisboa.

O acontecimento anunciado revestia, como é de ver, uma excepcional importância. Os trágicos sucessos recentes estavam ainda no seu rescaldo. O incêndio podia atear-se de novo.

Todos os jornais diários assim o reconheceram, e, por isso, para vários pontos do pais, aonde se presumia que a reünião das Câmaras pudesse efectuar-se, enviaram alguns dos seus melhores redactores.

Pôrto, Viseu, Lamego, que me recorde, foram as localidades alvejadas.
Tito Martins, que então dirigia a redacção do *Século*, preguntou-me o que havia a tal respeito, pois queria também destacar um camarada para o Norte, em busca da notícia.
Eu, porém, sabia tanto como êle.
Algumas averiguações que já fizera haviam resultado inúteis. Todos os políticos a quem me dirigira mostraram-se impenetráveis.
Em todo o caso, talvez um pouco levianamente, fui dizendo a Tito Martins que garantia a *reportagem* da reünião, nem sequer pensando, nesse momento, na responsabilidade que assumia, nem como a havia de efectivar.
Estavam, porém, em jôgo, pela primeira vez num órgão de grande circulação, as minhas aptidões profissionais de *repórter* político.
Passaram-se uns dois ou três dias, e eu continuava na mesma ignorância. Todos os meus *trucs* de *repórter* falhavam por completo.
Mas, a-pesar-de ser *O Século* o único jornal que ainda não tinha redactores a calcurriar a província em busca do acontecimento, quis permanecer em Lisboa, confiante e convicto de que era na capital o meu melhor pôsto de observação.
Não me enganei.
De indagação em indagação, chegou ao meu conhecimento que cada um dos chefes políticos estava incumbido de avisar os seus correligionários deputados e senadores, apenas com 24 horas de antecedência, do local e dia da reünião.
Numa sexta-feira, um acaso, o feliz acaso protector dos jornalistas e que tanta vez tem sido um dos meus melhores colaboradores, permitiu-me saber que um dos referidos

chefes políticos seguia para Coimbra no dia seguinte de manhã.

Uma pequenina inconfidência, apanhada no ar, trouxe-me a seguir a convicção, se não a certeza, de que estávamos na véspera do anunciado e sensacional acontecimento.

Á noite fui ao jornal, como de costume. Tito Martins interrogou-me, respondendo eu lacònicamente:

—Por enquanto não há nada. Esteja, porém, descansado com a notícia. Não havemos de *falhar* com ela.

No dia seguinte, de manhã, fiel a um compromisso tomado sem disso dar conhecimento prévio a quem quer que fôsse, nem mesmo a Tito Martins, dirigi-me à estação do Rossio, comprei bilhete para Coimbra e tomei lugar no *rápido*.

No combóio, já encontrei instalados, num compartimento de primeira, o chefe político a quem acima me refiro e mais uns três ou quatro deputados e senadores.

Ficaram todos surpresos e muito admirados ao verem-me ali.

—Para onde vai você, Consolado? — interrogam-me.

—Ora, para onde hei-de ir... Devemos apear-nos todos na mesma estação... Venho em missão de *reportagem* política...

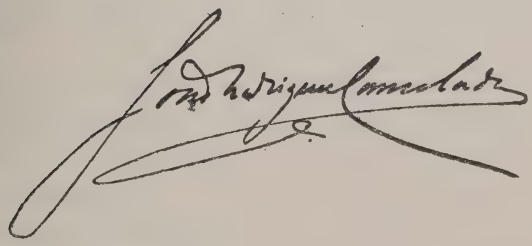
Compreenderam logo os meus interlocutores que eu conseguira penetrar o segrêdo da conjura. É possível, até, que para um dêles isso não representasse uma surprêsa...

Pouco depois, enquanto o *rápido* galgava célere a estrada férrea, conversava-se já num à-vontade grande, sem reservas, sôbre o que em Coimbra ia passar-se. A confidência, o sigilo mantido, já não eram então necessários.

Chegado àquela cidade, verifiquei que nenhum outro jornalista dos que haviam sido destacados para o Norte pelos jornais diários ali se encontrava.

Rejubilei, com um pouco de egoísmo, por me encontrar só em campo.

Conseguira a *caixa*, uma grande *caixa*, pensava.
Os competidores andavam longe.
Os meus créditos profissionais mantinham-se, pelo menos.
E, no dia seguinte, *O Século* publicava a *reportagem* completa e pormenorizada do que se passara na célebre reünião de uns 50 deputados e senadores, que, nas salas de um Centro Republicano da formosa cidade do Mondego, durara desde o meio-dia de sábado até às cinco horas da madrugada do dia seguinte.
Diga-se em abôno da verdade que a reünião, que foi secreta e a que não assisti, portanto, não teve a importância que se presumia, visto que nela se resolveu não levar a efeito a anunciada reünião extraordinária do Congresso da República.
No domingo, quando a Coimbra, de manhã, chegaram, vindos do Norte, os meus camaradas que por lá andavam há dias, já não encontraram a notícia. A maior parte dos presentes à demorada reünião tinha debandado.
Algumas semanas decorridas, o Sr. Cunha Leal, que conseguira impedir o acontecimento, presidia a novas eleições e entregava aos partidos as rédeas do Govêrno.

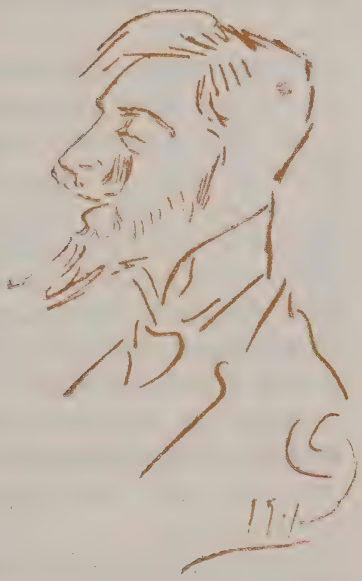


JOAQUIM LEITÃO

COMO SE LANÇA UM AMIGO

ENTREVISTA COM PAUL DÉROULÈDE

CONSAGRADÍSSIMO no Pôrto, já autor da *Raquel*, já admirado pelas suas admiráveis *sanguíneas*, António Carneiro expôs pela primeira vez em Lisboa, no *salon* da Exposição Nacional de Belas Ar es, de 1905. Essas exposições faziam-se então, no próprio edifício da Escola de Belas Artes, onde hoje é o Museu de Arte Contemporânea, que o Mestre Columbano com tanto saber e isenção dispôs. Para Lisboa, António Carneiro era quási um obscuro. No dia em que abriu a exposição, pedi a Eduardo de Noronha que atentasse em António Carneiro, que se apresentava com um antigo retrato de Joaquim Coimbra.

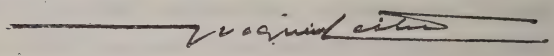


Mas a tela ficara encostada à moldura de uma porta de passagem. A localização, a luz e a parca representação, em número, do pintor, não evidenciavam o artista. Não me recordo se cheguei a conseguir que o *Diário de Notícias*

citasse António Carneiro. Vou jurar que nem isso arranquei à influência de E. de Noronha.
Isto era em Abril.
Na última semana dêsse mesmo mês, apareceu inopinadamente em Lisboa Paul Déroulède. Um domingo, sôbre o jantar, ao passar pelo *Avenida Palace* lembrei-me de entrar e entrevistar o amigo de Boulanger. Eu tinha, então, uma colaboração no *Diário de Notícias* — entrevistas — para a qual livremente procurava o assunto. Sem ansiedade alguma, assim por acaso, encontrei a celebridade que Lisboa abrigava nesse momento. Entrei no hotel, e dois minutos depois de lhe enviar o meu cartão tinha diante de mim uma larga sobrecasaca, — mordida pela fita de cavaleiro da Legião de Honra,—donde saía um forte pescoço de marítimo, terminado por uma cabeça byroneana, com uma barba em ouro e prata, biaguda.
Era Déroulède.
Imediatamente os seus olhos azuis e a sua voz de tribuno, voz em que havia um ligeiro tique meridional, falaram com ardor, com veemência, peninsularmente.
Falou de tudo: de Lisboa, do nosso sol, da sua vida política, da sua tentativa de golpe de Estado, da sua condenação a dez anos de destêrro que êle gozava em S. Sebastian. Vigiado pela polícia francesa, quando queria conspirar tinha de se embrenhar em Espanha. Assim fizera, então; e uma vez em Madrid, resolvera visitar a única capital da Europa que lhe faltava conhecer - Lisboa.
E depois de se extasiar ante a formosa praça que é o Terreiro do Paço—e que Columbano ainda há dias me louvava como das mais elegantes — contou-me que visitara o nosso *salon.*
A Déroulède, que falava pelos cotovelos, não era preciso fazer preguntas. Tive apenas o trabalho de esperar que êle me dissesse as suas impressões:

— Ah! eu vi lá uma tela que faz um pintor!
— De quem era?
— Era... era...?
— Seria António Carneiro...?—disse-lhe eu, contando com a facilidade que o estrangeiro tem em aceitar um nome que desconhece e que o seu desconhecimento da língua recebe como sendo o que lhe fugiu da memória.
— Deve ser... sim... É isso! Que grande pintor!
Á entrevista assistira um obscuro informador de jornais que encontrei já na sala do *Avenida Palace*, certamente para ver jornalìsticamente Déroulède, e a quem eu não dei tempo sequer a apresentar-se. Era uma testemunha. Mas a encadeação do que eu queria fôra tão lógica que nem êle mesmo podia jurar que as coisas se não tivessem passado como na manhã de 1 de Maio de 1905 eu contava, na entrevista com Déroulède, na primeira página do *Diário de Notícias*.
Um postal com a cabeça do Déroulède, coroada pelo *drapeau* tricolor, em troféu, escrito ao sair de Lisboa, e uma carta de S. Sebastian agradecendo-me e reconhecendo a fidelidade da entrevista, punham o sêlo autenticador no afectuoso *truc* jornalístico.
António Carneiro, no Pôrto, recebia telegramas de felicitações de Lisboa, e eu consegui assim pô-lo em pronta e maior evidência do que se o crítico artístico do *Diário de Notícias* lhe houvesse dedicado às duas linhas de saüdação.
Em 24 horas Lisboa conhecia António Carneiro.
Só a Cristiano de Carvalho revelei, então, êste golpe de amizade pelo pintor que nós impuséramos no Pôrto, anos antes.
Já lá vão 22 anos.
António Carneiro pode hoje sabê-lo sem se entristecer.
E aos jornalistas que vierem depois de nós também lhes não fará mal saberem como se lança um amigo sem êle no-lo

pedir, nem no-lo agradecer. Porque a condição essencial para se exercer esta profissão é não contar com a gratidão dos que estes Cyranos da rotativa quotidianamente ajudam a trepar à varanda da glória. E com a gratidão dos artistas muito menos. Camilo costumava escrever: *ingrato como um tipógrafo.* Pois mais *ingratos* do que os tipógrafos são os músicos, e mais do que estes os artistas de artes plásticas.



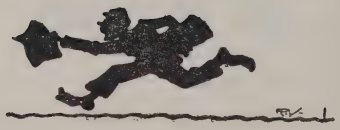
JOAQUIM MANSO

O MEU PRIMEIRO ARTIGO

TINHA eu dezóito anos quando, cedendo a instâncias de um amigo, me decidi a escrever para os jornais. Trabalhei duas horas e, no fim delas, enchera quatro grandes quartos de papel-de-ofício não pautado. A musa do jornalismo fôra generosa comigo. O meu primeiro artigo intitulava-se: — *O caminho a seguir*. Publiquei-o num semanário de província, mantido por um homem que, na sua grande bondade, acreditava que a imprensa era uma alavanca — a alavanca do progresso. ¿Que dizia eu, nessas duas colunas de prosa torturada e ofegante? Recordo-me dêste período — mais palavra, menos palavra — que sintetizava todos os outros: —«Para que um povo seja feliz, não necessita de ter vastos domínios, aquêm e além-mar, pois lhe basta educar-se no amor da sua terra, grande ou pequena, e no culto da liberdade.» Os anos

passaram, a experiência corrigiu os excessos da minha juventude, mas o meu artigo, o meu primeiro artigo, continua a ser, nas suas linhas gerais, o melhor trabalho da minha pêna de jornalista. Hoje, como então, procuro ser desapaixonado para estar mais próximo da verdade. Através de Portugal passaram vários vendavais: caíu um trono, desfez-se a glória fictícia de muitos varões ilustres, as ideas falsas tomaram alguma vez o lugar das verdadeiras, os ódios acenderam fogueiras e, à luz delas, alguns inocentes pagaram pelos culpados. Comentando factos, definindo atitudes, formulando alvitres, favorecendo ou contrariando correntes e orientações, tenho gasto o meu engenho e a minha actividade em centenas e centenas de artigos. Mas nenhum dêles deitou abaixo a lâmpada ingénua e moça que, desataviadamente, luzia no primeiro: —«Para que um povo seja feliz, não necessita de ter vastos domínios, aquêm e além-mar, pois lhe basta educar-se no amor da sua terra, grande ou pequena, e no culto da liberdade.»

Joaquim Manso



JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA

EM CERTOS CASOS OS ÚLTIMOS SÃO OS PRIMEIROS

A Lisboa haviam chegado, pelo telégrafo, notícias alarmantes acêrca de um grave acontecimento no Alentejo. Uma ponte de caminho-de-ferro, à passagem do combóio, abatera, engulindo duas ou três carruagens. Êsse desastre pavoroso causara a morte de alguns passageiros, deixando outros em perigo de vida. Fui incumbido, pelo *Diário de Notícias*, de fazer essa *reportagem*. Por motivos que não vale a pêna contar, cheguei ao Barreiro sòmente com uns minutos de demora para entrar no combóio que me havia de conduzir a uns quilómetros de distância do local do sinistro. O *Esculápio*, mais feliz do que eu, chegara àquela margem do Tejo com bastante antecedência. Teve, portanto, tempo mais do que suficiente para começar ali a sua acção.

O encontro que tivera com um dos feridos proporcionara-lhe uma bela notícia, enchendo inúmeros quartos de papel, que um revisor ferro-viário, a seu pedido, devia entregar no *Século*.

Parti, preocupado com o serviço que começara a correr mal. A ponte derruída ficava tão longe da estação de desembarque!... ¿Teria telégrafo para transmitir as minhas notícias? ¿E chegariam a horas de poderem ser publicadas no jornal do dia seguinte?... Estas dúvidas bailavam no meu espírito, por saber que o *Esculápio*, que seguia no mesmo combóio, ganhara terreno. A minha reputação de *repórter* estava em jôgo. Se o *Diário de Notícias* fizesse fiasco, considerar-me-ia um homem lançado ao mar...

A certa altura da viagem soube, por um empregado dos caminhos-de-ferro, que o fiscal do Govêrno seguira para Lisboa a dar conhecimento detalhado do desastre. Era a chamada tábua-de-salvação.

Escrevi, à pressa, um bilhete para o *Diário de Notícias*, recomendando que procurassem imediatamente o ministro das Obras Públicas, que a essa hora devia ter em seu poder um relatório circunstanciado. O aviso foi por mim entregue a um rapaz de jornais, na estação de Vendas Novas, que dentro de poucas horas estaria no meu jornal.

O *Esculápio*, que continuava radiante, vencedor, telegrafou para *O Século* novos pormenores. Eu telegrafei o mais que pude, fazendo, porém, *caixa* do que ouvira acêrca do fiscal do Govêrno. Era a minha única esperança.

No dia seguinte o *Século* não publicava as notícias importantes redigidas no Barreiro e o *Diário de Notícias* dava um relato pormenorizado do acontecimento... Eu ria de satisfação, enquanto o *Esculápio* clamava que lhe haviam roubado a correspondência, o que não era exacto. Em presença do meu aviso, Fraga Pery de Linde, redactor

do *Diário de Notícias* e amigo político do ministro, conseguira obter o relatório. Eis tudo.

O revisor que o meu companheiro de viagem encarregara de levar as suas notícias, fôra para casa deitar-se, dormindo a sono sôlto, e só as entregou no *Século* no dia imediato, quando não eram precisas!...

José Joaquim de Almeida

JOSÉ PONTES

COMO NASCEU EM PORTUGAL O JORNALISMO DESPORTIVO

A *dissidência regeneradora* acabava de organizar o partido regenerador-liberal.

João Franco, com um grupo de amigos, percorreu o país do Sul ao Norte, e, em comícios, movimentou a opinião pública, atraíndo milhares de partidários. Autoritário e enérgico, aproveitando o seu poder de persuasão e as suas qualidades pessoais de homem de bem, levou de vencida muita indecisão.

Para complemento desta propaganda, o partido decidiu «lançar» um jornal que atraísse leitores e despertasse interêsse, vivo no comentário, original no aspecto gráfico, moderno no noticiário e com secções novas de informação. Deram-lhe um título: *Jornal da Noite*. Instalaram-no num amplo primeiro andar da Travessa da Queimada. Escolheram para director um advogado de talento, o Dr. Fernando Martins de Carvalho, e para chefe de redacção Álvaro Pinheiro Chagas, que já nesses tempos se notabilizara pela sua profícua actividade e espírito de organização e que, na literatura do jornal, aparecia como humorista que poucos têm igualado, scintilante de *verve* e mordente na argumentação.

Foi Álvaro Chagas encarregado de procurar redactores. Não devia indagar dos seus credos políticos porque a doutrinação política pertencia, exclusivamente, aos dirigentes da *fôlha*. O que se lhes exigia era vivacidade no trabalho e o amor próprio do profissional. Reüniu o Rocha Martins, rapaz de inteligência e coração, nessa época inflamado propagandista de ideas sociais, quási um anarquista; Faria Machado, um poeta que sabia de-cor a linhagem aristocrática da gente portuguesa; Jorge Cid, o médico ilustre, então genial caricaturista, flagrante de ironia e de crítica.

Fiz parte dêsse núcleo primitivo. Fui seleccionado, em circunstâncias especiais, de um ineditismo bizarro, que constituem o momento mais saüdoso da minha carreira de jornalista profissional,—carreira de que me orgulho, porque tem servido para realizar muita obra de assistência social, para nortear muitos trabalhos de higiene pública e para convulsionar o país no propósito de valorizar a sua saúde física. Fiz o curso de medicina apoiado nos recursos do meu labor como profissional de imprensa. E, como jornalista, tendo nos jornais onde trabalhei e onde trabalho ampla liberdade para tratar qualquer assunto, só mantive, com pertinácia e com a vibração de um temperamento irrequieto, e procuro ainda manter as *campanhas* de provado interêsse nacional. As primeiras «cantinas escolares» de Lisboa são reflexo do meu trabalho no *Século*. A vulgarização dos desportos é pertença do meu «fanatismo» pelos exercícios físicos. A ginástica obrigatória nos programas educativos, impôs-se depois de um tenaz combate de muitos anos. A revalorização funcional e profissional dos mutilados da guerra fez-se pelo apêlo jornalístico da *Capital* e do *Século*, lançado com o meu feitio de comunicativo entusiasmo e ouvido pela alma sempre generosa do povo português. O primeiro grande congresso re-

gional — o trasmontano — que se seguiu ao que, numa bela tentativa e na sua província, fizeram os algarvios, manteve-se e realizou-se pela propaganda, insistente e gritante, que fiz no *Diário de Notícias*. Os banhos de mar dados a mais de 3000 crianças no verão de 1908, 1909 e 1910, na praia da Trafaria — e que foram, seguramente, a nota mais vibrante e simpática de tôda a assistência infantil dos últimos tempos — tiveram bastante do meu esfôrço, de colaboração com *O Século*. Cada notícia que escrevia era um reclamo dessa cruzada de altruísmo. A minha adjectivação constante, sonora, muito de cartaz, chamava a atenção do povo. Êste comprava o jornal e, assim, *O Século* radicou a popularidade.

Mas..., voltemos ao princípio.

Álvaro Chagas pretendeu fazer uma secção de desporto. Tinha a clara intuïção de que tais assuntos interessavam a muitos leitores. Para a conseguir procurou quem se encarregasse do trabalho. Indicaram-lhe o Gimnásio Clube Português e os irmãos Cid, filhos de um homem que à causa do atletismo salutar e regrado deu anos de professorado honesto e inteligente. No Gimnásio Clube, os directores Carlos Xafredo e Álvaro de Lacerda foram precisos na resposta:

— Nós não sabemos fazer o que o senhor pretende, mas conhecemos um rapaz, estudante da Politécnica e nosso consócio, capaz de o conseguir.

— Quem é?

— O José Pontes.

A indicação estava feita, mas não colheu resultados imediatos. Álvaro Chagas indagou. Disseram-lhe que o José Pontes era um «endiabrado», incapaz de tomar qualquer coisa a sério, boémio e cábula entre os mais conhecidos do meio escolar de Lisboa. Tais informações não eram abonatórias para uma decisão. Foi procurar o Jorge Cid

que, num excessivo e exagerado espírito de modéstia, disse terminantemente:

— Essas coisas nunca as fiz e não me meto em aventuras. Aceito ir para o jornal apenas como caricaturista. Faço um desenho por dia...

— Combinado. Mas, quem me indica para a secção?

— Um amigo, estudante da Politécnica, o José Pontes.

Esta segunda abonação de competência decidiu Álvaro Chagas. Mandou-me chamar. Procurei-o na futura redacção do jornal. Expôs o que queria e, para modêlo, desdobrou sôbre a secretária um exemplar do *Petit Bleu,* belga.

— Vê isto? e apontava uma secção com três colunas de prosa. — É assim que quero. É capaz de fazer?

Li num relance e superficialmente. Depois, com um aprumo de vaidade, que só os poucos anos justificavam, exclamei:

— Sou capaz de fazer melhor.

Álvaro Chagas sorriu. Tinha diante de si quem não deixava os créditos em casa alheia. Agradou-lhe, porém, a sem-cerimónia. Ao mesmo tempo previu um realizador dos seus projectos. Para encurtar, declarou:

— Desde hoje é nosso redactor. O jornal sai dentro de dez a quinze dias. E quanto quere ganhar?

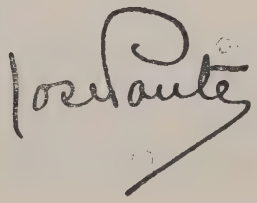
— O senhor dirá.

— Trinta mil réis por mês.

Dei um pulo. Caía-me do céu uma fortuna. Olhei fixamente para o meu primeiro chefe de redacção e julguei que delirava. Trinta escudos! Trinta escudos para um estudante era o sonho, era a *sorte grande,* era a garantia de belas pândegas e de vida descuidosa. Não ocultei o contentamento. Certamente que os meus olhos *falavam* com eloqüência e declararam o acôrdo estabelecido.

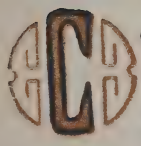
Num instante, porém, revi o passado, em que muitas dificuldades de vida nunca alteraram uma irrepreensível ho-

nestidade, e previ que traçava um destino novo à minha existência. Olhei, orgulhoso e atrevido, aquele que tanto me prometia, e, num tom de convicção decisiva, declarei:
— Aceito, mas com uma condição.
— Qual?
— A de ter absoluta liberdade. Escrevo o que quero e como entendo. Não tenho horas para vir à redacção. Mando ou trago o *original*. Afirmo, porém, que hei-de cumprir com o meu dever, a contento dos senhores e com orgulho próprio.
— Combinado...
Desde êsse dia, Álvaro Chagas encontrou um redactor e um amigo cuja amizade o tempo tem fortalecido. Desde êsse dia, os jornalistas portugueses conheceram mais um colega que tem a consciência de ser o melhor dos camaradas. Desde êsse dia, nasceram no jornalismo diário notícias e reclamos de festas, concursos, campeonatos e diversões que, alegrando e por vezes educando, tanto dinheiro conseguiram para sustento de obras de assistência e para enxugar muita lágrima de desventurosos e de humildes. E desde êsse dia, é bom salientar o facto, — *nasceu em Portugal o jornalismo desportivo.*
A secção do *Jornal da Noite* foi o primeiro passo na propaganda da educação física da mocidade portuguesa. Foi o primeiro berro atirado ao povo para cuidar da sua saúde corpórea. Foi o primeiro grito de alarme para dizer à gente portuguesa que a raça se depaupera, perdendo, pouco a pouco, as suas tradições de vitalidade e de energia triunfantes.



JOSÉ SARMENTO

SAÜDADES



OMECEI por ganhar uma libra em ouro por mês, no *Jornal da Manhã*, do Pôrto. Quando o Rato, administrador da gazeta, me meteu na mão a linda rodela de cavalinho, todo eu estremeci de júbilo e fui, como um raio, da Rua de Passos Manuel à Praça de D. Pedro, derretê-la em cafés e genebra, com os companheiros, no antigo Camanho. O Domingos, galego, até pôs os olhos em alvo! Acamaradava, nesse tempo saüdoso e longínquo, com o poeta Joaquim de Araujo, que morreu doido no hospital do Conde de Ferreira; Júlio Brandão, o brilhante poeta e prosador; D. João de Castro, insigne romancista, poeta e dramaturgo; o suave e melancólico António Nobre; Alberto de Oliveira, ministro de Portugal na Bélgica, espírito de eleição entre poetas e prosadores; Henrique Pinto Coelho, crítico, morto na flor da idade; e Domingos Guimarães, vivendo hoje no

comércio, mas ainda dado aos devaneios da literatura, com o seu engenho crítico, acerado e scintilante. Foi por essa época remota que apareceu no Pôrto o número único de um jornal que se intitulava *Feixe de Plumas*, dirigido por Joaquim de Araujo e José Pereira Sampaio (Bruno). Era uma mistificação, que todos nós, os que o ridigímos, nunca, a-pesar dos nossos verdes anos, divulgámos. O jornal foi composto e impresso numa tipografia da Rua do Almada. Inseria prosa e verso dos luminares daquele tempo e também, para não haver desconfiança, dos mocinhos literatos que entravam na moscambilha. Acusava-se, nesse jornal, Junqueiro de plagiário; e, para o provar, um camarada poeta, que, se me não engano, foi o Júlio Brandão, atribuía a Vítor Hugo estes versos:

O' voûte! Immensité!
Tu n'es que le couvercle
De cet immense cercle
Où vit l'humanité!

versos que Junqueiro teria traduzido quási à letra, servilmente, na sua *Morte de D. João*:

Abóbada infinita!
Não és senão a tampa
Desta sombria campa
Que a humanidade habita!

Como se vê, a imitação é flagrante! Suponho que Junqueiro morreu sem saber quem tinha sido o autor da partida. ¡Bons tempos de mocidade, cheios de ilusão, com os olhos postos num ideal de fraternidade e de santa camaradagem!

Rodaram os anos, outras épocas vieram, mais positivas, mais ferozes, mais egoístas. Mudaram os caracteres e as tendências, — só é grande quem é bem apadrinhado. Curvai-vos, senhores: vai passar por debaixo de um pálio feito de remendos, Sua Majestade a Imprensa, dilecta mãe do Elogio Mútuo!

José Sarmento

JULIÃO QUINTINHA

UMA ENTREVISTA COM WELLS

O jornalismo universal contemporâneo, reflexo da vida que passa — com seu cortejo de utilitarismo dominante, falência de princípios, desorganização económica, dúvida nos idealistas — vai perdendo aquele sabor romântico e o ambiente boémio que noutros tempos prestigiava a profissão com qualquer coisa de invejável e fascinador. Em Portugal, somados todos aqueles males à calamidade de uma percentagem de sessenta por cento de analfabetos, deficiências de educação e ausência de mentalidade, permanente desorganização social e política, o jornalismo não pode deixar de ser quási ficção — uma profissão de sacrifício, sem encanto espiritual, sem beleza, sem futuro. Num jornalismo que se exerce nestas circunstâncias, naturalmente só os raros felizes possuem memórias amáveis e bom-humor para as escrever. Dos doze anos que conta a minha modesta carreira jorna-

lística, metade dêsse tempo esgotei-o sem plano, correndo exaltadamente, de gôsto, atrás de quimeras, defendendo ideais, dispersando a minha colaboração por revistas e jornais. A outra metade, no período mais intenso, estive ao serviço do *Século,* como *repórter* parlamentar na Câmara-dos-Deputados, e vim, depois, repartindo a minha actividade pelos meus livros de novelas, pela *Batalha, Diário da Tarde* e *Jornal da Europa,* até que, em serviço desta fôlha, parti para a minha *reportagem* de África, de tôdas a mais trabalhosa e emocionante.

Como foi à *reportagem* parlamentar que dei mais assiduïdade, eu poderia evocar aqui alguma dessas scenas *edificantes* da política tumultuária dos últimos tempos, evocação que não deixaria de ter interêsse por não lhe faltar algo de eloqüente, de grotesco e até de trágico. Mas já lá vão uns bons cinco anos, e recordar hoje qualquer dêsses episódios parece-me menos oportuno. O parlamentarismo dessa época está ferido de morte, e ninguém ousa formular libelos ante um moribundo.

Além disso, das minhas palavras, escritas neste momento contra o parlamentarismo, poderia inferir-se qualquer justificação para a ditadura militar. Ora eu não desejo incluir-me entre os que defendem ditaduras e ditadores. Afastando os olhos dêsse terreiro de mesquinhas lutas que, pomposamente, se intitulava *primeira assemblea nacional*—onde queimei, num jornalismo árduo e anónimo, quatro anos de vida, ¡¿que poderei escrever da minha carreira apagada e inglória?!

Fiz artigos e entrevistas, relatos de assembleas e sessões solenes, notícias de comícios e manifestações — tôda uma montanha de lugares comuns que de longe contemplo apavorado, quanto mais recordo os cretinos a quem tive de chamar *ilustre,* os mariolas a quem tive de atribuir méritos, as pessoas de bem a quem tive de ignorar virtudes...

Afasto meus olhos dêsse espectáculo torpe, e do involuntário naufrágio da minha pobre consciência poucos despojos salvo.

Entre os fragmentos que posso citar, sem pavor, distingo algumas entrevistas que realizei com satisfação. Lembra-me de uma com António Cândido, a propósito da sua consagração, e que veio publicada no *Século* da noite. Outra com Angela Pinto, publicada na *Ilustração Portuguesa*, em que a grande artista me confiou as suas preferências em arte e algumas das maiores emoções da sua vida. Outra entrevista, ainda, com Teófilo Braga, de tôdas a que me impressionou mais, pela soledade e triste isolamento em que fui encontrar êsse homem, que fêz a sua carreira, desde tipógrafo a Presidente da República, sempre com a mesma austera simplicidade e firmeza de princípios. Dou importância a estas entrevistas apenas devido à hierarquia mental e artística dos entrevistados, e ainda por mais esta particularidade: é que fui eu o último jornalista que os entrevistou. Foi através da minha modesta pêna que, pela derradeira vez, êles comunicaram com o público, antes de empreenderem a grande jornada para a Eternidade.

Ora a propósito de entrevistas, quero recordar êste episódio: Uma noite, no *Século*, Mário Salgueiro que, então, chefiava a redacção, com muita competência, chamou-me e disse:

— Sabe que chegou a Lisboa o grande Wells?! Carecemos, àmanhã, de uma entrevista, que você fica encarregado de fazer. O homem nega-se sistemàticamente, mas você não o larga sem a entrevista.

Tomei a melhor nota, mas logo, de mim para mim, sobressaltado, pensei no fiasco que ia dar.— O Wells, o formidável escritor inglês, de reputação mundial!...—pensava, preocupado. Como havia de ser aquilo! Eu não sabia falar inglês, e Wells, como logo me disseram e depois verifiquei, tim-

brava em fingir que falava um francês ainda pior do que o meu péssimo francês.

No outro dia, acompanhado do fotógrafo Salgado, dirigi-me ao Estoril, subi ao hotel onde o grande homem estava hospedado, e logo ensaiei a *manobra conhecida* para catequizar o criado.

— É inútil — disse-me o rapaz. Já têm vindo outros jornalistas, e êsse senhor inglês não os recebeu...

— Mas entregue-lhe êste cartão... trata-se de um caso urgente... Diga-lhe que solicito menos do que cinco minutos...

Sorrindo, superior e incrédulo, o criado lá foi, para voltar de aí a segundos, com ar triunfador:

— Eu bem lhe disse... Manda agradecer, mas diz que nada tem para dizer aos jornais...

Desapontadíssimo, não me dei por convencido. E, aproveitando um outro criado que me pareceu mais optimista e dizia *coisas* em inglês, expedi novo recado:

— Diga a Mr. Wells que até à noite, até àmanhã, esperarei o tempo preciso para lhe falar, visto que não devo sair daqui sem me desempenhar dessa missão...

— Impossível... absolutamente impossível. Pede desculpas, mas vai sair de automóvel. E nada tem a dizer que possa interessar à imprensa...

—...Perdão—interrompi eu. E, logo a socorrer-me de um súbito pensamento, mandei já com decisão:—Mr. Wells é, necessàriamente, uma pessoa delicada, um *gentleman*. Vá dizer-lhe que *O Século*, o maior jornal dêste país, me enviou aqui, expressamente, para lhe apresentar saüdações. Não se trata de uma entrevista, percebe? Mas apenas de apresentar a êsse senhor cumprimentos, saüdações...

O criado sumiu-se no corredor. Decorrido pouco mais de um minuto, emmoldurando-se na larga porta de cristais, aparecia-me Wells, em pessoa, um sorriso amável nos olhos

claros, o ar complacente de quem percebeu o estratagema —e, logo, um apêrto de mão em inglês, e agradecimentos, num vagaroso francês, pelas saüdações que lhe trazia... As suas primeiras palavras, numa descerimoniosa curiosidade:

—*Do you speak English?*

Que não, que não sabia falar inglês — disse num grande à-vontade.

¡¿E porque havia eu de envergonhar-me de não falar inglês, se êle, mais culto e mais velho do que eu, também não sabia falar português, e tinha vindo ao meu país?!

Convencionámos que, de qualquer modo, nos entenderiamos em francês. E, como por êsse tempo Mac Donald governava em Inglaterra, logo rompi com tal pretexto, querendo dar início à entrevista, a presumir que muito me interessava a política inglêsa...

Seguríssimo, numa reserva sorridente, Wells explicou-me que, fora do seu país, não se ocupava dos homens públicos da Inglaterra...

Tentei outro caminho, sem me dar por molestado. E como nessa data, recentemente, havia assumido a primeira magistratura da nação o Sr. Teixeira Gomes, que cêrca de doze anos fôra representante de Portugal em Inglaterra, pareceu-me curioso inquirir o que se pensava dessa eleição no meio intelectual inglês.

Wells limitou-se a algumas palavras amáveis para o Sr. Teixeira Gomes, e mais nada...

Ora eu também não ignorava que o grande escritor vinha de fazer uma esplêndida viagem através da Índia e da Rússia. A sua opinião sôbre a verdadeira situação política dos sovietes seria um assunto esplêndido e oportuno. Era... era... Mas êle guardava-o para os seus livros e jornais de Londres.

Só me restava um recurso: falar-lhe da sua obra literária e

lisonjear-lhe a vaidade para forçar a sua impertinente reserva. Falei-lhe, pois, dos seus livros que conhecia, e de outros que não conhecia, manifestando-lhe o natural interêsse que os intelectuais portugueses deveriam ter nas suas opiniões. Desta vez fui um pouco mais feliz. Wells desenhou no rosto um mais franco sorriso; quebrou, um momento, o seu delicado desdêm, tão britânico; e quis saber se as suas obras eram muito conhecidas e quais as preferidas. Atrás disto vieram ligeiras impressões sôbre a literatura portuguesa, acêrca do temperamento latino, do nosso clima, paisagens e, sôbretudo, do sol de Portugal... E, nesta altura, Salgado, aproveitando um momento de *pose* amável, disparou o aparelho fotográfico...

Extenuado, retirei sorrindo, mas furioso íntimamente. É que, mais uma vez, experimentara aquele insuportável orgulho inglês que em todos os campos se manifesta; uma vez mais avaliara a desvantagem de se ser *repórter* num pequeno país cujas opiniões nada interessam ao grande mundo.

¿Mas como urdir a entrevista, se o entrevistado tinha optado pelo grave silêncio dos *super-homens*?—pensava.

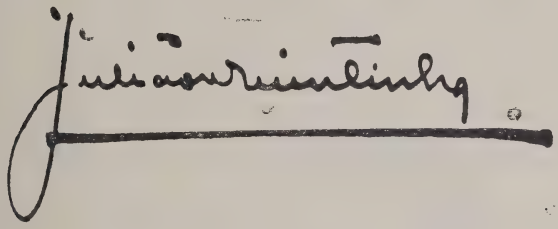
Arreliado, à noite escrevi qualquer coisa, que entreguei ao chefe de redacção, retirando sinceramente aborrecido.

No outro dia, com grande surprêsa, vejo a entrevista em fundo, título de grandes letras, e eu fotografado com o famoso escritor. Corei, e tive mêdo de ler aquilo.

Ao entrar na redacção, Mário Salgueiro disse-me algumas palavras de cumprimentos. Á tarde, no *Martinho,* com grande espanto meu, Vítor Falcão, camarada muito prezado, mas crítico cuja independência está acima de amizades, afirmava-me que gostara da minha entrevista, considerando-a das melhores que eu tinha publicado. E até o próprio Wells, parece-me, enviou cumprimentos para o *O Século.*

Ainda não sei como aquilo foi. Mas afirmo aqui, *para a posteridade*, sôbre a cabeça dos meus filhos, que Mr. Wells nada me disse.

Desde então fiquei sabendo que para o jornalista escrever uma boa entrevista com qualquer grande homem, é indispensável que êste nos diga pouco, e muito melhor, ainda, se êle não disser nada...



JÚLIO DE ALMEIDA

A "BATALHA DO MILHAFRE,,

A conspiração contra o Govêrno da presidência do Sr. Tamagnini Barbosa, que nos primeiros dias de Janeiro de 1919 atingira o máximo de intensidade, teve como conseqüência o movimento revolucionário de Santarém.

A junta revolucionária redigira uma proclamação acusando os homens que se sentavam nas cadeiras do Poder de traírem a República. O programa político dos que se revoltaram tinha como dogma a defesa da Constituïção de 1911, na qual devia ser introduzido o princípio da dissolução. A revolução exigia ainda que os comandos do exército e cargos de confiança do regime fôssem entregues a individualidades reconhecidamente republicanas.

Como enviado especial do *Século*, fui incumbido de seguir de perto a acção da forte coluna militar que se organizou para submeter os revolucionários, sendo acompanhado nessa missão jornalística por António Vasques, que então

exercia a profissão de *repórter*, e Marques da Costa, *repórter*-fotográfico.

Na intenção de evitar que o movimento revolucionário se estendesse a Lisboa, as autoridades ordenaram a mobilização geral de todos os meios de transporte, que ficaram à disposição do Govêrno. Por uma concessão especial obtive um automóvel. Partímos. As tropas fiéis, batendo cuidadosamente o terreno dos revolucionários, alcançavam, dentro de poucas horas, as proximidades do Cartaxo, dando entrada na vila depois do célebre avanço que ficou conhecido pela *Batalha do Milhafre*. O formidável fogo de artelharia e o tiroteio da infantaria causaram apenas a morte de um milhafre que jazia no telheiro do cinema da localidade.

Foi no Cartaxo que se levou a efeito a concentração das unidades militares que, de acôrdo com as fôrças do Norte, deviam estabelecer o cêrco a Santarém.

O Oldemiro César, enviado especial do *Diário de Notícias*, que fôra transportado até ao Cartaxo numa *side-car* guiada por um rapazote de bom pulso, mas com o juízo toldado pelas grandes velocidades, na impossibilidade de vir a Lisboa, por motivo de *pane*, pediu-me para entregar no seu periódico as suas impressões, ràpidamente escritas numa locanda da vila.

Dizia-se que o ataque a Santarém teria o seu início na madrugada seguinte.

Quando a noite envolvia em trevas o acampamento, eu e o Marques da Costa saímos em direcção à capital. O António Vasques ficou, para que ao nosso jornal não escapasse o mais insignificante pormenor dos acontecimentos.

Meia hora antes de atingirmos a chamada *Légua da Póvoa*, o Marques chamou-me a atenção para um automóvel que caminhava vagarosamente na estrada intransitável.

Conduzia uns oficiais que, a cinco metros de distância, de pistolas aperradas, nos intimaram a parar.
— Quem são vocês? — gritou um dos mais valentes.
— Gente de paz — respondi. Somos dos jornais.
— Camaradas, cautela com êles! — exclamou outro. E, apontando as armas às nossas cabeças, exigiram que, num relâmpago, provássemos a nossa identidade e mostrássemos tudo quanto trazíamos nas algibeiras.
Apresentámos os salvos-condutos fornecidos pelos Ministérios da Guerra e do Interior. Estavam em regra. A curiosidade dos examinadores voltava-se agora para os quartos de papel em que o Oldemiro descrevia as suas impressões e que formavam um rôlo para êles misterioso. Leram e riscaram ousadamente algumas passagens, sem se importarem com os meus protestos.
Ao afastarem-se, os censores improvizados naquela estrada deserta preveniram-me que fôsse ponderado ao escrever a *reportagem* para *O Século*, naquele momento ainda em notas mal rabiscadas.
Voltámos ao Cartaxo na manhã seguinte, às quatro horas, para assistirmos ao avanço sôbre Santarém. Acompanhava-nos um sargento que prestava serviço no Ministério da Guerra e que à noite trabalhava como tipógrafo no *Século*, que me pedira por tudo que o levássemos. Ao chegarmos ao Cartaxo, manifestámos a nossa estranheza por não se ter iniciado, como na véspera se dizia, o ataque a Santarém. Vasques respondeu-nos que existiam dúvidas acêrca da sorte dos revolucionários e que constava que o general Tamagnini de Abreu, com a guarnição de Coimbra, aderira à revolução.
Um tenente de artelharia que ouvira estas últimas palavras, depois de proferir frases descortêses, correu a solicitar a nossa prisão como inimigos do Govêrno. De aí a alguns instantes seguíamos, escoltados, para a sede da Câmara

Municipal, onde ficámos sob a vigilância de quatro alunos da Escola de Guerra, armados de carabinas.

Como a notícia da nossa prisão corresse célere por tôda a vila, o Oldemiro César veio visitar-nos, ficando também a ferros de el-rei... Assim estivemos um dia inteiro, bem dispostos. O Marques aproveitou o ensejo para nos fotografar em grupo.

O sargento, porém, mostrava-se muito agitado, com a preocupação de que, sendo militar e encontrando-se fardado, a sua situação era bastante comprometedora. O seu nervosismo era tal que se julgava já condenado a prisão perpétua pelo Conselho de Guerra. O homem sentia-se tão atrapalhado que foi necessário afastá-lo para uns terrenos próximos, a-fim-de, à vontade, carpir as suas desditas...

Quando o Oldemiro prestava declarações numa das salas do primeiro andar, um tenente de lanceiros, que apareceu no átrio do Município, preguntou a um dos alunos da Escola de Guerra:

— Estes é que são os jornalistas que foram presos por escreverem contra o Exército?

Semelhante pregunta, feita com intenção de nos vexar, indignou o Dr. Afonso Manaças, tenente-médico e comandante do pôsto de socorros instalado na Câmara, que, sabedor do motivo da nossa prisão, invectivou de tal forma o preguntador, que êste retirou, desculpando-se.

A acusação de que estávamos ao serviço dos revolucionários desfez-se como uma bolinha de neve, razão porque, ao anoitecer, eramos postos em liberdade. O oficial que nos fêz essa comunicação aconselhou-nos a que fôssemos prudentes. As palavras de António Vasques, ouvidas por sargentos ou soldados, podiam levar o desânimo ao acampamento... E, no estado de guerra em que nos achávamos, tamanha leviandade justificaria de certo modo o fuzilamento!...

O automóvel de que dispunha havia sido pôsto às ordens do comando militar. Esperei pacientemente que êle voltasse e tive sérios embaraços para que me fôsse restituído. A gasolina esgotara-se e no Parque Militar, improvizado na praça de touros, recusaram-se a fornecer-me combustível. Ficámos nessa noite no Cartaxo, dormindo sobressaltados com o troar dos obuses. Na manhã seguinte, o ambiente entre os da tropa era-nos tão desfavorável que eu e o Oldemiro resolvemos sair, a pé, para tomarmos o combóio na primeira estação de caminho-de-ferro. Andámos um bom pedaço, mas o desejo de levarmos até final a missão de jornalistas impeliu-nos a retroceder.

Decorridas longas horas de sacrifício, pèssimamente alimentados, entrámos em Santarém com as tropas do Govêrno. Os revolucionários tinham-se rendido e havia o maior empenho em prender Álvaro de Castro que, ao que se afirmava, estava escondido numa das casas da cidade. As vedetas não deixavam sair fôsse quem fôsse sem a apresentação de um salvo-conduto do coronel Andrade Velez, comandante das fôrças e governador militar.

....

Ao passar junto das sentinelas, de regresso a Lisboa, um soldado a quem mostrei o salvo-conduto, exclamou, intrigado:

— Calha bem, eu não sei ler. Isso deve estar em ordem. Pode seguir!...

Julio d'Almeida

L. CONSIGLIÉRI SÁ PEREIRA

ENQUANTO A CIDADE DORMIA...

TÉ tarde, duas ou mais da madrugada, me demorara no gabinete de Mário Salgueiro, por êsse ano de 1920 — oito anos já! — chefe da redacção do *Século*, a conversar, a divagar, enquanto êle, cofiando as barbas talmúdicas, despachava cèleremente as montanhas de papéis de todos os formatos, ennegrecidos por tôda a sorte de caligrafias, desde os gatafunhos gigantescos de Belo Redondo, às letrinhas recortadas em mil arabescos de Nobre Martins, que horas depois o leitor receberia transmudadas num regular e correcto diário — nesse saboroso diário de que sempre diz mal, nunca o dispensando. Depois, fôra a retirada para casa, seguindo o itinerário de todos os dias. Escalara os Caetanos, íngremes e solitários; fizera a travessia do Bairro Alto, cujos velhos prédios pareciam filtrar penosamente o arquejar fatigado

da turba imensa que nêles se acoita, ao dormir esmagada por um duro dia de trabalho; e, por fim, chegara a S. Roque, ao pequeno, mas tranqüilo cochicholo onde minha mãe compensava com carinhos as precoces e esgotantes fadigas nocturnas de um jornalista de dezanove anos.

Noite ainda. Muito espaçados, ouviam-se os primeiros vagos ruídos que precedem o acordar da cidade. Vestira-me vertiginosamente, o corpo dorido do súbito despertar após sono tão curto, e agora, enquanto alargava o passo, muito apressado, relia à luz pálida e incerta das estrêlas, esbatida já pelos primeiros tímidos alvores da próxima manhã, o bilhete de Salgueiro, riscado febrilmente a lápis, feito de frases emocionantemente incompletas: «pleno conselho Ministros...», «chefe govêrno sùbitamente morto», «ir já ministério Interior». Aventava: Um atentado? ¿Um caso de doença repentina? E o espírito absorvia-se em reflexões variadíssimas, tôdas as hipóteses admitindo como possíveis, enquanto, numa correria, desprezado o auto pela demora que representaria a sua procura, era transposta a distância que demorava até ao Terreiro do Paço, enorme, vazio, esquecido na noite — num irónico contraste à ânsia com que é disputado à luz do dia.

A sala do Conselho-de-Estado perdia-se, de vasta, nas sombras que de si própria projectava. Junto às portas, os veludos vermelhos ostentavam-se com solenidade; e, cosidos com os cantos, lívidos e apavorados, os ministros entreolhavam-se, falando muito baixo, os olhos húmidos de lágrimas, as palavras, desconexas e sem expressão, caindo-lhes dos lábios trémulos e pendentes. Sôbre a ampla mesa de despacho, alastravam, revoltos, os papéis do expediente governamental, e confrangia pensar que, em meio daquele

ordenamento da Vida, é que a Morte surgira, intempestiva e cruel.

A sua obra ali estava, a poucos metros. António Maria Baptista, o pequeno e vibrátil *Baptistinha,* popularizado neste diminutivo quási carinhoso, vestido com a sua modesta farda de todos os dias, era agora um cadáver—uma massa de carne, amolecida e inerte, que um contínuo gigantesco, de alvas barbas, com a gravidade compenetrada de um sacerdote, severamente velava. Quási só, naquele recanto sombrio, estava o pobre, enquanto todos os outros, os ministros e os secretários, os guardas e os polícias, se refugiavam nos corredores e nas janelas, gelados pelo hálito da Morte, surpresos da sua proximidade, confundidos e acovardados. Quando entrei, fiz ruído. Bati os passos, desprevenidamente. De um canto fizeram: — schiu! Pareciam ter mêdo de que a Morte voltasse. Logo me contagiou essa atmosfera de terror. Mal fui olhar, fugidiamente, o rosto desfigurado e roxo, e aquele pobre corpo que conhecera agitado por um irrequieto e tenso feixe de nervos. Depois, refugiei-me também num corredor, asqueado da Morte, para traçar a primeira notícia, lacónica, quási telegráfica.

Entretanto, o dia fôra nascendo. Lá de baixo, da comprida e estrangulada Rua do Arsenal, subia o tumulto das suas inumeráveis carroças, e os operários, severos nas suas gangas azuis, passavam vagarosamente em magotes compactos. A luz entrava aos golpes, fraccionada pelos pesados reposteiros, e a sua tonalidade violácea acentuava, no contôrno dos objectos e das pessoas, o sentido de uma imensa putrefacção. A asa da Morte tudo tocara.

Para sempre ficou gravado na minha memória êste episódio. Agora, ao evocá-lo, sinto-me confrangido. Escrevo estas linhas penosamente. Aquela soturna velada, prolon-

gada até que o sol, com a sua luz forte e varonil, veio proclamar que tudo se resumia a uma vulgar realidade, representa o episódio mais fortemente gravado na minha sensibilidade, ao longo da minha carreira, humilde e sem relêvo, de jornalista.

LUÍS DEROUET

25 ANOS DE JORNALISMO

primeira vez que escrevi em jornais impressos foi em 1893 ou 1894, salvo êrro. Tinha eu então treze para catorze anos, cursava o Liceu do Carmo e acabava de estreitar a mão leal e cavalheirosa de Alfredo Serrano, que mais tarde havia de ser alguém na poesia e no professorado. Alfredo Serrano, que terçava armas por D. Miguel, lançara no meio académico, bem mais reduzido, mas não menos valioso do que hoje, um semanário intitulado *A Cabra*, onde a idea da homenagem nacional a João de Deus surgiu, e o gôsto pela letra redonda que daí me veio foi qualquer coisa de decisivo. Redigi então não sei que artiguelhos, sôbre o uso da capa e batina, para *A Cabra*, que foi no seu género um periódico bem feito, e, animado pelos incitamentos de Alfredo Serrano, alarguei desde logo o meu âmbito jornalístico,

fundando, com Gustavo Martins de Carvalho, inteligência rara que a tuberculose ceifou precocemente, o quinzenário *A Actualidade*, de que saíram dez ou doze números, e onde principalmente advoguei a consagração de Camilo traduzida na sua fórmula mais justa, isto é: a de um monumento que perpetuasse, pelos séculos adiante, o nome do grande romancista.

Essa prosa, com seu ar de campanha, que nunca mais reli, que não guardo sequer, a despeito dos meus hábitos de coleccionador, não teve, felizmente, conseqüências, nem me acarretou glória de maior, visto que só trinta anos depois se conseguiu levar a cabo um concurso para o bronze que há de um dia imortalizar Camilo, mas não se me afigura, entretanto, digno de se desperdiçar o pequeno pormenor camiliano que hoje revelo, e que, à falta de outros dados, poderá talvez dizer-se que foi um comêço de sementeira. *A Actualidade*, que marcou um acentuado progresso sôbre uma série infinita e esquecida de jornais manuscritos e litografados em que colaborei, e que saíu editada por Ilídio Analide da Costa ou pelo velho Paulo da Fonseca, espécie de bombo em dia de festa sempre que aos governos apetecia meter jornalistas na cadeia, porque estes podiam então *dar homem por si*, teve, como é natural, a vida das rosas de Malherbe, mas isso não impediu que ali revelasse as minhas tendências republicanas, que os anos e as desilusões não enfraqueceram, antes, pelo contrário, avigoraram, a ponto de conservar hoje, mais viva do que nunca, uma acendrada e inalterável fé na República.

Foi através de *A Actualidade* que conheci Campos Lima, um dos mais inflamados colaboradores que o quinzenário teve, e foi ainda *A Actualidade* que, tempos decorridos, me pôs em contacto com José Soares, Gonçalves Neves e Carlos Marques, que tempos depois trouxeram a lume *A Barricada*, panfleto de juvenis e audazes insolências con-

tra a monarquia e contra os monárquicos da época, onde igualmente escrevi, e que acabou em seguida a um artigo escaldante de João Chagas, que lhe rendeu o Limoeiro, bem como aos três bravos rapazes que dirigiam a publicação...

Tinha 16 ou 17 anos quando Andrade Neves, que desfrutou aura no jornalismo republicano, me apresentou a Magalhães Lima, que fôra discípulo de francês de meu avô, e sob a sua direcção trabalhei alguns meses no diário *A Vanguarda*, até que, passando a publicar-se *A Pátria*, que sucedeu a *O País*, de Alves Correia, com o nome de França Borges à cabeça do jornal, ali comecei a escrever. A feição moderada de *A Vanguarda*, onde todavia Magalhães Lima fêz uma campanha violenta e sensacional subordinada à rubrica *Baixo império*, não se coadunava com o *jacobinismo* que caracterizou os primeiros períodos da minha mocidade política, e daí a *mudança*, que, aliás, em coisa alguma afectou as nossas relações pessoais. Moreira de Almeida, que tinha um culto especial na minha família, e que era meu amigo de infância, preguntava-me a-miúdo pelo *sarampo*, supondo que, de facto, se tratava apenas de uma vulgar e transitória erupção, como a alguns outros atacou, mas tal não sucedeu, e essa circunstância explica que eu seja no momento, a-pesar-de ainda ir na casa dos quarenta, um dos mais antigos trabalhadores da imprensa republicana, jamais tendo sentido a necessidade de tergiversar no campo dos princípios. Ao lado de França Borges, e por vezes até a substituí-lo na direcção de *O Mundo*, como, por exemplo, antes do regicídio, fiz, ora esperançado, ora descrente do triunfo republicano, a campanha de todos os dias, que depois de 5 de Outubro de 1910 se entendeu dever chamar a *campanha da propaganda*, e da qual, por muitos erros e injustiças que pudesse ter causado, só en-

contro hoje motivos para relembrar saüdosamente. Basta na verdade, a recordação dos companheiros de luta e de trabalho que ali conheci, como Martins Figueira, Heliodoro Salgado, Augusto José Vieira, Gregório Fernandes, Ernesto da Silva, Ribeiro de Azevedo, Alberto Costa (*Pad-Zé*), Guilherme de Sousa, José do Vale, Ulrico de Magalhães e tantos outros, para que, não invocando senão os desaparecidos, eu considere de absoluta justiça registar os seus nomes nestas páginas...

Deixando *O Mundo* em 1917, mais por discordâncias pessoais com o indivíduo que, não tendo nunca sido jornalista, se arrogou o direito de suceder a França Borges como director do jornal, do que pròpriamente por uma questão de orientação política, fundei, mercê do apoio financeiro de Teixeira Marques e António Macieira, com Mayer Garção, Gregório Fernandes, Norberto de Araujo, Alberto Barbosa, Santos Vieira e José do Ó, *A Manhã*, cujo primeiro número se publicou em 1 de Março de 1917, e que durou até a sua fusão, em 1923, com *O Mundo*, ao tempo dirigido por Urbano Rodrigues, conservando-me pela segunda vez à frente dêste último jornal durante dois anos. Em 7 de Julho de 1925, após uma divergência de carácter político, que determinou a minha saída de *O Mundo*, acedi ao convite de Alberto Xavier para assumir a chefia da redacção do *Diário da Tarde*, sob sua direcção, e que se publicou até à revolução de Fevereiro de 1927, não lhe havendo sido permitido reaparecer depois do movimento. Êste e outros episódios são, porém, da actualidade e julgo dispensável, por isso, estar nesta altura a arquivar detalhes. Mais tarde a História se ocupará do momento que passa. Apenas acentuarei que tanto em *O Mundo*, como em *A Manhã*, como no *Diário da Tarde*, que foram os jornais em que pude imprimir alguma personalidade, escrupulizei sempre em trabalhar o melhor que soube, devotando-me à

profissão com entusiasmo e paixão, e havendo tido, nos vinte e cinco anos que conto de jornalismo efectivo, os naturais atritos e dificuldades que, fatalmente, irrompem desde que nos cabe a missão de orientar e mandar. Não conservo, entretanto, ressentimentos de qualquer espécie contra quem quer que tivesse topado no meu caminho de redacções, e devo dizer a-propósito que, se alguns dissabores ou desgostos conquistei, êles foram até agora suficientemente compensados pelas horas de jovial convívio que a vida de jornal me tem trazido e pelas camaradagens afectuosas e inesquecíveis que conheci. As melhores relações e amizades que conservo fora da roda dos jornais devo-as ainda à imprensa, porque não tive jamais, exclusivamente, a intenção de hostilizar o meu semelhante, o que talvez aproveite saber aos que se proponham percorrer a nossa *via sacra*, lembrando-lhes todavia que comecem pelo princípio, pois, se é certo que não comecei por dar forma literária ao horário dos combóios, como Eduardo Schwalbach espirituosamente preconizava a um moço estreante das gazetas, tão pouco logrei dirigir pela primeira vez uma redacção senão depois de ter dado tôdas as provas possíveis — escrevendo artigos, extractando conferências, redigindo entrevistas, fazendo a *reportagem* de comícios em quási todo o país, acompanhando, numa palavra, de perto, o noticiário variado que o papel químico, pelo menos há dez anos, ainda não conseguira tornar uniforme na grande maioria dos periódicos portugueses...

Foi assim, singela e resumidamente, que cheguei à situação que hoje tenho na imprensa, e que, sem pretender classificar de brilhante ou de notável, ninguém poderá dizer, com justiça e com verdade, que fôsse conquistada em troca de baixezas ou de atropelos de camaradas. Numa fase em que *O Mundo* procurou rivalizar, em matéria de

informação, com *O Século* e com o *Diário de Notícias*, sustentei contra os melhores jornalistas e *repórteres* do tempo as lutas que eram legítimas—mas apenas essas. Pode mesmo assegurar-se que foi um dos períodos mais interessantes da nossa vida de imprensa o tempo que decorreu entre 1906 e 1912, e em que as vitórias, ou antes as *caixas*, eram assinaladas, de parte a parte, com um evidente frenesí. Uma dessas vitórias ficou, por sinal, ligada ao regicídio, pois que, tendo as autoridades deliberado enterrar a horas mortas da madrugada os regicidas, sem que o público ou os jornais suspeitassem sequer o *plano de reserva*, apenas eu e Augusto Rato, que ainda hoje vive *intrigado* com a célebre questão do Barotze, conseguimos vencer a *consigne* policial, estando já no Alto de S. João quando, ainda de noite, os cadáveres de Manuel Buíça e Alfredo Luís da Costa ali chegaram, precedidos de uma escolta sinistra de cavalaria da Guarda Municipal. O *cortejo da tragédia* se lhe chamou então, e confesso que de nenhum outro sucesso jornalístico guardo tão funda emoção como dos preliminares dêsse enterramento, sob as vistas do chefe de polícia Alexandre Morgado, no recanto à direita de quem entra na capela do cemitério, e a que o frio cortante de Fevereiro de 1908, enregelando os corpos, imprimiu, se é lícito o estilo, uma nota de maior pavor. Quanto a emoções de outro género, mesmo por experiência própria, não vale citar, muito embora poucos pudessem apresentar um *dossier* mais completo. Mas não fecharei, a-pesar-disso, esta resenha, com suas características de autobiografia desenfastiada, sem dizer que os jornalistas, ao contrário do que quási tôda a gente acredita, nem sempre falam por simples dever de ofício dos assuntos que reduzem a escrito. Eu, por exemplo, já tive ocasião de *falar de cadeira* de um choque de combóios e de uma tempestade trágica durante a viagem do *Pedro Nunes* no primeiro ano da Grande

Guerra, e posso, pois, com autoridade, dar um conselho final: é que é preferível versar *de-cor* os chamados grandes assuntos de jornal, emprestando-lhes apenas a dor, a lágrima ou o luto, se houver margem para isso, do que comparticipar dos acontecimentos, correndo-se o risco de se ser vítima e ainda ter de se redigir a notícia para o jornal do dia seguinte. E a menos que se passasse com outro qualquer o que se deu, há bons trinta anos, com o saüdoso Eduardo José Gaspar, que foi administrador de *A Vanguarda*, e que, certa madrugada, em presença do suicídio da senhora sua sogra, não hesitou, antes de outros cuidados, em levar açodadamente a dolorosa informação, com todos os pormenores, ao seu jornal, só para que a êste não falhasse uma *caixinha*, quási se não compreende a luta por notícias e a ânsia de detalhes que, em tantos lances, nos obrigam a trazer a vida no seguro!

18 de Julho de 1927.

Luiz Peronet

LUÍS TEIXEIRA

. . . FOGO!!!

As revoluções, que para muitos são uma esperança ou a conquista de uma situação de vida, para raros uma fornalha acesa pelo facho de um idealismo desusado, e, para quási todos, a antecâmara de uma profunda desilusão, constituem para os jornalistas apenas uma hora movimentada da sua vida profissional. O jornalista que permanece, durante os dias e noites de revolução, nos postos arriscados, onde o perigo não é surprêsa, não tem lugar na escala do heroísmo oficial, que é costume ser catalogado, em capítulos de louvores e distribuição de recompensas, nas colunas do *Diário do Govêrno.*

Nas horas incertas, quando as ruas se povoam de dúvida e o perigo espreita a cada esquina, os jornalistas seguem —¡quantas vezes sob a metralha!—os mais intensos episódios da revolta, só para que, no dia seguinte, os que viveram os momentos vermelhos do tiroteio e do bombardeamento na meia tranqüilidade do seu lar, possam ler a lista dos mortos e a notícia desenvolvida de mais aquele movimento revolucionário. E, depois, dias passados, quando as tropas regressam aos quartéis e sôbre a campa dos soldados mortos em defesa da causa triunfante caem, como

punhados de condecorações, as palavras de elogio dos novos ídolos—¡como a pêna é rebelde nesses momentos! —o jornalista tem de registar, em tipo 7, os nomes de supostos heróis que ninguém viu nas horas de luta em pôsto de combate, mas que surgem agora, em esfomeadas *équipes*, a arrancar o seu quinhão, como agoirentos milhafres que esperaram na distância o fim da batalha, para virem depois, sôbre o campo juncado de cadáveres, fazer o seu festim.

Foi no 7 de Fevereiro.

Um marujo de rosto ennegrecido pelo convívio com o sol de todos os continentes, gola levantada, cabelo ao vento, numa atitude plena de romantismo, que podia fazer parte do scenário das revoltas de todos os países, veio colocar numa janela do Teatro Nacional um cartaz anunciando a eclosão do movimento revolucionário. Levantou-se em volta, numa maré alta de entusiasmo, um côro de vivas e aclamações. Todos os populares traziam no rosto o sinal de uma alegria íntima, uma alegria espartilhada de receio, como quando num arraial se teme que um foguete mal lançado rebente junto ao chão.

Pouco depois caía a primeira granada, que atingiu o edifício do Hotel Internacional. Abandonei então o Rossio. Vi os primeiros mortos no pôsto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço. Rolou, envôlta em fumo, a dois metros de mim, a espolêta da granada que estilhaçou a estação telefónica do ministério da Guerra. Vi, dentro do Arsenal, os civis receberem as primeiras munições e espingardas. À noite, noite que envolveu a cidade numa névoa de dúvida, estive no *Bristol*, em S. Pedro de Alcântara.

... Depois, foram três dias de fuzilaria e bombardeamento.

Na tarde do dia 9, o tiroteio continuava intenso. Garga-

lhavam as metralhadoras para os lados do Rato. Era a toada vibrante de três dias e duas noites de combate feroz.

Grupos de revolucionários aproximavam-se do *Século*, em atitudes que não deixavam dúvidas. Fêz-se, como se pôde, um suplemento. Eram as primeiras fotografias das barricadas, as primeiras notícias da revolta postas em letra de fôrma. Do Quartel General das tropas fiéis saíu, por ordem do Govêrno, uma *camionette* com metralhadoras para vir à redacção buscar um grande número de suplementos, a-fim-de serem distribuidos no acampamento e enviados para o Norte nos combóios militares. A *camionette*, porém, a meio do caminho teve de retroceder, porque foi vivamente atacada à bomba. Em face disso, o Govêrno estava disposto a desistir da realização do seu desejo, quando o José Nunes, que conseguira chegar até ao Quartel General das fôrças governamentais, se ofereceu para os vir buscar ao *Século*.

Habilidosamente, o meu colega pretendia desta forma chegar à redacção, para nos comunicar algumas notícias de bastante importância. Houve quem sorrisse, quem duvidasse, quem lhe fizesse ver o perigo a que tal aventura o ia expor. Mas o José Nunes insistiu e momentos depois chegava ao jornal.

Era preciso que alguém o acompanhasse, porque *O Século* no dia seguinte devia trazer a descrição da revolta, e do campo governamental quási não havia notícias. Os *repórteres* presentes entreolharam-se. Os telefones retiniam contìnuamente.

Lá fora, na distância, o tiroteio continuava ainda.

Ofereci-me eu para voltar com o Nunes a Campolide. Partimos. Dispus-me a atravessar o Bairro Alto. Não havia luz eléctrica. Apenas um luar mortiço iluminava vagamente a parte alta da casaria, deixando as vielas desertas e es-

treitas embrulhadas numa meia penumbra que dava quási semelhanças de ante-manhã.

Seguimos colados às paredes, um após outro. Às vezes, quando atravessávamos, correndo, as embocaduras das ruas, ouvíamos, lá em cima, gritar—alto!—e vinha, quási sempre, uma descarga estilhaçar vidros perto de nós. Principalmente às esquinas, era freqüente tropeçar em cartuchos metálicos, e sentia por vezes o caminho cortado por emmaranhados fios de arame, caídos da rêde eléctrica. O automóvel esperava-nos junto à Bertrand. Era aí o limite da parte da cidade ocupada pelas fôrças do Govêrno. Havia um grupo de polícias vigilantes que nos interrogou com alvorôço. Metidos no automóvel, descemos o Chiado em direcção ao Rossio. Por tôda a parte, tropas do destacamento da Baixa.

Subir a Avenida era ir ao encontro do perigo iminente, porque, lá em cima, S. Pedro de Alcântara dominava ainda. Resolvemos meter pela Rua Eugénio dos Santos. Atravessávamos quási despreocupadamente o Rossio, quando, ao chegarmos junto da estátua, ouvimos uma ordem sêca, enérgica, severa: ...Fogo!!!

Depois, como reticências daquela ordem de execução, choveram sôbre o meu carro algumas dezenas de balas. A fuzilaria durou alguns segundos. Eu e o José Nunes, num impulso do instinto de conservação, encolhemo-nos sôbre o tapête do interior do auto, até que as descargas espaçaram. Quando saímos da carlinga do *taxi* que esteve para ser o nosso túmulo, verificámos, ao examinar o efeito das balas, que só por milagre tínhamos escapado à morte. Um dos caixilhos de uma das portas ficou estilhaçado, a blindagem das rodas, a capota e até o encôsto interior tinham sinais das descargas. Disse-me, dias depois, um dos oficiais que deram a ordem de atirar que deviam ter sido mais de duzentas as balas disparadas sôbre o meu automóvel, por

não ter parado, em virtude do ruído do motor nos ter impedido de ouvir os gritos de — alto! — das sentinelas. O coronel Oliveira, comandante do destacamento de ocupação, fêz-nos ver, em frases ásperas, como a nossa aventura podia ter ocasionado graves conseqüências, e como o alarme do tiroteio podia influir na marcha dos acontecimentos. Como tivéssemos acusado de desvairamento os soldados do seu comando, o coronel Oliveira deu-nos voz de prisão. O Luna de Oliveira e o Óscar Ruas, que faziam também parte do destacamento, conseguiram demovê-lo do seu propósito, e nós pudemos seguir depois o nosso caminho até ao acampamento de Campolide, a-fim-de nos desempenharmos da missão que nos havíamos imposto.

Ainda assisti à entrada, na Penitenciária, do *comité* revolucionário, e à chegada, ao quartel de metralhadoras, do ministro dos Estrangeiros e Dr. Ribeiro Castanho que estiveram presos durante os dias da revolta. O Dr. Bettencourt Rodrigues trazia ao peito uma bandeira verde-rubra...

Dias depois, voltaram a aparecer no Chiado os sorrisos lindos das mulheres de Lisboa. Voltaram a florir na montra de Lopes L.da as primeiras rosas, como um cartão-de-visita anunciando a Primavera próxima, e de aí a pouco já não havia fios dos eléctricos e da rêde de iluminação caídos pelas ruas, mas tapêtes de *confetti* e fitas multicores de serpentinas...

Luís Teixeira

LUÍS TRIGUEIROS

CRÓNICAS MUNDANAS

UM EPISÓDIO

ALGUNS *ases* do jornalismo olham com sobrançaria os cronistas mundanos, considerando-os uns míseros produtores de ridículas futilidades. Não é tão fácil a tarefa como se lhes afigura... É preciso saber ver, saber ouvir e saber calar, qualidades que em conjunto não são vulgares; há que equilibrar os valores; distribuir com cuidado as tintas; e muitas vezes iludir-se a si próprio, para mais fàcilmente iludir os que o lêem... E principalmente é preciso dispor de uma serenidade absoluta, para caminhar, sem perigo, nesse escorregadio caminho que atravessa a nossa grande feira de vaidades. E paciência?! Quanta é necessária?!

Episódios comprovativos do que deixo dito tenho-os aos centos. Lá vai um, para amostra.

Em tempos idos, quando o Carlos de Vasconcelos e Sá soletrava o *a b c* das assistências mundanas, de que hoje é exímio cultor, era eu quem as fazia para o *Diário Ilustrado*, onde a secção mundana ocupava diàriamente o melhor de três a quatro colunas. Apareceu então aí uma companhia francesa no teatro que ao tempo se denominava

D. Amélia; e tôdas as noites, com vontade ou sem ela, ia para o meu lugar tomar nota, mentalmente, da assistência que era, de facto, verdadeiramente brilhante e, portanto, digna de evidência.

No dia seguinte à terceira récita dessa companhia, sou procurado no meu gabinete do *Ilustrado* por um desconhecido, bem pôsto e bem falante, que me declarou o seguinte:

— Não é por mim... porque eu não tenho tempo para ler jornais, nem feitio para me importar com certas cousas. Mas é por causa da minha mulher e da pequena, que estão de-veras magoadas!

— Mas como foi que eu magoei essas senhoras? — exclamei, intrigado.

E o desconhecido insistiu:

—Não é por mim, repito; mas, com franqueza, parece acinte da parte de um jornal de que sou assinante e leitor assíduo...

— ?!...

— É que o meu amigo publica todos os dias os nomes das senhoras que assistem às récitas da companhia francesa, e a minha mulher e a minha filha ficam sempre no tinteiro!

Entrei em explicações:

— Como compreende, eu não posso conhecer todos os espectadores que freqüentam o *D. Amélia.* Dou os nomes das pessoas que habitualmente vão à sociedade; e como não tenho a honra de conhecer a família de V. Ex.ª...

— Ah! é só por isso? Então esta noite, quando o meu querido amigo entrar no teatro, repare para a fila H, ao meio mesmo da fila. Lá estamos!

E retirou-se, deixando-me os nomes das desoladas senhoras.

Nessa noite, confesso, não me lembrei da promessa, o

que me custou no dia seguinte nova visita do aflito pai-de-família.

— Você, começou êle, não imagina o dia que me preparou! Lá em casa vai o diabo. Quási que nem almocei, e já sei que vou ter durante o jantar uma chuva de recriminações para me abrir o apetite! Tenha dó de mim, caro amigo! Olhe que me está impelindo para o suicídio! Compreendo que o meu amigo não possa fixar as fisionomias da minha mulher e da minha pequena... Por isso...

E, puxando da carteira, tirou dois retratos, que pôs na minha secretária, exclamando:

— Aqui as tem! No teatro, à socapa, confrontando, não é fácil o engano... Tenha dó de mim!

Vi o homem com as lágrimas nos olhos! Nessa noite, dispensando o exame aos retratos, tomei nota dos nomes das duas damas, que no dia seguinte apareciam na lista das assistências. E, para não tornar a ver aquele triste pai-de-família em apuros, passei a incluir as duas criaturas em tôdas as assistências de tôdas as récitas elegantes, de todos os chás de caridade, de tôdas as *premières* sensacionais.

Não tinha passado um mês depois do referido ataque à minha sensibilidade, quando me apareceu novamente o mesmo cavalheiro, de aspecto mortificado, declarando:

— O meu caro amigo tem sido muito amável, direi mesmo exageradamente amável... Mas não calcula o prejuízo que me está causando!

— Mas não desejava a notoriedade?

— O que eu agora desejo é voltar à obscuridade! Você não calcula o inferno em que vivo. Todos os dias o correio transporta lá para casa bilhetes de convite para chás dançantes e pagantes, listas de subscrição para obras de caridade, bilhetes de camarotes para as festas artísticas de actores em que eu nunca ouvi falar, o diabo! Faça-me uma esmola: esqueça-se de nós por algum tempo!

E depois, confidencialmente:
— É que eu já não agüento com tanta despesa... É demais para as minhas posses!
E tornou a chorar!...
¿¡Que me dizem a êste pano de amostra?!...

MACHADO CORREIA

COMO ENTREVISTEI URBINO DE FREITAS

Não gosto nada de falar da minha pessoa. Prefiro que os outros dela se ocupem, embora desfavoràvelmente — aos meus olhos, é claro — sobretudo em matéria jornalística, na qual ninguém deixa de *marcar* e de *falhar*, tão complicada, tão ingrata e tão cheia de acasos é a tarefa de relatar ao público o que se passa diàriamente na capital e no país, em meia dúzia de períodos escritos quási sempre à pressa e bastantes vezes baseados em presunções, em notas vagas e... quantas, quantíssimas também, até em coisas menos verdadeiras. Visto, porém, que tenho de dizer alguma coisa acêrca da minha vida de noticiarista, contarei uma passagem que me parece um pouco interessante e se deu há um par de anos, uma vintena dêles, creio.

Chegando de manhã à redacção do *Notícias de Lisboa*, ali ao Chiado, à esquina da Rua Nova do Almada, passei a

vista pelos jornais do Norte e vi uma pequena notícia, em corpo seis, no *Comércio do Pôrto,* se não estou em êrro, dizendo que embarcara para o Rio de Janeiro o médico portuense Dr. Vicente Urbino de Freitas, condenado ao máximo de prisão maior celular por crime de envenenamento, caso ruïdoso que, anos antes, comovera fortemente a velha cidade invicta e todo o país, o qual, tendo obtido várias comutações de pêna, ia cumprir em destêrro, fora de Portugal, os anos que lhe faltavam para expiar a sua culpa. Resolvi entrevistá-lo, e, para o fazer, embarquei no Terreiro do Paço e mandei remar para o transatlântico da Mala Real Inglesa, em que seguia viagem o notável especialista de moléstias subcutâneas e antigo professor da Escola Médica do Pôrto.

A bordo estava um camarada que fazia parte da redacção de um grande órgão de publicidade, com os mesmos fins, segundo percebi, e que, por isso, procurava afastar-se de mim.

— Queres «comer-me», pensei eu; pois veremos se se volta feitiço contra o feiticeiro.

E deixei-o em paz, subindo ao *spardeck* do vapor, onde encontrei um velho amigo, já falecido, empregado da agência da Mala Real.

Inteirei-o do fim que ali me levava e pedi-lhe que me pusesse em contacto com o Dr. Urbino de Freitas que aguardava, à porta da barbearia do vapor, a vez de se fazer barbear. O meu amigo foi conversar com êle e, obedecendo ao pedido que lhe fizera, não nos apresentou. Era melhor não saber, não ter conhecimento de que ia ser entrevistado. Como sabia que, falando-lhe da especialidade por que era apaixonado e o levou talvez ao crime — não ficou isso bem averiguado — o interessaria, meti-me na conversa. Nomeei-lhe clínicos brasileiros que conhecera durante a minha larga estada na capital do país irmão, dedicados à cura da

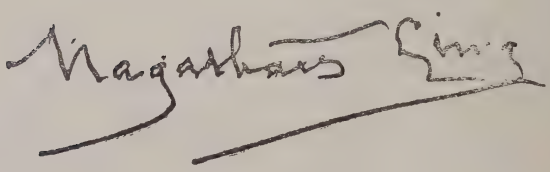
lepra e outras doenças similares, e falei-lhe do então ministro do Uruguai, o Dr. Susviela Guarch, médico ilustre, que também era especialista no assunto e passava largas horas no excelente hospital de leprosos que a irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz da Candelaria fundou no bairro do Cajú, da Capital Federal do Brasil. Soube que levava o fim de fazer ali estudos e experiências para a cura da lepra e tencionava realizar, nesse intuito, uma visita ao Estado de S. Paulo, onde sabia haver um pequeno rio cujas águas tinham grande quantidade de matérias cúpricas, que buscaria utilizar na cura do terrível mal há séculos estudado pelos principais scientistas e até agora não combatido de modo absoluto, radical. O médico portuense foi barbear-se, e eu voltei à redacção com o material bastante para redigir uma boa entrevista, comendo assim quem me queria comer, que se limitou a dar no seu jornal notícia da passagem pelo pôrto de Lisboa do médico em questão. Fui feliz. Podia ter-se dado o contrário. A sorte é quem determina grande cópia de vezes o êxito ou o *fiasco* do jornalista.

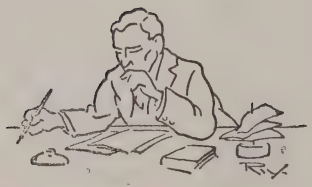
Machado Loureiro

A MELHOR HORA DA MINHA CARREIRA

POR ocasião das minhas longas permanências em Paris, tive ensejo — feliz ensejo — de estreitar relações com jornalistas insignes, como Auguste Vacquerie, o príncipe dos jornalistas parisienses, Ranc, o devotado amigo de Gambetta, Camilo Pelletan que, na *Justice*, defendia a política de Clemenceau, e outros. Mas o meu maior desejo, quási poderei dizer, o meu único desejo, era aproximar-me do *divino* Hugo, beijar-lhe a mão, dizer-lhe que o amava e adorava, como um bom latino que era. Estando um dia no *Rappel*, onde colaborei durante anos, falei no caso a Vacquerie que o dirigia. Muito espantado, o grande Mestre voltou-se para mim e exclamou: — Porque não mo disse há mais tempo?! E começaram os preparativos para o grande

dia. Quando fui avisado, tremi e vibrei ao mesmo tempo. Vacquerie tomou-me da mão e disse-me singelamente: Compreendo a sua comoção. Venha comigo... Com a timidez de um colegial, abeirei-me do *gigante*. Tudo isso se me afigurou um sonho. Quando voltei à realidade, recordava a sua voz e os nomes de Eduardo Coelho, de Brito Aranha e de José Palmela, a que se referira. Para celebrar a grande nova, e por seu mando, colhi, no seu jardim, uma modesta flor solitária, que conservo como uma relìquia sagrada dêsse acontecimento. Foi esta a melhor hora da minha carreira!





MÁRIO MARTINS

BEM INFORMADOS

O que lhes poderia contar de política — e isso dava algumas páginas — fica para ocasião mais oportuna, possívelmente um volume de memórias. Foquemos, portanto, um episódio a que esta seja alheia e dê bem a nota de que nos... encontramos, sempre, òptimamente informados.

.....

Um dia, entre o noticiário do Govêrno Civil, apareceu-nos o relato de uma scena de tiros, no Bairro Camões, motivada por uma questão de amores mal correspondidos, na qual se encontrava envolvido um rico lavrador do Alentejo. Na distribuïção do serviço, recomendámos a um dos redactores que nos soubesse o nome do homem, não porque fôssemos dá-lo à estampa, mas por natural curiosidade. Na polícia, porém, o sigilo era absoluto, e já tínhamos desistido da bisbilhotice, quando o contínuo anunciou o sr. X... Entrou o sr. X... apresentou-se, sentou-se, e disse-nos: -- Eu sou aquela pessoa envolvida no caso dos tiros do Bairro

Camões, e vinha pedir-lhes que ocultassem o meu nome. Seria um escândalo, lá na terra.

Tranquilizámos, acto contínuo, o visitante. Sim, já sabiamos, mas resolveramos não dizer coisa nenhuma. O público não necessita de conhecer os homens que provocam paixões violentas em mulheres de sensibilidade apurada — acrescentámos. Sorriu, e saiu. Mal começou a descer a escada, tôda a redacção sabia de quem se tratava.

...Ou nós não andássemos sempre... bem informados!

MAYER GARÇÃO

DUAS PALAVRAS

Duas palavras sôbre a minha vida de jornalista? Tanto me basta para afirmar que sempre amei a minha profissão e que sempre procurei honestamente servi-la. Nunca a considerei como uma grilheta; nunca uma sala de redacção me deu a impressão de uma roça. Mesmo nas situações mais modestas, ela é um permanente estímulo da inteligência. Em tudo quanto faz um jornal reconhece-se uma parcela fremente da vida. A imaginação desencadeia-se precisamente pelo que essa vida reflecte, em todos as suas cambiantes e sensações. É uma profissão que dá uma consciência da liberdade mais vasta do que qualquer outra. A maior das expansões do espírito consiste nessa vulgarização de conhecimentos, de impressões, de análises, de curiosidades. Por isso mesmo é um enebriante e absorvente prazer. Tem-se a convicção de cumprir um dever sagrado e de exercer um direito não menos sagrado. Não lamento um só dia dos meus

trinta anos de jornalista. Hão de ser sempre a mais atraente saüdade de quem nunca deixou de acreditar na nobreza da sua profissão, nem jamais descrerá do progresso que ela tem de servir como o seu mais poderoso agente. Jornalista combativo, amando apaixonadamente as minhas ideas, lutando por elas, todos os dias e a tôdas as horas, durante anos e anos, a maior recordação da minha carreira não pode ser senão a da alvorada do seu triunfo. O espectáculo dessas horas inolvidáveis vinca-se na minha imaginação, como se fôsse, positivamente, um espectáculo de hoje. —De tal forma, durante ela, eu tive a sensação de ter vivido uma vida inteira!

Mayer Garçat

NORBERTO DE ARAÚJO

UM EQUÍVOCO

TODOS nós, que temos feito jornalismo durante uma dezena de anos, contamos no nosso activo, nas nossas «memórias», que nunca chegamos a escrever, centenas de entrevistas políticas, sociais, literárias, diplomáticas ou meramente especulativas de factos, que têm a vida efémera, não das rosas de Malherbe, mas dos relâmpagos.

Concordo que a história se faria melhor, «mais justa», pelo que deixou de se escrever. Infelizmente, o que deixou de se escrever — perdeu-se. ¿Qual de nós fixa o que viu e ouviu, e não pôde reproduzir, ou por fôrça das circunstâncias, ou por fôrça de lealdade, que é uma virtude que para nós todos, e nobremente, ainda existe, tantas vezes em briga com o instinto profissional?

Ao contrário do que durante muito tempo supus, a entrevista é o género mais fácil de jornalismo. E' mesmo essa

facilidade que a envelheceu; a entrevista está hoje a cair pelo uso e abuso.

Caberia bem no espírito dêste livro de jornalistas falar dos entrevistados, da sua «espécie», do seu estado moral, das suas categorias transitórias, e sobretudo da sua indecisão. Sem que eu queira ou possa ter direitos a ser autor de um manual do *Bom entrevistador*, no dizer irónico de um colega nosso, sempre aventuro que o mais difícil numa entrevista é surpreender o que o nosso entrevistado «quere dizer» e não o que êle diz.

Quando se reproduz o que êle diz — cai-se no inevitável desmentido. Só pelo facto de termos reproduzido textualmente o que ouvimos, têm-se registado muitas crises políticas, muitas tempestades parlamentares, e até «crises» nos nossos lugares de redactores de jornal.

Mas a entrevista, se é certo que é aborrecida para nós, às vezes diverte.

Exactamente o que eu pretendo agora é relatar aqui, com desenfado, um facto que não deixa de constituir uma anecdota.

Uma vez procurei, para uma entrevista de jornal, certo político que pessoalmente me não conhecia, nem eu a êle. Mandara telefonar antes, e recebi instruções para ser recebido em sua casa «um instante, porque o Sr. Doutor tem hoje muita gente a atender».

Subi. Sem indagar da minha identidade, a criada introduziu o jornalista.

— Pois eu vou já dizer-lhe tudo, e peço que não me faça preguntas. Respeito a sua profissão e sei que, por minha conveniência, não posso ter segredos para si. O Doutor passa a ouvir e não me interrompe. Em comêço do ano passado, estava eu em..., conheci aquela mulher. O senhor é homem; sei que é casado e pessoa de circunstân-

cia. Não lhe quero encobrir nada. Eu senti-me abalado nas minhas convicções de fidelidade conjugal. Fui correspondido; tenho aqui as cartas, que já lhe vou passar às mãos para seu govêrno e minha defesa. Simplesmente essa mulher era uma desavergonhada. Olhe, meu amigo — desculpe-me tratá-lo assim — eu caí naquela paixão como um colegial. Tenho 46 anos... E um belo dia, minha mulher.....

Etc. etc. Um esbôço de novela. Um caso judicial. Um escândalo. E quási no final, tendo-me dezenas de vezes imposto silêncio quando eu o ia a interromper:

— Com quem eu não quero nada é com essa malta dos jornais. Percebe? Pela sua influência, o meu caro amigo evitará que a imprensa, gulosa de escândalos, tome conta do assunto. Isto é condição primária para o nosso entendimento futuro, no qual o meu amigo, pela sua inteligência, experiência, lealdade profissional e interêsse próprio— desculpe...—tem campo para agir, em defesa da minha honra, do meu dinheiro e do sossêgo da minha família...

— Mas V. Ex.ª está equivocado...—atrevi.

— Não, não, não—cortou solene—não senhor! Sei com quem estou a tratar. E...

Nisto:

— V. Ex.ª dá licença?

Era a criada. E êle, irado:

— Já tinha dito que não recebia agora ninguém...

— É que... É que está ali o Sr. Doutor... (um nome conhecidíssimo, reclamadíssimo) que diz ter a hora marcada e tem muita pressa.

O ministro deu um salto na cadeira.

— O quê? O quê? V. Ex.ª é?

— Mas sou o jornalista que V. Ex.ª combinou receber, depois de ser consultado pelo telefone.

— O jornalista?! O homem do jornal? O senhor não é o

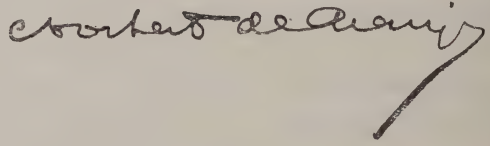
advogado que eu... Mulher, arranje a sua roupa! Quanto ao senhor, saia já! Já! Já!

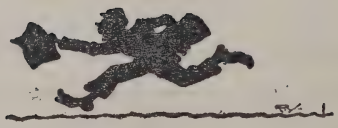
Não sorri, sequer, nem pedi desculpa. Quem ma pediu foi êle, o entrevistado, minutos depois, caindo em si:

— Pois apelo para a sua lealdade. Isto só a mim... Confio que o senhor compreende que... Ah! Isto não se inventaria melhor...

E não. Saí; entrou o advogado, Dr. X—que ainda hoje não sei se entrou na anecdota. No outro dia os jornais davam o acontecimento, sêco, em duas linhas. Eu calei-me; agora mesmo mal abro a bôca.

Não foi uma entrevista: foi uma novela. Nunca a escrevi, e já agora, porque não há o direito de escrever as novelas dos outros, não a escreverei nunca. O Govêrno caíu mais uma vez semanas depois, e o acontecimento judicial perdeu-se. Ficou-me apenas a vaga recordação do incidente, com a história de uma mulher, para mim apenas «entrevista» no meio dêste equívoco—sem conseqüências políticas.





NORBERTO LOPES

NO RASTO DAS ÁGUIAS

Há cinco anos — parece que foi ontem! — numa tarde de Maio, quente como o sol do Equador, dois jornalistas portugueses desembarcaram em Fernando de Noronha, para acompanhar a bordo do *República* a primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Um era o Tomás Colaço, que depois trocou o jornalismo pela carta de bacharel formado em direito. O outro era eu, que troquei de boa-vontade a carta de bacharel pelo jornalismo.

Qualquer de nós tinha pouco mais de vinte anos, e tentava o seu primeiro passo arriscado dentro da profissão.

Quando o almirante Gago Coutinho pediu ao comandante Oliveira Muzanty que nos desse alojamento a bordo do *República*, o comandante respondeu singelamente que não tinha um camarote vago. Alguns oficiais do navio «riscavam», o que quere dizer, em linguagem de bordo, que dor-

miam *à la belle étoile*, no lugar onde tinham traçado prèviamente o risco.

— Não importa, dissemos nós. Dorme-se em qualquer parte. E a verdade é que se dormiu o melhor possível — «riscando hoje sôbre o convés, ámanhã sôbre um sofá — e assim pudemos seguir de perto êsse acontecimento formidável, o primeiro nos anais da Aviação, que fêz vibrar de patriótica emoção a alma nacional.

Por êsse tempo, ainda não tinham aparecido os Lindbergh e os Chamberlain. Alcock e Brown tinham atravessado de um vôo o Atlântico Norte, da Terra Nova à Irlanda; mas a sua *performance* não teve nenhum valor scientífico. O comandante Read chegara também a Lisboa, tendo partido da Terra Nova com escala pelos Açores, mas o percurso estava todo escalonado por uma esquadra americana.

A viagem dos portugueses foi diferente. Fêz-se pela primeira vez navegação aérea. O coeficiente *chance* não contribuiu em nada para o êxito do grande empreendimento. Pelo contrário.

A maneira como se fêz a *reportagem* do *raid* não cabe nesta pequena recordação de jornalismo. Fêz-se, como tôdas as *reportagens*, com um pouco de sacrifício, com bastante entusiasmo e até com algumas lágrimas.

Vem a-propósito, no entanto, contar aqui um pequeno episódio inédito para a história do famoso *raid*.

O *Fairey 16* levantara vôo nessa manhã, para ir ao Penedo de S. Paulo e voltar a Fernando de Noronha, a-fim de ligar a travessia do Atlântico no ponto onde tinha sido interrompida pelo naufrágio do *Lusitânia* O cruzador *República*, que estava fundeado na baía de Santo António, fizera-se ao mar para servir de apoio ao avião, em caso de necessidade.

Ás 4 horas da tarde, uma embarcação aguardava, amarrada à bóia, a chegada do *Fairey 16*. A bordo, havia cinco ma-

rinheiros, dois jornalistas e um cacho de bananas. O sol queimava. Acastelavam-se nuvens no horizonte. As horas passavam e o avião não chegava.

Á medida que a noite se ia aproximando, aumentava em nós o receio de um desastre.

Por cima dos rochedos que limitam a ilha pelo Norte, os urubús voavam a grande altura. Um ou outro afastava-se do bando e aparecia já de regresso, ao longe, a confundir-se com a linha do horizonte.

— Lá vem êle! Lá vem êle!

Todos supúnhamos que fôsse o avião. Minuto indizível de frustrada alegria! Era sempre um urubú.

Cerrou-se a noite. O Cruzeiro do Sul acendeu as suas quatro lâmpadas no grande lustre azul do firmamento — e o avião não voltou.

Era inútil esperar por mais tempo. A bordo do escaler pairava um silêncio de morte. Por cima de nós luziam as estrêlas.

Dois remos caíram na água, e o farol da proa foi riscando, lentamente, a salva de prata da baía.

Desembarcámos na praia, com a alma mais triste do que a noite. Alguns presidiários — Fernando de Noronha é o degrêdo — velavam ainda. Um dêles mostrava-se pessimista. Teve até esta frase que me soou aos ouvidos como um dobre de finados:

— *Qui pena eu tenho do vélhinho dànádo.* — O velhinho «dànádo» era o almirante Gago Coutinho.

Colhêr notícias àquela hora, em Fernando de Noronha, era difícil. Havia um pôsto de T.S.F. Havia o cabo submarino. Tanto um como outro guardavam segrêdo.

Começavam a passar os primeiros rádios da T. S. F. para o cabo submarino, rádios que o comandante do *República* expedia para o ministério da Marinha, e cujo conteúdo nós ignorávamos.

Ás três horas da manhã ainda não tínhamos uma notícia. O avião caíra no mar às três horas da tarde. Os aviadores esperavam que surgisse o acaso milagroso que mais tarde os salvou da morte inevitável.

Junto da praia de Santo António havia um pôsto polícial que estava ligado com a vila por meio de um telefone. Eu velava ao aparelho. Do outro lado do fio estava o Colaço. A certa altura, liguei o telefone. E, quando pus o auscultador ao ouvido, senti nìtidamente os sinais Morse da telegrafia sem fios. Revelação! Por um fenómeno de indução eléctrica, fácil de compreender, o fio do telefone recolhia os sinais que se destinavam à antena da telegrafia sem fios. Ao meu lado estava um mecânico da Aviação Marítima. Passei-lhe o auscultador: Oiça! Oiça!

Daí a pouco, êle ditava e eu escrevia. Tínhamos a chave do enigma. E assim chegaram até nós as primeiras notícias do naufrágio. O comandante do *República* informava o ministro da Marinha de que a pesquisa continuava sem resultado. Perdiam-se as últimas esperanças de encontrar na imensidade oceânica os náufragos do *Fairey 16*.

Finalmente, às 6 horas da manhã, chegou a grande notícia. Os aviadores estavam salvos! O cabo submarino gemeu sob a pressão nervosa do nosso telegrama.

Já o disse Stéphane Lausanne. Em jornalismo, o êxito depende em grande parte da sorte. A sorte é o sorriso dos deuses... Quando os deuses não sorriem, os homens — e principalmente os jornalistas — sofrem-lhe o seu mau humor. É o que se chama ter pouca sorte — ou não ter nenhuma...

UM HOMEM PERSISTENTE

os últimos meses que precederam a proclamação da República, o Dr. Bernardino Machado desdobrara-se numa propaganda intensiva, quer em artigos, quer em discursos e conferências, revelando a perseverança admirável e a extraordinária resistência física que hoje todos lhe reconhecem e eu invejo.

Ora, todos os dias que o Dr. Bernardino Machado tinha de realizar uma conferência, era certo e sabido que, à tarde, o telefone para *O Século* retinia:

— Está lá?... Do *Século?*... Aqui é Bernardino Machado. É para comunicar que hoje faço uma conferência em tal parte e pedir-lhes que mandem lá um *repórter* tomar notas. Se pudesse ser o Pinto Quartim, preferia.

E à noite, no Centro Republicano qualquer coisa, lá me encontrava eu, na mesa da Imprensa, ao lado e em plano inferior ao do estrado do conferente, com

o meu colega Urbano Rodrigues, do jornal *O Mundo*, ao qual o mesmo pedido pelo telefone era feito e a mesma preferência por aquele meu colega era manifestada.

Esta preferência por ambos só podia ser explicada pela fidelidade e latitude que dávamos à reprodução das suas conferências. Com efeito, cada conferência de Bernardino nunca ocupava menos de três colunas no *Século*. Eu possuia então, para meu uso exclusivo, uma taquigrafia própria, adquirida no treino da *reportagem*, que me permitia escrever com exactidão e quási na íntegra um discurso ou uma entrevista; e *O Século*, naquele tempo em que disputava com o *Notícias* o *record* do número de páginas, acolhia sem reparo, antes com satisfação, os artigos extensos — única maneira de, num país em que ainda hoje não há assunto nem acontecimentos para encher quatro pág-iginas, poder oferecer aos seus leitores doze e dezasseis páginas, diàriamente.

Dêsse hábito de escrever de-pressa, e do sistema adoptado então, no *Século*, de avaliar a prosa por medida linear, em comparação com o *Notícias*—a notícia maior era sempre a melhor — resultaram dois males que tôda a vida me têm perseguido: a péssima letra que tenho — terror dos tipógrafos e que muitas vezes constitui charada para mim próprio — e a dificuldade que tenho em ser conciso, como neste artigo exuberantemente se comprova.

A reprodução das conferências do Dr. Bernardino Machado não oferecia, aliás, dificuldades de maior. O conferente facilitava-a muito. Falava pausadamente, ou, melhor, ditava, olhando sempre para a mesa dos *repórteres*, dir-se-ia que falando mais para estes do que pròpriamente para o auditório. Quando se lhe afigurava que os *repórteres*, pelo afan com que tomavam notas, estavam atrasados, o conferente fazia uma pausa, bebia água ou cochichava rápido com um dos secretários da mesa. Quando os *repórteres*, por fatiga-

dos, ou por notarem que o orador se repetia ou dizia coisas que não interessavam, pousavam sôbre a mesa o lápis ou se entretinham a mordiscá-lo, Bernardino Machado olhava-os e fazia-lhes um gesto com a cabeça como que a interrogar:

— Então?... Não escrevem?...

Não nos agastávamos por isso. Achávamos-lhe até imensa graça. Bernardino Machado era sempre muito amável connosco. No fim das conferências nunca deixava de oferecer o automóvel para nos conduzir às redacções. Essa amabilidade para os *repórteres* manteve-a êle sempre. Presidente da República, nas solenidades mais protocolares, não deixava nunca de se aproximar dêles e de lhes estender, sorridente, a mão.

As conferências acabavam cêrca das onze horas. Tornar nteligíveis os apontamentos, pôr-lhes os títulos e sub-títulos, encabeçar-lhes o nariz-de-cera e rematar com «o orador foi muito aplaudido no final da sua conferência» — era trabalho ainda para uma ou duas horas na redacção, de modo que o original não podia ir para a tipografia antes da uma hora da noite. Ás duas horas surgia o Dr. Bernardino Machado na redacção do *Mundo*, a pedir para ver as provas do extracto da conferência, e às três horas, três e meia, lá o tínhamos nós no *Século*. As provas tinham sempre emendas e correcções, cortes ou acrescentos. Não porque o que o *repórter* escrevesse não tivesse sido dito por êle, mas porque, em letra redonda, os descuidos se avolumam, as irreflexões e precipitações se acusam e se condenam, e o Dr. Bernardino Machado, zeloso das conveniências sociais, julgava sempre necessária a substituïção de uma palavra mais áspera, a supressão de uma alusão menos conveniente, ou de uma referência menos cortês.

O chefe da tipografia dava por paus e por pedras com a

revisão de Bernardino Machado, porque as suas emendas obrigavam a recorrer a composição, e a hora tardia em que as provas eram libertas das mãos do Doutor atrasava a paginação do jornal. A nossa prevenção de que as provas da conferência demorariam ainda uma hora ou mais, de nada valia. O Dr. Bernardino Machado, sentando-se numa cadeira, dizia serenamente e imperturbável:

— Eu espero.

E, cabeceando com sono, esperava.

Uma noite, como de costume, disse-lhe:

— Doutor: o original da sua conferência está dividido pelas máquinas e começou agora mesmo a ser composto. Antes de uma hora não terá provas.

— Não faz mal, eu espero.

Sentou-se, e adormeceu.

Já a claridade do dia se coava pelas vidraças das janelas. A rotativa começara já no seu ruïdoso giro, e o vozear dos garotos dos jornais, juntando-se à porta da casa da venda, chegava até cá acima, à sala da redacção.

Mansamente, bati no ombro do Dr. Bernardino Machado. Êste acordou e, imediatamente, inquiriu:

— São as provas?

— Não, Doutor. É o jornal.

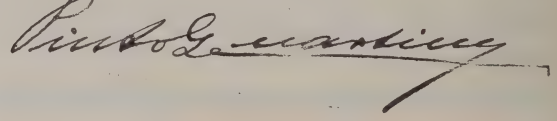
— ?!!

— O Doutor dormia tão bem que julguei um crime acordá-lo.

— Bem. Não faz mal.

E muito afectuoso:

— Adeus, meu querido amigo, até à próxima conferência.



RAÚL BRANDÃO

O DR. NASCIMENTO

A redacção de *A República*, que dirigi nos primeiros meses como técnico (eu nunca fui político), conheci muitos tipos curiosos, que entravam por ali dentro como por um portão aberto a todos os ventos... Por lá passou Carlos da Maia, de barbas negras e olhar leal e reflectido. Poucas palavras. Mas a seu lado tôda a gente se sentia ao pé de alguém. Corria outro ar. Naquele arcabouço havia uma alma forte e límpida como uma espada. Por lá passaram políticos e doidos, que as redacções atraem sempre como a luz às falenas; intrujões e homens de bem, alguns dos quais foram mais tarde assassinados, como Granjo e Machado Santos. As oito a baterem no relógio e a abrir a porta do meu gabinete um homem que só me dava as boas-noites ao entrar e ao sair, e que lia insaciàvelmente todos os jornais de fio a pavio. Caíam as onze, pegava no chapéu e ia-se embora, como tinha vindo, com tôda a pontualidade. Nunca con-

segui saber quem era. Durante muitos meses recebi também a visita de uma figura curiosa, tipo de índio engelhado, côr terrosa de africanista, falas doces de quem quere insinuar-se. Cuido que era médico da marinha e se chamava o Dr. Nascimento. O Dr. Nascimento trazia os bôlsos cheios de folhetos e de artigos sôbre o planalto de Benguela. Só falava no planalto de Benguela, e tôdas as redacções o temiam, tôdas as repartições olhavam para êle com terror. Ninguém lhe publicava uma linha, porque, se aquilo começasse, enchia páginas, enchia o jornal de ponta a ponta, enchia o mundo — e trasbordava. Eu cheguei, sem querer, a saber de cór o planalto de Benguela, como se lá tivesse vivido uma existência inteira, e a sonhar com a grande terra africana que produzia trigo duas vezes por ano e devia transformar-se no celeiro de Portugal. Há muito tempo que o Dr. Nascimento não fazia outra coisa senão percorrer a África com uma panela velha e um preto, conversando com os sobas, dormindo ao ar livre e nas cubatas — e sonhando, sobretudo sonhando. — «Só lá é que sei viver e me sinto viver!» — De quando em quando, vinha a Portugal, ou, melhor, vinha ao Terreiro do Paço e aos jornais, para interessar os outros no seu sonho. Acordava as repartições adormecidas, fazia discursos aos redactores que mal atendiam o importuno, e distribuia os folhetos e os artigos que lhe enchiam as algibeiras. Um dia senti que me faltava qualquer coisa na vida. Olhei à roda: era o Dr. Nascimento que desaparecera como tinha aparecido, ou na morte ou na vastidão incógnita da África, pequeno, engelhado, e com cara de fuínha. Nunca mais ouvi falar dêle — mas durante muitos anos ainda me ficou no ouvido um ronrom de gato que nem mesmo a dormir está calado.

Raul Brandão

QUATRO QUARTOS DE HORA DE UM JORNALISTA

NSTEIN, êsse judeu germânico que entornou os tabuleiros da matemática como se fôssem de xadrez, não teve tempo ainda de lupar, através das suas teorias, a relatividade elástica dos anos.

Não espetei o indicador na testa, à laia do *ex-libris* do *Je sais tout*, para chegar a esta complexa conclusão... Bastou que abancasse à mesa do trabalho, e que, semicerrando os olhos, tentasse ver claro para dentro de mim... Vinte e nove anos de idade, treze de jornalismo; e já os arquivos das minhas emoções trasbordam e formam labirintos na memória, que são ameaças de esquecimento eterno...

Mas farei como os míopes: aguçarei a íris; espalmarei a mão sôbre os olhos; e, assim, talvez descubra, desabrochando ao de leve, episódios inéditos e inéditas paisagens percorridas durante esta cavalgada de treze anos — que Enstein, para ser justo, devia medir a dobrar...

QUANDO EU FUI MENDIGO...

...1918. Havia três anos que eu debutara... Estava na *Capital* do Manuel Guimarães, e colaborava, à noite, nessa bela tentativa de jornalismo moderno que foi *A Manhã* de Mayer Garção e Luís Derouet.

Tinha dezanove anos — e vibrava em todo o meu sistema nervoso uma ânsia de triunfo... O *fait-divers* do Govêrno Civil, os *clichés* do *chien ecrasé* sabiam-me à renûncia das minhas próprias ambições. Quis fazer uma *reportagem* que atraísse sôbre o meu nome o olhar do público, como as actrizes buscam o luar dos projectores. Uma *reportagem à americana* — como se dizia então...

Deixei que a barba me assombreasse o rosto; cobri-me de andrajos; descalcei-me; esfarripei a guedelha; dei à voz o tom lamuriento da pedincha; e eis-me tôda uma noite a esmolar *dèrrezinhos plas alminhas*, por essa Lisboa fora... Um inquérito à mendicidade — segredara ao ouvido de Luís Derouet... E após uma passeata pela Baixa, com três ou quatro tostões em cobre tilintando no bôlso, fui esperar a hora da saída dos teatros para um esconso sombrio da Rua do Mundo. Fatigado, encostei-me ao umbral, atirei, com um piparote, o chapéu esburacado para a nuca, e fui, pachorrentamente, enrolando o meu cigarro. Mas eis que da banda de S. Roque desce um grupo: duas senhoras e dois sujeitos... Ouvi-lhes a algazarra alegre da conversa, mas não os observei com atenção; e só a pouca distância descobri, entre o grupo, uma velha dama, antiga visita de minha família, que há muitos anos não via...

Distraído, e esquecendo-me dos meus próprios andrajos teatrais, não me ocultei; e ela, que vinha risonha e grulhenta, ao dar comigo, calou-se de súbito e fixou-me aflitivamente... Não parara... Pelo contrário: tive a impressão de que apressara o passo para fugir de mim como de um pesadelo doloroso. Os seus olhos enormes e claros, último vestígio do tesouro da sua antiga beleza, brilharam hùmidamente... Os outros, os seus companheiros, um pouco atarantados por aquela brusca metamorfose, indagaram o que lhe tinha sucedido...

— É êle... Não há dúvida! É êle! — ouvi ainda balbuciar.

Em que estado está!... Aonde êle desceu... E filho de tão boas famílias... Que desgôsto para a pobre mãe!
Já lá vão mais de dez anos... e ainda hoje sorrio maldosamente daquelas lágrimas que vi brilhar nos olhos da minha pobre amiga.

QUANDO EU FUI MULHER

O *porquê* daquela *reportagem* não vale a pena recordar. Eu queria a prova berrante de que se podia cometer tôda a casta de delitos em certos hotéis de Lisboa, à sombra de certa cumplicidade dos hoteleiros...
A prova que maior plasticidade me oferecia era a de cometer um *crime* — um crime-simulacro, bem entendido... Organizei o *complot* — os conjurados limitavam-se ao Graça, filho, director do *Século*, onde eu então trabalhava, ao Stuart Carvalhais, ao pobre Armando Basto, que a morte levou há dois anos, e poucos mais.
Traçámos o plano... O *crime* devia ser cometido num hotel da Rua dos Fanqueiros. Stuart, de monóculo, apinocado e falando francês, seria o *assassino*; eu, em *travesti* feminino, seria a *vítima*; Armando Basto marcaria, na tarde anterior, o quarto que devia servir de palco à tragédia...
A Agência Americana, na Rua António Maria Cardoso, serviu-nos de camarim... De dia, tinha sido comprada uma galinha, única vítima real da farça, e que nos devia fornecer o sangue para scenografar, em tintas realistas, a nossa ficção. Foi êste o nosso primeiro atrito... Nenhum dos presentes se sentia com coragem de degolar o animal — nem o próprio Stuart, que, horas depois, devia apunhalar-me no hotel da Rua dos Fanqueiros.
Tivemos de chamar o porteiro de um prédio vizinho; e, engarrafado o sangue, com certa dose de vinagre para não coagular, iniciei a minha *toilette*: os queixos foram rapa-

dos até à derme; os meus lábios carminados; as minhas faces embranquecidas pela carícia do *pompon* do pó de arroz.

Duas meias de seda clara deram-me ao pernil ossudo uma razoável ilusão plástica; uns saltos Luís XV ergueram-me o busto; um *ailleur* emprestado acabou por transformar numa encantadora parisiense—êste corpo que hoje ameaça tornar-se pançudo como o de um *buda*...

Saí de braço dado com o Stuart. Devíamos entrar na gare do Rossio pelo lado da Calçada do Duque, para depois nos misturarmos com os passageiros do rápido de Madrid que então chegava à meia noite. No nosso plano embrulhariamos o *misterioso crime* com o roubo do Museu do Prado, o que realmente conseguimos até ao inesperado desenlace de nos surgir, um mês depois, um inspector da polícia espanhola que veiu... a *averiguaciones*...

... Mal desembocámos no Chiado, demos com o Afonso de Bragança, outro espírito magnífico da minha geração, que já se precipitou na Morte... Afonso de Bragança estava sózinho no ângulo do Ramiro Leão — tão longe do mundo, como se já não existisse.

Viu-me, esgazeou muito a pupila negra, iluminou a face magra, e seguiu-me com o olhar — com um olhar guloso, um olhar de caçador... Hesitou um instante e, quando atravessámos a rua, já êle, pernalta e desengonçado, iniciava a perseguição...

— Mau! O Bragança achou-me a seu gôsto — murmurei ao ouvido de Stuart.

Apertámos o passo e galgámos a Rua do Sacramento... Ao dobrar a esquina, convenci-me de que o meu querido Afonso desistira da conquista; e, já no largo, Stuart afasta-se de mim para comprar tabaco numa leitaria próxima... Fiquei sózinho (ia a escrever *sózinha*) frente ao quartel. E uma voz insinuosa e agarotada desperta-me:

—Que ingratos que são os homens! Abandoná-la assim, a estas horas...
Era Afonso de Bragança! Senti-me descoberto... Aconcheguei-me melhor na sombra, disposto a partir... E enquanto voltava a cara, acamando os bandós loiros do Vítor Manuel, exclamei o mais aflautadamente possível:
— Insolente!
Avancei uns passos — e êle seguiu-me, teimando em ver-me a cara... Entretanto, Stuart saía da leitaria, vinha ao meu encontro, e dava comigo naquela embaraçosa situação... Teve um momento de pânico... Pensou talvez em fugir... Mas por fim, reconquistada a calma, dirigiu-se, grave e desgostoso, ao pobre Bragança...
— Ó Afonso! Então? Estás bêbado?
Afonso reconhece-o e gagueja:
— Perdão, Stuart... Eu não sabia...
E, depois de uma piscadela de olho, rematou:
— Bem dizia o Santa Rita... Tu tens uma sorte com as mulheres...

O RUSSO DO AVENIDA PALACE

Foi já no final da guerra, e eu andava de birra com a polícia portuguesa de contra-espionagem... Rara era a semana em que eu não me antecipava nas descobertas à *sensation*, só para que o chefe dos nossos *detectives* sofresse amargas reprimendas. O meu campo de acção dividia-se em duas zonas: o *Café Royal* e o *Avenida Palace*. Do primeiro arrancara, meses antes, o pitoresco espia conhecido pelo «Hombre del Aniz»; do segundo pusera em debandada duas pseudo-bailarinas, que se preocupavam mais com a saída dos barcos do que com as piruêtas que esperneavam no tablado...
Uma tarde, certo informador voluntário que eu trazia de

colaborador, veio, em alvorôço, dar-me uma notícia sensacional...

Tinha chegado a Lisboa um tal Yvan Baldach, que se dizia polaco e joalheiro, e que, segundo o meu agente, era o lugar-tenente do Barão B..., o tenebroso negociante de espionagem e de condenados à morte, de Barcelona. Organizei um *dossier* completo — tão completo que até era ilustrado com uma fotografia de Baldach — uma fotografia feita num *studio* das Ramblas barcelonesas, onde êle aparecia redondo, calvo e com as mais peludas sobrancelhas que tenho visto até hoje.

Foram três colunas quilométricas, no *Século* da noite... Na manhã seguinte, uma nota da Polícia de contra-espionagem comunicava à imprensa que o súbdito russo Yvan Baldach, falso joalheiro e aventureiro perigoso, estava a ferros, não de El-Rei, mas da República...

Três dias se passaram — e na vertigem do diarismo esquecia-me do russo quando uma segunda nota veio desassossegar-me por completo. Provara-se, de uma forma insofismável, que o pobre sr. Baldach era joalheiro, homem honrado, francófilo ardente — e que as únicas espionagens a que se dedicara até então eram nas alcovas femininas!

O coração começou-me a pular dentro do peito como bola de borracha nas mãos de um *jongleur*. Que *gaffe!* Que horrível *gaffe!* E eu pensei então que não podia existir maior tormento do que aquele em que se sacrificam a consciência e os brios de um jornalista.

Mas existe pior... muito pior. Existe o mesmo tormento sob a forma de bengala, que surge alçada sôbre nós como uma espada de verdugo chinês...

Naquela mesma tarde, estando eu sózinho no jornal, ouvi que o contínuo tentava afrancesar o seu calão, para se fazer compreender por um estrangeiro qualquer. Ergui os olhos e dei com um sujeito agigantado e espadaúdo, de peludas

sobrancelhas e espelhante calva, e que, entre portas, me fitava interrogativamente.

— O sr. Reinaldo Ferreira é aquele senhor que ali está! — informava o contínuo, de dedo espetado na minha direcção. Aquele dedo pareceu-me um gesto teatral, um gesto de melodrama, um gesto de acusação de fim de acto. E êle, o gigante calvo e de pestanas peludas — não podia duvidar! — era o sr. Yvan Baldach, que eu injustamente fizera prender... Quis fugir — e não pude. Os meus olhos, de fixos, pareciam hipnotizar o russo, que também não se movia — emmoldurado pela porta, como um retrato colado a uma parede. E, sem o desfitar, silhuetava-o ansioso... E então, no exagêro do meu nervosismo, tive a impressão de que o seu arcabouço inchava, estoirando o colete branco; que as mangas se dilatavam sôbre o crescimento hercúleo dos seus músculos; que a bengala, fina como um florete, engrossava e se transformava no tronco de uma árvore; que os seus olhos claros, de eslavo, tinham adquirido aquele tom de porcelana que caracteriza os homens no ante-momento das grandes resoluções...

Por fim, êle moveu-se, e, lentamente, avançou para a minha banca... Cada passo que dava parecia crescer, alargar-se, ganhar volume, até que, ao apoiar as suas mãozorras sôbre a secretária, senti-me sob a sombra de uma tôrre.

— Reinaldo Ferreira?

Êle sabia o meu nome... Eu assinara o artigo. Engasguei-me e sussurrei um angustiado *oui... monsieur.*

— Ainda bem...

Descalçou uma luva e prosseguiu:

— Há três ou quatro dias que eu tencionava vir falar-lhe sôbre o artigo que se dignou escrever a meu respeito, assim como a publicação do meu retrato...

Calou-se, guardou as luvas, mudou a bengala da mão esquerda para a mão direita, e continuou:

— Infelizmente, não me foi possível vir mais cedo. Como não deve ignorar, eu sofri o enxovalho de ser preso pela polícia portuguesa — e por isso só hoje venho agradecer-lhe a gentileza que teve para comigo...
O russo era cruel... Deliciava-se com a minha lenta asfixia.
— Eu sou um pobre comerciante, muito fora das vaidades mundanas — mas a publicação do meu retrato, no jornal de um país onde eu acabava de chegar, comoveu-me...
Novo silêncio — para depois acrescentar:
— Devo-lhe a confissão que não percebi nem uma só palavra do que dizia... A minha ignorância do idioma português é total... De tôdas as formas... muito reconhecido. Estende-me a mãozorra, apertou a minha num suave *shake-hand*, e saiu nos bicos dos pés, como que para não perturbar o silêncio trágico em que eu ficara...

JORNALISMO INTERNACIONAL

Naquela saleta decorada de azul, afundado num cadeirão de estofos amolecidos pelo uso, eu esperava, sem jantar, a resposta do director do jornal. Todos os que tinham entrado depois de mim — agentes de publicidade e escritores de fama: Leonard Ravel, o cronista mundano, Cafuli, o caricaturista célebre — todos, sem excepção, haviam passado já ao gabinete do director... Cada vez que via surgir o contínuo morfinizava-me com uma nova esperança: ia ser recebido... Mas o contínuo murmurava um nome que não era o meu — e eu aquietava-me de novo no meu cadeirão... Havia vinte dias que desembarcara em Paris... O capital dinheiro — com que eu pretendia negociar o meu capital sonho — esgotara-se havia muito... Viera convencido de que havia de vencer! Eu queria ser jornalista em Paris... jornalista internacional. Subira já dezenas de escadas;

batera a tôdas as portas... E todos os directores se sorriam da ingénua pretensão do moço estrangeiro, que pensava que a entrada nas redacções parisienses era coisa fácil a qualquer mortal...

Viver em Paris! Ser jornalista de Paris! Escrever crónicas e realizar *reportagens* a preços de Caruso... Ter entrada no Eliseu, nas embaixadas e nos palácios da velha aristocracia de St. Germain... Tratar de tu os Astros das letras, os grandes artistas, freqüentar as *avant-premières* e ir depois beber *champagne* a um *caveau* elegante de Montmartre, ensanduíchado por duas estrêlas da ribalta... E porque não!? Outros estrangeiros o tinham conseguido...

Maurice Waleff e Clément Vautel eram belgas... Suadongk era polaco... Torres Costa era espanhol... E fazendo deslizar ante os meus olhos todo o jornalismo cosmopolita de Paris, encontrei-me frente a *Monsieur* de Guimarães, que Eça imaginou, e que me produziu, naquela hora triste, um arrepio de mau presságio. Mas reanimei-me. Havia de vencer, visto que êles tinham vencido também. *Era preciso querer! Saber querer! Impor telepàticamente a minha vontade...*

Senti-me melhor, como se, em vez de aguardar que a bola da Fortuna caísse no número do meu jôgo, esperasse já que o *croupier* me pagasse... E assim, ao ver, logo a seguir, dirigir-se a mim um sujeito de bigodeira gauleza e óculos de aros de tartaruga, que pinçava, entre os dedos, um cartão-de-visita, não tive a menor dúvida sôbre a vitória!

— O sr. director não pode falar-lhe e encarregou-me de responder à sua proposta.

Acertou os óculos e continuou:

— Desejava, não é verdade, publicar uns artigos?...

Agitei, precipitadamente, a cabeça, a dizer que sim — e predispunha-me a fazer o elogio do meu futuro trabalho — mas o cavalheiro não me deu tempo.

— Óptimo! Óptimo! Podiamos começar por uns artigos sôbre a América Latina... Mas o senhor director quere saber quanto...

Calou-se — e a palavra ficou a estralejar dentro de mim, como um foguete de festa. *Quanto*? Êle queria saber *quanto* pedia pelo meu trabalho... E eu, alegremente, sofria a dúvida da cifra a pronunciar: cinqüênta francos por artigo parecia-me pouco... bem exagerado... Entretanto, êle falava... Falava — mas eu não o ouvia... E por fim, acordando, preguntei:

— Que diz?

— O nosso preço habitual é de mil francos por coluna, na segunda página; mas, se as legações fizerem contrato, sair-lhe há mais em conta.

Jesus! Êle queria *que eu pagasse os meus artigos*! Eu não chorei — por vergonha!

Passaram-se muitos anos. A poucas semanas desta chicotada da realidade, entrava para a redacção de *Le Soir*, recebendo ordenado! Depois viajei... triunfei um pouco... fui ganhando aproximações dos meus sonhos... E hoje, a-pesar-de tudo isso, se me oferecessem, como preço da conquista das minhas ambições, o mergulho gelado daquela noite de desengano, eu, juro, preferiria abdicar delas para sempre...

Reynaldo Lenem
(Reporter)

O MEU VIOLENTO E DOLOROSO ARTIGO

O artigo mais difícil da minha carreira foi o mais violento. Entendo que um jornalista tem dois aspectos decisivos: escrever o que sente o melhor possível e cumprir o seu dever. Eu fôra muito amigo do Dr. Alexandre Braga; acompanhara-o nas suas tertúlias conduzido pelo *Pad-Zé*. Muitas vezes escutei as suas confidências; ouvi as suas queixas e senti a perturbante acção da vida que levávamos. Jamais se tratou entre nós de política, enquanto êle não foi ministro da Justiça. Um tempo antes, a-propósito de uma legenda para a sua caricatura feita por Alfredo Cândido, eu decidia: «A Montanha e a Chartreuse. Dois abismos, mas de abismos são feitas muitas vidas. O republicano não desdenhava o licor dos frades.» Riu muito, achou bem, ficámos amigos. Quando êle chegou ao ministério, comecei a sentir que diàriamente eu era querelado. Mantinha, então, no *Liberal*, uma grande campanha contra o presidente da República. De quando em quando lia nos jornais:

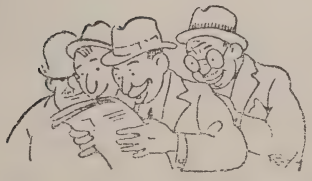
«O sr. ministro da Justiça mandou querelar, mais uma vez, o jornal *Liberal*, por insultos ao chefe do Estado.»
Contei as querelas. Eram quatro. Fui ao telefone. Chamei o ministro que acorreu, mal sabendo para que fim eu o incomodava. Disse-lhe textualmente:
— Sinto que seja o meu amigo Alexandre Braga quem manda fazer as querelas que competem ao Ministério Público.
— O' diabo! Aquilo é demais... Já vês que eu tenho o meu papel... Cumpro o meu dever...
Soube depois que, de Belém, lhe telefonavam a-miúdo a recordar-lhe os meus artigos contra o brasileiro que ocupava a chefia do Estado português.
— Alexandre — disse-lhe eu — manda querelar, mas.. não o digas... Irrita-me esta idea de um amigo ministro a ministrar-me querelas...
Riu ainda. Desliguei. No dia seguinte perfazia nova querela. Voltei ao telefone. Êle respondeu-me. Convidou-me para jantar. Recusei e acrescentei:
— Alexandre: Temos diante de nós mais duas querelas a receber e a dar. Quando chegarmos às seis, quando eu ler nos jornais que são seis, a sétima tens de fazê-la por tua conta.
— Como?
— É que cumprirei o meu dever. É a guerra. O poder não me deslumbra nem me assusta... Crê que será por ti a sétima querela, embora eu escreva o mais doloroso artigo da minha vida...
Continuei a dirigir-me ao presidente da República como entendi. Lia os jornais e verificava as notas ministeriais a meu respeito:
— «O senhor ministro da Justiça mandou, mais uma vez, querelar o jornal *Liberal*, por insultos ao chefe do Estado.»

Chegou a sexta querela. Então tratei do ministro e disse-lhe tudo. Lembro-me de que havia frases como esta na prosa vingadora:

«O sr. ministro deve-se lembrar de que, quando queria bater, era a minha bengala que actuava, e, quando queria vomitar, era eu quem lhe segurava na cabeça.» Ao concluir êste artigo, eu vibrava contra êle, mas sentia ter cumprido o meu dever. Chamou-lhe Moreira de Almeida «um dos mais terríveis artigos da imprensa portuguesa».

Dentro em pouco, Alexandre Braga deixava o ministério e ia, numa missão intelectual, ao Brasil. Eu ajudei a uma revolução. Quando voltou, mal o vi. Soube-o um dia doente e fui até à sua porta, semana a semana, saber dêle, sem dizer quem era. Cassiano Neves encontrou-me duas vezes, e nem êle, médico assistente, nem eu, que queria saber do enfêrmo, jamais falámos no artigo mais violento, mais difícil, também o mais doloroso que saiu da minha pêna.

Rocha Martins



ROGÉRIO GARCIA PEREZ

O III CENTENÁRIO DE GONGORA

Em Maio de 1927, recebi, para ir à feira de Cordoba, insistentes convites do meu amigo António Cañero, amigo que tantos inimigos me trouxe, graças a Deus! E porque eu tivesse trocado a vagabundagem de quatro anos, escrevendo crónicas de tôda a Espanha para o *Diário de Lisboa*, pela efectividade de redactor amarrado às colunas do acontecimento, encontrei-me na dificuldade de justificar a ausência.

Três dias busquei debalde o pretexto ou a razão de uma ida a Cordoba, sem perda de estima dos altos poderes do jornal, quando uma manhã, casualmente, pelas alturas de Queluz, e precisamente quando eu confidenciava o problema ao Artur Portela, vejo que êste, embebido na leitura da *Comœdia*, me aponta uma notícia em que, com o retrato de Gongora, se marcava o seu terceiro centenário, na época

por mim desejada, e, naturalmente, sendo a pátria do poeta, na própria cidade de Cordoba!

Eureka! Agarrei-me à coincidência, como náufrago à tabuinha, e entrei de sondar o ambiente para me convencer do valor da descoberta.

Como quem não quere, soltei a idea ao Norberto de Araújo, e ouvi-lhe que, se não fôra ter acabado de chegar de Sevilha, êle próprio iria até Cordoba, pelo interêsse da crónica do centenário.

Repeti a experiência com o Álvaro de Andrade, que me gritou: — «Gongora, o terceiro centenário?! Isso dá-te um *eco*, um *estrangeiro* e um *fundo*. E que títulos que eu lhes prego!» O Norberto Lopes acrescentou que, estendidinho, ainda chegava para um *chá*, e o Félix Correia preguntou-me se o *gajo era aviador*.

E ataquei a paciência do Dr. Joaquim Manso para escutar, boquiaberto pelo êxito inesperado: — «Parece-me bem. O Gongora está novamente de moda em Paris... o Mallarmé...» E o nosso querido director desapareceu, ajeitando o monóculo.

E como o gabinete de Vale-Escuro, ou seja o gabinete onde a hipótese do *vale* é escura, me aparecesse, pelo *visto*, iluminado do melhor acolhimento, decidi preparar a mala.

Atingi Sevilha sem topar gazeta espanhola que me elucidasse da Consagração do «meu» Gongora no seu terceiro centenário, e, à chegada a Cordoba, comecei por interrogar o «Don Manuel», chefe da estação:

— Gongora, Gongora... só se ficou nalguma estação do trajecto; aqui, que eu dê notícia, não chegou...

Os intérpretes do *Hotel Regina* também ignoravam a chegada de tal hóspede, e o *mozo de estoques* de Cañero garantiu que nas corridas de feira não toureava. Estavam anunciados... Veiga, Cañero, Chicuelo, Cagancho...

E deixei-o ficar com o *cartel* na bôca, para tratar de obter notícias de um companheiro da imprensa local:

—*Mira, chico, de eso del centenario solamente se han ocupado tres* chifládos *de la Académia. Se quieres la noticia de la session te la doy.*

Y me lá dió, pois eu necessitava enviar uma notícia que me justificasse a viagem, notícia que saíu, como o Álvaro previra, num *estrangeiro.*

E, durante três dias, Cordoba, enlouquecida pela feira, nem se lembrou de que Gongora e eu esperávamos as festas de um centenário que, ao parecer, tôda a gente ignorava.

E como, durante estes três dias, apenas consegui *imaginar* um *eco,* tive que escrever um *fundo* ilustrado por uma gravura obtida de um jornal francês! E enviei o jornal às entidades de Cordoba, por mim tidas como principais culpadas do imperdoável esquecimento. Um dos alvos da minha cólera, um bibliotecário de boa consciência, caíu em si, reconheceu a justiça da minha indignação, e enviou o artigo a Madrid. A pessoa que o recebeu dispunha de um jornal e lançou o grito de alarme por tão imperdoável olvido.

E não direi que em Madrid se fizessem festas *póstumas* do centenário; mas a repartição de Belas Artes abriu um concurso para uma estátua a Don Luís de Gongora e Argóte; ao mesmo tempo oferecia prémios para memórias em prosa e verso, e outros certâmes literários e artísticos, destinados a celebrarem o terceiro centenário «de tão significada figura literária, etc., etc.»

Se não fôsse eu...

Rogerio García Pérez

SANTOS TAVARES

«REPORTAGEM» DA SAÜDADE

No jornalismo do meu tempo (reivindico com orgulho a profissão inicial), passou como rajada, pelas redacções de algumas fôlhas alfacinhas, uma figura de talento e desvairo, de scintilação e desordem, que deixou no tumulto do labor quotidiano meia dúzia de páginas frementes.

Nunca a imprensa tivera em Portugal temperamento mais curioso, mais complexo, mais ousado. Foi no período de renovação dos nossos sonolentos costumes jornalísticos, em que se iniciava a fórmula, até então considerada inédita, das entrevistas à *sensation*, do artigo petulantemente literário e da anotação irónica.

Nas gazetas de Lisboa, e nomeadamente nas da tarde — as da manhã preferiam o ramerrão do simples noticiário comezinho e fruste — começava-se fazendo o balanço diário da vida do país; dando corpo e alma a tôdas as aspirações e entusiasmos, às lutas da política e da arte; focando os homens nas suas intimidades e desejos; ouvindo-os nas suas ambições e mesquinharias; revolvendo ideas, auscul-

tando esperanças, perscrutando intuitos. Nas colunas dêsses pequenos vespertinos agitaram-se planos, discutiram-se projectos, abriram-se inquéritos.

Quem se desse ao trabalho de folhear, de compulsar as velhas colecções, encontraria nelas a soma incalculável de trabalho, de esfôrço ardente, de acção generosa, que constituem as cinzas, o rescaldo daquelas dispensadas quimeras juvenis.

Havia ainda um pouco de ideal. Tinha-se fé. Acreditava-se na vida e no futuro. Na vida, pela porção de desinterêsse e de beleza nela contida; no futuro, pela irradiação do sonho perseguido.

Hoje... Talvez que os meus cabelos brancos expliquem esta saüdade e o scepticismo dos dias que passam na vertigem das horas que não voltam.

Recorto para aqui uma até agora ignorada, íntima scena dêsse tempo:

Uma tarde, chegou-nos de chofre, à redacção, a notícia da morte de Manuel Cardia. A princípio, informações imprecisas e contraditórias do suicídio. Pequeno incidente de amor, mais cerebral do que real, aureolava o epílogo triste de tintas românticas, em cuja evidenciação todos púnhamos parentêsis de incredulidade. Mas o desespêro dos ultimos dias, a exacerbação da tara mórbida, a inconseqüência das suas explicações da véspera, tudo, por fim, concorrera para a possível certeza da catástrofe. Horas de dúvida e de angústia aquelas...

Fui vê-lo, pela última vez, ao velho casarão do necrotério. O cadáver dera ali entrada já de noite, noite alta para a bocejante indiferença da cidade. E, tantos anos após o episódio trágico, a minha retina mantém, intacto ainda, o sce-

nário confrangedor, tormentoso, arrepiante, como o meu coração repete, hoje ainda, o pulsar precipitado e ofegante daquele momento.

Numa das salas sujas, ressumbrando humidade e podridão, sôbre a mesa de pedra lá existente, o cadáver repousava, esperando as diligências policiais da lei. Serenidade, desdém quási. Apenas o rosto ganhava, à luz tímida do único bico de gás, os primeiros livores mortuários. Fora do círculo estreito da claridade baça adensavam-se sombras. Escuridão e presságio envolventes.

Súbito, num canto negro da pousada dos mortos, senti resfolegar alguém que cambaleava e avançava para a luz, ganhando a pouco e pouco contôrno, forma, expressão. A figura tinha o seu quê de fantasmática no ambiente sinistro—cabeleira desgrenhada, olhos de doido altivo e a bôca aberta como a dos afogados.

Era o escritor Silva Pinto, amigo do suicida, que, por uma futilidade de que nem já sei a origem, mas de que deformara a significação e o alcance (Silva Pinto, tabético, azêdo, conflituoso, sofria nos derradeiros anos das mais doentias susceptibilidades) havia cortado as suas velhas relações comigo.

Entre nós dois interpunha-se o morto, que dormia a sua «primeira noite resgatada», e à minha dor vinha juntar-se nova dor, à minha saüdade a inquietação, à minha angústia uma outra angústia. E, quando procurava dominar os nervos gastos e apaziguar o sobressalto, revertendo à realidade crudelíssima, o vulto aproximou-se mais e mais, e, quási debruçado sôbre o cadáver, numa voz de timbres ásperos, entrecortada de soluços, de sufocações, de asfixia, estendendo-me o braço, balbuciou: — «Diante do cadáver dêste rapaz, os inimigos irreconciliáveis reconciliam-se...» Apertámos silenciosamente as mãos, e o meu pálido suicida de vinte anos teve, vi-o bem, o seu último sorriso doce

nos lábios brancos, como se da violência do seu *facto* extraísse ainda aquele fraterno símbolo de paz...

E durante tôda a longa noite, noite de cem anos, ali ficámos calados, conturbados, vencidos, velando o corpo que foi a enterrar, amortalhado nas exaltadas esperanças de um e nas doridas ilusões do outro.

SILVA PASSOS

UMA ENTREVISTA DIFÍCIL

É certo que, nos tempos que vão correndo, não é difícil fazer uma entrevista. A maior parte da gente grada que pode constituir matéria aproveitável para um jornal está sempre bem disposta para se deixar entrevistar.

A necessidade e, quando não esta, a paixão do *reclamo* está por tal forma em voga que o *gros bonnet*, em geral, está deserto por que um *repórter* lhe apareça a pedir-lhe *as suas opiniões*. Isto, é claro, para só falar daqueles cujos *serviços de publicidade* ainda não chegaram à perfeição de terem já preparadas e catalogadas diversas entrevistas sôbre varios assuntos, com adjectivos elogiosos e tudo...

O que, por vezes, é difícil é entrevistar um *quidam* que «não quere ser entrevistado».

Era êste, precisamente, o caso do Marechal Hermes da Fonseca, chegado ao Tejo, a bordo do couraçado *S. Paulo*, a 1 de Outubro de 1910.

Reporto-me à *Capital* que publicou a entrevista:

«No entanto, os guardas de serviço à entrada (do Palácio de Belém) tratavam de modo tão delicado os representantes da imprensa que estes tomaram o partido de abandonar o local, para evitar conflito mais grave».

Eu, entretanto, realizara a minha entrevista que o mesmo jornal publicava, a seguir àquele período, com o título «Falando com o Presidente».
Vou transcrever os primeiros paragrafos, para contar depois a história.

«*A Capital* encarregou um dos seus redactores de realizar a primeira entrevista com o Marechal Hermes da Fonseca em terra portuguesa. O nosso colega, partindo do princípio bíblico de que *os ultimos serão os primeiros,* não tentou avistar-se com o novo Presidente da República a bordo do couraçado *S. Paulo.* Dirigiu-se à ponte do Arsenal da Marinha, e ali esperou o desembarque daquela alta personagem e da sua comitiva. Pouco depois, via atracar a pequena galeota do Arsenal e dela sairem o Marechal e as varias pessoas que o tinham ido esperar a bordo. Entre elas, vinha o Sr. Dr. Costa Mota, ministro do Brasil. Conhecida, como é, a gentileza amável que distingue êste diplomata, estava indicado que a êle se dirigisse o nosso colega, certo de que seria satisfeito o seu intento. Foi o que êle fêz, obtendo, ao mesmo tempo, uma negativa formal ao pedido, cheio de atrevimento, de realizar *sur le champ* a entrevista e uma consoladora promessa de que lhe seria facultada ocasião de falar ao Presidente, apenas êste chegasse ao Paço de Belém».

Eu penso que tanto o ministro como o então chefe do protocolo Batalha de Freitas contavam absolutamente com a *delicada* recepção dos guardas do Palácio a que a *Capital,* como já se viu, se referia...

Mas eu prometera ao Manuel Guimarães dar-lhe a entrevista; e tinha forçosamente de cumprir a promessa.
O Manuel Guimarães, todos os dias, pelas 10 horas, traçava numa grande fôlha de papel, dobrada em quatro, a *maquette* do jornal.
— «Aqui—dizia êle, apontando um canto da página—vem o artigo do Mayer; nestas duas colunas é a *reportagem* do dia; aqui, tem de haver um eco violento...» e assim por diante, até às páginas dos anuncios.
Mais tarde, falarei do que êle chamava *as grandes zarzuelas.* Mas isso, tal como soi dizer Kipling — é uma outra história. O certo é que a entrevista lá tinha o seu lugar marcado na *maquette* e não podia faltar.
Eu, nesse tempo, usava a-miúdo o traje chique da moda — fraque e chapéu alto. De maneira que consegui, dizendo que fôra o ministro do Brasil que me mandara esperar no Paço, entrar a porta guarnecida de latagões da Municipal e de facies ferozes da Cívica.
Dentro, cosi-me com um reposteiro e esperei. O coração dava-me cada pulo que dir-se-ia um precursor do *Charleston.*
Nisto, entra o Presidente e a comitiva. Sem mais preâmbulos, saio do meu esconderijo. Mas logo o Sr. Batalha de Freitas avança para mim com fronte irada. Pressinto a borrasca e declaro-lhe peremptòriamente que foi o Dr. Costa Mota que me disse para ali o esperar. Êste vem ao apêlo e, embora contrariado, acede a cumprir a sua palavra. Mas recomenda-me: «O Marechal não gosta de entrevistas. Sobretudo neste momento, deve ser o menos longo possível. Creia que, se o recebe, é porque muito lhe pedi. O Senhor é o único jornalista que o consegue.»
Eu impei de satisfação. O Manuel Guimarães ia exultar de gôzo...
Vem o Presidente, mão direita atrás das costas, a esquerda

à altura das condecorações, e o ministro apresenta-me.
—Muito gôsto! diz o Marechal, enunciando uma continência. Então que deseja?
— Depois de apresentar a V. Ex.ª as homenagens do jornal *A Capital*, desejava muito arquivar as suas impressões acêrca da recepção que lhe acaba de ser feita pelo povo de Lisboa...
—«Ah!—disse sacudidamente o meu entrevistado—já não é a primeira vez que me recebem festivamente aqui. Os portugueses receberam-me sempre muito bem... E que mais?...»
Eu confesso à puridade que fiquei transido. Que diabo lhe havia eu de preguntar? Recordei-me do que me recomendara o Mestre Guimarães: «Não se esqueça de lhe arrancar qualquer coisa sôbre as anunciadas carreiras do Lloyd Brasileiro...»
Falava-se então muito das projectadas carreiras que viriam renovar o intercâmbio tão malogradamente tentado pela Mala Real Portuguesa e tão descaroàvelmente mal aproveitado pela aventura dos T. M. E.
— Conhece V. Ex.ª, por certo, o projecto da Companhia Marítima do Lloyd Brasileiro de estabelecer carreiras regulares entre o Brasil e Portugal. O govêrno de V. Ex.ª apoiará a tentativa...?
— «Olhe — interrompeu o Marechal, com ar um tanto sacudido—eu não conheço essa companhia. Há muito tempo que ando fora da minha terra. Mas pode dizer lá no jornal — se é para o bem do país, o govêrno ajuda.»
Sôbre isto, a mesma espécie de continência, um ligeiro apêrto de mão, e — ala, que se faz tarde! — já o olhar do Sr. Batalha de Freitas, mais firme do que a sua marcha de caloso, me indicava, com impertinência, a porta.
Escuso de dizer-lhes que, antes de sair, agradeci efusivamente ao Dr. Costa Mota a sua amabilidade, ouvindo-lhe ainda:

—"Olhe que foi o senhor o único jornalista que o entrevistou."

Corro ao jornal; escrevo a minha entrevista, duas colunas de prosa pimpona. Foi um sucesso em cheio; e lá está ela, na colecção do jornal, para provar que o antigo Presidente tinha ideas nítidas sôbre... o Lloyd Brasileiro e outros problemas.

O mais engraçado, porém, é que um vespertino dêsse dia inseria uma entrevista com o Marechal, em que êste discorria sôbre a linda paisagem portuguesa, entrevista absolutamente fantasiada por um dos nossos actuais diplomatas dos mais operosos.

Não se afigure, porém, aos leitores que esta parcimoniosa matéria de entrevistas era apanágio do Marechal Hermes. Tempos depois, entrevistei, no *Avenida Palace*, o grande Jean Jaurés, a quem fôra apresentado por João Chagas, e, se na minha prosa apenas reproduzisse o que o orador me disse, teria, com esfôrço, obtido o amago escasso de dois lugares comuns.

TRINDADE COELHO

CONTRASTE

À PARTE o lógico desfecho da vida física e material de quási todos os profissionais da Imprensa portuguesa—a miséria dourada, a invalidez freqüente, a morte precoce — o que mais me confrangeu sempre na carreira foi a perda de verdadeiros temperamentos literários no torvelinho da anotação diária, fulgurante — mas mecânica. No torvelinho, enfim, do *fait-divers*. A alucinação da nossa vida pública — que o jornalista é obrigado a acompanhar e a comentar — não concede ao jornalista, que eu saiba, um único elemento moderador ou compensador. Em tôda a parte do mundo, fora das horas regulamentares da tarefa, o verdadeiro profissional é um homem de *sport*, um homem de sociedade, um centro de convivência. Ainda há noites, ao penetrar na arena do Coliseu, clara à lua romana de Maio, eu saüdei, num

ruïdoso grupo de senhoras decotadas e de *gentlemen evening dress,* que alegremente haviam jantado no *Excelsior,* alguns jornalistas estrangeiros. Encontro-os em Florença, em Veneza e no Lido; encontro-os nos *dancings* da moda, nos hotéis de luxo, nas grandes recepções. Têm a alma e a existência em desafôgo. Possuem a alegria de viver. Trabalham, viajam, divertem-se — vivem, em suma, integrados num grande meio e num grande século. Em Portugal, por motivos que seria longo e triste enumerar, o profissional da imprensa é um homem que só na sua formidável energia interior encontra o estímulo que a sociedade nunca lhe concede. Falo, é claro, do verdadeiro jornalista. Não me refiro àquele que, falido no seu segundo ano do liceu, habitualmente ingressa nas gazetas, onde logo inicia a crítica e a orientação da Coisa Pública, talvez no exemplo histórico daquela delambida filha de «Madame» que, no tumulto sanguinolento da Fronda, sossegadamente disse um dia:—Minha mãe: falemos dos negócios do Estado, hoje que faço cinco anos...

Trindade Coelho

VIEIRA DA ROSA

EM HORAS DE REVOLUÇÃO

A «REPORTAGEM» TELEGRÁFICA PARA O ESTRANGEIRO

A deusa Fortuna é uma divindade que deve merecer sempre ao *repórter*, mormente ao *repórter* internacional, um culto especial. A ela são os jornalistas devedores de uma boa parte dos seus triunfos. Pela parte que me toca, dentro da minha esfera de informador da imprensa estrangeira, devo-lhe alguns. Referirei aqui apenas um.

Foi em 7 de Fevereiro de 1927. Estalara em Lisboa, nesse dia, um novo movimento revolucionário acompanhado das habituais manifestações bélicas, e cujo conhecimento naturalmente interessava a imprensa estrangeira.

Passei o dia a colher informações e a rabiscar impressos telegráficos, procurando a redacção mais anódina possível, a-fim-de não ferir demasiado os olhos do censor. Repeti as mesmas informações em telegramas sucessivos. As notas regulamentares, porém, do censor começaram a chover no escritório da *United Press*, sucedendo-se umas

às outras todo o santo dia. Os telegramas eram sistemàticamente sustados.

Ao cair da noite, apareceu-me no escritório, do mando do ministro argentino, José Maria Cantillo, o jornalista espanhol Júlio Alvarez del Vayo, chegado nessa tarde de Madrid à pressa, em busca de noticiário sensacional. Pediu-me que lhe servisse de cicerone.

Tomei a resolução de ir com êle à Central Telegráfica. Levei comigo uma nova série de impressos preenchidos com as notícias do dia. Levado à presença do Ditador da Censura, entreguei-lhos, pedindo-lhe o respectivo *laissez-passer*. O Ditador leu-os ràpidamente, de sobrecenho carregado, o que me descoroçoou logo.

— Nada disto pode seguir, sentenciou S. Ex.ª, após a leitura final.

— Que não podia ser assim, repliquei delicadamente. Que era absolutamente preciso comunicar-se à imprensa estrangeira fôsse o que fôsse acêrca dos acontecimentos que se estavam desenrolando em Lisboa, visto que a falta de notícias seria pior que a transmissão de notícias, embora más. Rendendo-se à evidência da minha argumentação, o árbitro das comunicações internacionais fêz retinir uma campainha, e mandou vir à sua presença um dos manipuladores do *Baudot*, o qual veio *in continenti*, trazendo arvorado nos dedos um papel.

Voltando-se para mim, o Ditador da Censura, já com o precioso papel nas mãos, declarou em tom forte: *Aqui está a única coisa que autorizo a telegrafar à Imprensa estrangeira*. O papel em questão era nem mais nem menos a nota oficiosa do *comité* revolucionário, assinada por um coronel, na qual se dava conta às forças revoltosas em vários pontos do país, para onde ia ser transmitida, da eclosão do movimento revolucionário, com pequenos detalhes acêrca das manifestações havidas em Lisboa na-

quela tarde, de que eu ainda não tinha àquela hora cabal conhecimento.

A revelação de que o Telégrafo estava nas mãos dos revoltosos fôra para mim uma surprêsa. Entretanto, fora, no Terreiro do Paço, ouviam-se os primeiros tiros das vedetas governamentais descidas pela Rua Augusta, alvejando os revoltosos do Telégrafo.

Ansioso por transmitir os meus telegramas antes da tomada do edifício, abanquei à mesa do próprio chefe, e ràpidamente, dominando os nervos agitados, preenchi vários impressos com o texto da nota que me foi facilitada. Assisti, finalmente, à sua transmissão feita *in continenti*, após o que, soltando um ah! de alívio, saí do edifício com precaução, para evitar qualquer surprêsa desagradável. Encostado às paredes, subi a Rua do Ouro quási deserta e mergulhada na penumbra do anoitecer, à hora em que da Rua Augusta desembocava no Terreiro do Paço, também à formiga, o grosso da infantaria governamental que, horas depois, havia de desalojar do Telégrafo as fôrças revoltosas. No dia seguinte, os jornais estrangeiros, assinantes da *United Press*, puderam dar uma *caixa* sensacional com a publicação integral da nota do *comité* revolucionário de Lisboa.

Da *chance* que tão gentilmente me favoreceu pôde aproveitar-se também o meu colega espanhol Alvarez del Vayo.

Vieira da Rosa

VITORINO NEMÉSIO

PÁGINA DE MEMÓRIAS

TINHA eu voltado das margens do Nabão, onde *fizera* um congresso da Federação dos Metalúrgicos, quando, na *Imprensa de Lisboa* e na bolchevista *Batalha*, me encomendaram um sermão que não enjeitei não sei porquê. Trazia os ossos num feixe com a jornada de Tomar; era já meia noite quando me apresentei ao serviço: mas lá fui, disciplinadinho e diligente como convinha à nossa classe, direito à Associação dos Criados de Mesa e Restaurante. Refiro o caso para o ennastrar com outro de bem diversa feição: ser jornalista é andar à roda do mundo num pé só... Imaginem-me agora num areópago de domésticos, os mais estimáveis pela cordura e nobreza da causa defendida, mas — com a breca! — ao mesmo tempo os mais divertidos e patuscos nos domínios da elocução. Tratava-se de uma sessão de protesto contra o vexame do livrete, instituïção do governador civil Lelo Portela, que equiparara às meretrizes as pobres criadas de servir; e tenho de confessar, a-pesar-do que vou escrever, que foi uma das mais belas e comoventes cerimónias a que assisti na minha vida. Mas a eloqüência, meu Deus... A eloqüência fervia, como *cognac* três estrêlas, nas cabeças dos oradores; e, se eu disser que

só cada um dos Cíceros contava onze à sua parte, é que, em verdade, além da vera cabeça, também as dos dedos trabalhavam...

Os pés, êsses galgavam de extremo a extremo a teia, como a acudir a um freguês. Presidia à sessão um velhote calvo, tipo de criado do *Martinho*, primeiro andar — pois, interpelado à voz de *camarada*, respondia sempre, com *morgue:* —Advirto V. Ex.ª de que entrámos na ordem da noite.

A inscrição, aos poucos, esgotava-se. Havia já falado o pessoal do *Leão de Ouro*, dêstes criados de restaurante que vende presunto na montra com pirâmidezinhas de bananas; e, enfim, uma voz peguilhenta, que empregava argumentos em série, denunciava à légua o hábito da lista detrás dos biombos do João do Grão. Fechou a sessão um camarada galego que comoveu as almas ao máximo; e pareceu-me, pela fôrça indignada do verbo e a convicção com que o dizia, o próprio Marco Túlio Cícero em carne e ôsso, diante do senado romano, tecendo o louvor de Marcelo: *Dolebam enim, patres conscripti, et vehementer angebar...* Marcelo era a oprimida e necessitada classe dos Trabalhadores da Imprensa. E saí dali com lágrimas nos olhos e cem mil réis para o nosso cofre.

Quando cheguei à *Imprensa de Lisboa* eram duas ou três da manhã, creio que de 7 de Abril de 1921. Interpelaram-me: no dia seguinte o Marechal Joffre devia entrar em Portugal, pela fronteira de Marvão, como enviado da França às cerimónias do Soldado Desconhecido: sabia eu dois dedos de francês? Que sim — foi a resposta que dei. E tão exíguos dedos eram êsses que passei o caminho desde Lisboa à fronteira a ruminar tôdas as maneiras possíveis de me dirigir ao Taciturno. Para encurtar razões: emprazaram-me a perpetrar um *furo* em prol da nossa *Imprensa*, com tanto mais cuidado e díligência quanto era certo que *O Jornal* das emprêsas mandava um «ás» à fronteira. Sem

passaporte e com muito pouco dinheiro, na manhã de 8, fui tomar no Rossio o trem de Leste. Com o combóio formava uma carruagem especial onde se instalara a comitiva; mas fui relegado para uma *primeira* simples, coeva do Fontes, pois tinha pó tamanho o estôfo branco que se não podia explicar sem meio século de uso. Em Marvão tinha demora o combóio: foi então que recorri a um ajudante de campo que me conduziu ao Ministro. Era o Sr. Brederode. Não me incomodou a Clandestina. E chegado a Valência de Alcântara fui escalado para uma *fonda*, enquanto Acúrsio Pereira, mais feliz do que eu, pária de ocasião, recebia a galharda hospedagem do *distinguido* vice-cônsul. Fiz a entrevista. Devo essa *caixa*, única na minha carreira de *repórter*, a um homem cujo nome se não pode dizer nesta terra sem fazer *cruzes, canhoto!* Foi o Dr. Afonso Costa o meu introdutor junto a Joffre. E foi tal a impressão que causou àquele estadista o desprotegido rapazinho, sem credenciais prementes e trajando de verde-garrafa, que anos depois, em Paris, me reconheceu de pronto.

Oh! embriaguez do triunfo, oh! glória de abordar a César em pessoa! Eu tinha falado a Joffre! Apertara-me os ossos a mão vitoriosa de França, Senhor Deus dos Exércitos, mais real e perfeitamente do que o que se canta no *Te-Deum!* Senti-me também um semi-deus; e creio que me julguei compensado de tôdas as guardas de polícia que nas Janelas Verdes fizera.

A viagem para Lisboa pareceu-me durar um século. Sentia ganas de gritar a tôda a gente que tinha falado com Joffre, que Joffre se ocupara de mim, inclusivamente (quem sabe?) pronunciara o meu nome:

—Diga-me cá, Sr. Nemésio...

Hein? Merecido galardão para quem registava no mapa da Europa, a bandeirinhas de papel coladas a alfinetes, as vicissitudes da campanha do vencedor do Marne.

Quando cheguei ao Rossio, da *Imprensa de Lisboa* tinham mandado por mim:
— Então, mataste a notícia?
— Uma *caixa*, um *caixão!*
E fui espraiar tanta glória para um café do Cais do Sodré, com um *bock* ao lado e uma sanduíche de queijo, à sombra dos lívidos loiros do obscurecido Vila-Flor.

Guardo do jornalismo uma impressão complicada, puída em muitos pontos, noutros tocada por algumas viçosas saüdades.
E' uma profissão que não tem *facies* — porque tem tôdas aquelas que lhe quisermos dar. Há ali miséria, efemeridade, glória, e o pão que o diabo amassou. Há figuras mais teimosas do que Marco Aurélio em perseverar no ponto de honra, na rocha viva de que são talhadas e donde só a morte as vem desalojar. Figuras há simplesmente boémias e amigas, com uma virtude a seu modo: pouco espartanas, a um lado; a outro, mais custosas de subornar do que uma entrevista a fazer com deputado dissidente. Lembro-me de Eduardo Métzner, que pouco conheci, e de Sarmento Duque, com quem sacrifiquei a Baco algumas vezes — um Baco de altar pacatinho e subalterno de *ermida*, pelas *paróquias* do Bairro Alto. Lembro-me, sobretudo, dêsse nababo de Afonso de Bragança e da nossa vadiice semi-elegante do Pôrto, pelo S. João bem bailado. E estes são os que a Senhora Morte levou... Os três na flor da idade!
Afonso de Bragança, êsse cumpriu à risca o que La Fontaine escreveu:

...je voudrais qu'à cet âge
On sortit de la vie ainsi que
d'un banquet.

Os outros — quási pela mesma.

.....

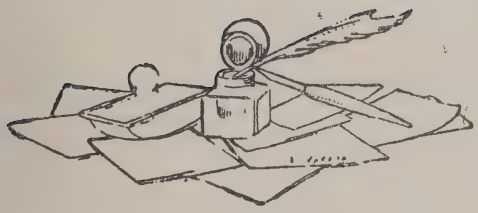
.....

Ouvi dizer outro dia ao Conselheiro Acácio:

— Fulano? Ah, bem sei, coitadinho! É um pobre *repórter* do *Século*. Costuma vir por aí maçar-me com entrevistas... Estes *repórteres*, que praga!

O conselheiro Acácio costuma pedir as entrevistas, e até faz as despesas da prosa.

Vitorino Nemésio.



ÍNDICE

Página

ACÚRSIO PEREIRA — *Ladrões de crianças* — Caricatura de Maribona (1924) 1

ALFREDO DA CUNHA — *Auto-entrevista de um antigo director do «Diário de Notícias»* — Cópia de retrato por António Ascenso 9

ÁLVARO MAIA — *Liberdade de Imprensa...* — Caricatura de Anezts (1927) 13

AMADEU DE FREITAS — *«Redactor habilitado, precisa-se»* — Caricatura de Eduardo Faria 23

ARMANDO BOAVENTURA — *Através do interior de Angola. Á procura do príncipe do Egipto* — Auto-caricatura 27

ARTUR PORTELA — *Como se perde uma «reportagem»* — Caricatura de Francisco Valença 35

AUGUSTO DE CASTRO — *A minha estreia no jornalismo* — Caricatura de Francisco Valença 39

AVELINO DE ALMEIDA — *Como sugeri, sem querer, uma atitude de Silva Graça* — Cópia de retrato por Rocha Vieira. 43

BELO REDONDO — *A morte do Rei* — Caricatura de Ferreira de Albuquerque 49

CAMARA LIMA — *Mariano de Carvalho* — Cópia de retrato de Carlos Reis, por A. Ascenso 55

CARLOS FARO — *Um minuto de hesitação* — Caricatura de Castañé (1927) 57

EDUARDO FERNANDES (ESCULÁPIO) — *A vida anecdótica dos jornais* — Caricatura de Amarelhe (1927) 63

EDUARDO FRIAS — *A musa indiana* — Cópia de retrato por Rocha Vieira 69

EDUARDO DE NORONHA — *Um apêrto... jornalístico* — Cópia de retrato por António Ascenso 75

FELICIANO SANTOS — *O contínuo do jornal* — Cópia de retrato por António Ascenso 81

FERREIRA DE CASTRO — *O segrêdo das nossas derrotas — Como eu fui preso... no Limoeiro* — Cópia de retrato de Eduardo Malta por António Ascenso (1927) 85

HERMANO NEVES — *O quarto de hora do «repórter»* — Auto-retrato (1926) 93

JOÃO RODRIGUES CONSOLADO — *Uma frustrada reünião do parlamento em Coimbra* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 97
JOAQUIM LEITÃO — *Como se lança um amigo – Entrevista com Paul Déroulède*—Caricatura de Celso Hermínio (1901) 103
JOAQUIM MANSO — *O meu primeiro artigo* — Cópia de retrato de Eduardo Malta por António Ascenso..... 107
JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA — *Em certos casos os últimos são os primeiros* — Caricatura de Marcel Abougit (1927). 109
JOSÉ PONTES — *Como nasceu em Portugal o jornalismo desportivo* — Caricatura de Carlos Ribeiro (1928)..... 113
JOSÉ SARMENTO — *Saüdades* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 119
JULIÃO QUINTINHA — *Uma entrevista com Wells* — Caricatura de Bernardo Marques (1927)..... 123
JÚLIO DE ALMEIDA — *A «Batalha do Milhafre»* — Caricatura de Marcel Abougit (1927)..... 131
L. CONSIGLIÉRI SÁ PEREIRA — *Enquanto a cidade dormia...* — Auto-caricatura..... 137
LUÍS DEROUET — *25 anos de jornalismo* — Caricatura de Francisco Valença (1927)..... 141
LUÍS TEIXEIRA — *...Fogo!* — Retrato de António Soares.... 149
LUÍS TRIGUEIROS — *Crónicas mundanas – Um episódio* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 155
MACHADO CORREIA — *Como entrevistei Urbino de Freitas*— Caricatura de Rocha Vieira (1928)..... 159
MAGALHÃES LIMA — *A melhor hora da minha carreira* — Cópia de retrato de Saavedra, por António Ascenso..... 163
MARIO MARTINS — *Bem informados* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 165
MAYER GARÇÃO — *Duas palavras* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 167
NORBERTO DE ARAÚJO — *Um equívoco* — Caricatura de Francisco Valença (1928)..... 169
NORBERTO LOPES — *No rasto das águias* — Caricatura de Francisco Valença..... 173

PINTO QUARTIM — *Um homem persistente* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 177
RAÚL BRANDÃO —*O Dr. Nascimento* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 181
REINALDO FERREIRA — *Quatro quartos de hora de um jornalista* — Caricatura de Ximenes (1927)..... 183
ROCHA MARTINS — *O meu violento e doloroso artigo* — Cópia de retrato por António Ascenso..... 193
ROGÉRIO PEREZ — *O III Centenário de Gongora* — Caricatura de Armando Boaventura (1924)..... 197
SANTOS TAVARES — *«Reportagem» da Saüdade* — Caricatura de Amarelhe (1924)..... 201
SILVA PASSOS — *Uma entrevista difícil* — Caricatura de Armando Boaventura (1927)..... 205
TRINDADE COELHO — *Contraste* — Retrato de Eduardo Malta (1926)..... 211
VIEIRA DA ROSA — *Em horas de revolução — A «reportagem» telegráfica para o estrangeiro* —Caricatura de Maribona, (1922)..... 213
VITORINO NEMÉSIO — *Página de Memórias* — Caricatura de Armando Boaventura..... 217

CORRIGENDA

Neste livro procurou-se respeitar a ortografia oficial com o rigor que as condições tipográficas permitiram. Acêrca da sua revisão houve a pretensão ingénua de que êste volume saísse limpo de mácula de linguagem ou falta tipográfica. Como se isso fôsse humanamente possível...

Poucas são, no entanto, as erratas que se tornam necessárias para a boa inteligência do texto. As principais são:

Pág.	*Linha*	*Lê-se*	*Leia-se*
13	última	coração garganta	coração à garganta
15	11.ª	como uma formidável chapoirada	com uma formidável chapoirada
33	16.ª	erido	ferido
47	última	Novembro de 1926	Novembro de 1927

Acabou de se imprimir aos 14 dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e vinte e oito, na Imprensa Beleza, à R. da Rosa, 99 a 107.
Dêste livro se tiraram 2.000 exemplares e dêle se não fará 2.ª edição

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00001814932